

**INSTITUTO ENSINAR BRASIL
FACULDADE DOCTUM DE JUIZ DE FORA**

SIMONE DE MELO RODRIGUES

**ARQUITETURA ART DÉCO, CINEMA E TEATRO:
Resgate da história e fomento da cultura e lazer em Bicas-MG.**

JUIZ DE FORA

2020

SIMONE DE MELO RODRIGUES
FACULDADE DOCTUM DE JUIZ DE FORA

ARQUITETURA ART DÉCO, CINEMA E TEATRO:

Resgate da história e fomento da cultura e lazer em Bicas-MG.

**Trabalho de Conclusão Curso
apresentado ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da
Faculdade Doctum de Juiz de
Fora, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo.**

**Área de Concentração: Patrimônio
Histórico**

**Orientador: Prof. MSc Isabela
Canônico.**

JUIZ DE FORA

2020

FACULDADE DOCTUM DE JUIZ DE FORA

FOLHA DE APROVAÇÃO

O Trabalho de Curso intitulado: ARQUITETURA ART DÉCO, CINEMA E TEATRO: Resgate da história e fomento da cultura e lazer em Bicas-MG, elaborado pela aluna SIMONE DE MELO RODRIGUES foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Doctum de Juiz de Fora, como requisito parcial da obtenção do título de

BACHAREL EM ARQUITETURA E URBANISMO.

Juiz de Fora, ___ de _____ 2020.

Prof^a. Orientadora: Isabela Canônico

Prof^a. Examinadora 1: Isabela Stiegert

Prof^a. Examinador 2: Isabela Dianim Berzoini

AGRADECIMENTOS

Durante esta longa jornada de estudos não foi fácil enfrentar os desafios que surgiram ao longo do caminho, mas no final tudo deu certo. Sendo assim, gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ter dado força para vencer esses desafios; aos meus pais pela educação recebida e formação de ser humano para eu ser quem eu sou; à minha família, que teve compreensão de aceitar os momentos de ausência, devido aos estudos; a meu companheiro de estudos e trabalho Cláudio José Escaraboto, pelo apoio sempre que preciso; A minha orientadora Professora Isabela Canônico por todo estímulo e atenção; A minha co-orientadora Professora Isabela Stiegert, pela ajuda sempre que necessário e amizade inconfundível; A minha também Professora Isabela Berzoini, pela amizade e pelas conversas enriquecedoras no processo de desenvolvimento deste trabalho; e por fim a todos os professores e colegas de sala mais próximos, que colaboraram para minha formação acadêmica.

“Para ser um bom arquiteto você tem que ter amor pelas pessoas, porque a arquitetura é uma arte aplicada e lida com a moldura da vida das pessoas.”

Ralph Erskine

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Galeria Pio X – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG	29
Figura 2 – Edifício nº 246/250 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG	30
Figura 3 – Edifício nº 214/216 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG	30
Figura 4 – Edifício nº 170/172/174/176 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG	31
Figura 5 – Edifício nº 533 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG	31
Figura 6 – Edifício nº 470 – Correios – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG	32
Figura 7 – Comércio 1 – Bicas-MG	34
Figura 8 – Comércio 2 – Bicas-MG	34
Figura 9 – Antiga Escola Estadual, atualmente fechada – Bicas-MG	35
Figura 10 – Grupo Escolar Coronel Souza – Bicas-MG	35
Figura 11 – Residência Particular 1 datada de 1920	36
Figura 12 – Residência Particular 2 datada de 1920	36
Figura 13 – Residência Particular datada de 1928	37
Figura 14 – Casa de “Parede-meia” – Bicas-MG	37
Figura 15 – Vila Paraizo (recentemente reformada) – Bicas-MG	38
Figura 16 – Residência Particular 3 – Bicas-MG	38
Figura 17 – Residência Particular datada de 1925 – Bicas-MG	39
Figura 18 – Comércio 3 – Bicas-MG	39
Figura 19 – Fachada do prédio onde funcionou o Cine São Luiz – Dezembro de 2015	44
Figura 20 – Cine Theatro Central – Bicas-MG	47
Figura 21 – Cine Theatro São José – Bicas-MG	48
Figura 22 – Cineteatro Capitólio – Foto da entrada – Anos 30	49
Figura 23 – Cineteatro Capitólio – 2020	50
Figura 24 – Excerto do artigo publicado no Notícias Ilustrado de 1930	55
Figura 25 – Projeto da Esplanada Egípcia – Autoria de Luis Cristino e Porfírio Pardal Monteiro	56
Figura 26 – Arquiteto Luis Cristino da Silva	57
Figura 27 – Arquiteto Porfírio Pardal Monteiro	57
Figura 28 – Arquiteto Alberto Souza Oliveira	58

Figura 29 – Fachada do projeto original de 1929 com as assinaturas dos arquitetos	59
Figura 30 – Perspectiva do interior da sala de espetáculos em 1974	59
Figura 31 – Planta Intermediária do projeto original de 1929	60
Figura 32 – Corte do projeto original de 1929	61
Figura 33 – Capitólio – Foto do terraço para o lado da Av. Liberdade em 1930	61
Figura 34 – Capitólio – Foto do terraço para o lado do Jardim Botânico em 1930 .	62
Figura 35 – Capitólio – Maquete do projeto original em 1929	62
Figura 36 – Capitólio – Cortes e fachadas do projeto original em 1929	63
Figura 37 – Capitólio – Fachada Principal no ano de 1992 com alterações	64
Figura 38 – Maquete – Projeto Parque Mayer – Aires e Mateus & Associados	66
Figura 39 – Maquete – Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Fachada Posterior Souza Oliveira Arquitetura e Urbanismo Lda	66
Figura 40 – Maquete – Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Fachada Posterior	67
Figura 41 – Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Planta Geral de Intervenções 1.....	68
Figura 42 – Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Planta Geral de Intervenções 2	69
Figura 43 – Vista do Cineteatro Capitólio – Início das obras em Abril de 2012	70
Figura 44 – Vista do Cineteatro Capitólio – Fase de acabamento em Dezembro de 2014	70
Figura 45 – Vista da Casa da Música	72
Figura 46 – Arquiteto Rem Koolhaas	78
Figura 47 – Arquiteto Elia Zenghelis	78
Figura 48 – Arquiteta Madelon Vriesendorp	79
Figura 49 – Arquiteta Zoe Zenghelis	79
Figura 50 – Croqui Implantação – Casa da Música	80
Figura 51 – Implantação – Casa da Música	81
Figura 52 – Diagrama – Casa da Música	82
Figura 53 – Planta Pav. -1 ao 3 – Casa da Música	83
Figura 54 – Planta Pav. 4 ao 6 – Casa da Música	83
Figura 55 – Vista Interna do Auditório – Casa da Música	84
Figura 56 – Vista Interna do Palco do Auditório – Casa da Música	85
Figura 57 – Escadas com acabamento em alumínio – Casa da Música	85

Figura 58 – Cortina de Vidro nas extremidades do Auditório – Casa da Música ...	86
Figura 59 – Azulejos Preto e Branco do terraço – Casa da Música	86
Figura 60 – Azulejos pintados à mão – Casa da Música	87
Figura 61 – Vista Externa – Casa da Música	88
Figura 62 – Estação Júlio Prestes – Sala São Paulo	90
Figura 63 – Arquiteto Cristiano Stocklek das Neves	96
Figura 64 – Arquiteto Nelson Dupré na Sala São Paulo	96
Figura 65 – Construção – Estação Júlio Prestes	97
Figura 66 – Ilustração 1 – Sala São Paulo	98
Figura 67 – Ilustração 2 – Sala São Paulo	98
Figura 68 – Croquis Restauração – Nelson Dupré – Sala São Paulo	99
Figura 69 – Esquema Restauração e Readequação – Sala São Paulo	100
Figura 70 – Planta Baixa – Térreo – Sala São Paulo	101
Figura 71 – Planta Baixa – Mezanino – Sala São Paulo	101
Figura 72 – Planta Baixa – 1º Pavimento – Sala São Paulo	102
Figura 73 – Planta Baixa – 2º Pavimento – Sala São Paulo	102
Figura 74 – Corte AA – Sala São Paulo	103
Figura 75 – Corte BB – Sala São Paulo	103
Figura 76 – Corte CC – Sala São Paulo	104
Figura 77 – Croqui Forro Acústico – Sala São Paulo	107
Figura 78 – Forro Acústico – Sala São Paulo	108
Figura 79 – Croqui “Bandeira” Acústica – Sala São Paulo	108
Figura 80 – “Bandeira” Acústica – Sala São Paulo	108
Figura 81 – Restauro Fachada Principal 1 – Sala São Paulo	109
Figura 82 – Aplicação do jato de água morna na Fachada Principal – Sala São Paulo	110
Figura 83 – Restauro Fachada Principal 2 – Sala São Paulo	110
Figura 84 – Restauro Cobertura – Sala São Paulo	111
Figura 85 – Restauro Paredes Internas do Grande Hall – Sala São Paulo	111
Figura 86 – Restauro dos Pisos – Sala São Paulo	112
Figura 87 – Restauro Elementos de Gesso – Sala São Paulo	113
Figura 88 – Restauro dos Vitrais e Clarabóias – Sala São Paulo	113
Figura 89 – Restauro Paredes Internas – Sala São Paulo	114
Figura 90 – Restauro Caixilhos Metálicos – Sala São Paulo	114

Figura 91 – Restauo Caixilhos de Madeira – Sala São Paulo	115
Figura 92 – Restauo Elevadores de Passageiros – Sala São Paulo	116
Figura 93 – Novas Fundações – Sala São Paulo	117
Figura 94 – Piso da Platéia – Sala São Paulo	117
Figura 95 – Piso do Palco e Elevadores – Sala São Paulo	118
Figura 96 – Vigas de aço em balanço Balcões Laterais – Sala São Paulo	118
Figura 97 – Painéis de Fechamento – Sala São Paulo	119
Figura 98 – Balcão Superior – Sala São Paulo	119
Figura 99 – Nova Cobertura – Sala São Paulo	120
Figura 100 – Estrutura Metálica para 1º Pav. de Balcões – Sala São Paulo	120
Figura 101 – Antecâmaras – Sala São Paulo	121
Figura 102 – Garagem – Sala São Paulo	121
Figura 103 – Cine-Theatro Central – Juiz de Fora-MG	123
Figura 104 – Arquiteto Raphael Arcuri	129
Figura 105 – Teatro Polytheama – Ano de 1915	130
Figura 106 – Demolição do Teatro Polytheama	131
Figura 107 – Vão sem pilstras sobre a platéia – Cine-Theatro Central	132
Figura 108 – Pinturas de Ângelo Bigi – Cine-Theatro Central	133
Figura 109 – Capa da Revista Central distribuída no dia da inauguração do teatro	134
Figura 110 – Planta Baixa – Cine-Theatro Central	135
Figura 111 – Abrangência de Espectadores – Cine-Theatro Central	136
Figura 112 – Planta Baixa – Palco – Cine-Theatro Central	136
Figura 113 – Corte – Palco – Cine-Theatro Central	137
Figura 114 – Foyer do 1º Andar – Cine-Theatro Central	138
Figura 115 – Camarote Especial – Cine-Theatro Central	138
Figura 116 – Balcão Nobre – Cine-Theatro Central	139
Figura 117 – Camarote – Cine-Theatro Central	139
Figura 118 – Galeria – Cine-Theatro Central	139
Figura 119 – Restauradores e Arte de Ângelo Bigi – Cine-Theatro Central	140
Figura 120 – Restauração – Cine-Theatro Central	141
Figura 121 – Fluxograma – Cineteatro	160
Figura 122 – Perfil Esquemático – Cineteatro	164
Figura 123 – Estudo de Massa – Cineteatro	164

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico de Grau de Escolaridade .	150
Gráfico 2 – Gráfico de Faixa Etária	150
Gráfico 3 – Gráfico de Espaços Públicos-privados de Cultura e Lazer	151
Gráfico 4 – Gráfico de Criação de Espaço de Cultura e Lazer na Praça São José	151
Gráfico 5 – Gráfico de Utilização do Cineteatro pelas Escolas Locais	152
Gráfico 6 – Gráfico de Abertura de Cinema na cidade	152
Gráfico 7 – Gráfico de Espaço dedicado ao Teatro	153
Gráfico 8 – Gráfico de Utilização do Cineteatro para apresentações musicais	153
Gráfico 9 – Gráfico de Aprovação da Proposta	154
Gráfico 10 – Gráfico de Possíveis Ambientes no Cineteatro	155

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa de Localização – Lisboa – Portugal	50
Mapa 2 – Mapa de Localização – Parque Mayer – Lisboa	51
Mapa 3 – Mapa de Localização – Cineteatro Capitólio – Parque Mayer.....	51
Mapa 4 – Mapa de Pontos Referenciais – Cineteatro Capitólio	52
Mapa 5 – Mapa de Trânsito – Cineteatro Capitólio	53
Mapa 6 – Mapa de Usos – Cineteatro Capitólio	54
Mapa 7 – Mapa de Localização – Porto – Portugal	73
Mapa 8 – Mapa de Localização – Rotunda da Boa Vista – Porto	73
Mapa 9 – Mapa de Localização – Casa da Música – Rotunda da Boa Vista	74
Mapa 10 – Mapa de Pontos Referenciais – Casa da Música	75
Mapa 11 – Mapa de Trânsito – Casa da Música	76
Mapa 12 – Mapa de Usos – Casa da Música	77
Mapa 13 – Mapa de Localização – São Paulo – Brasil	91
Mapa 14 – Mapa de Localização – Bairro Campos Elíseos – São Paulo	91
Mapa 15 – Mapa de Localização – Sala São Paulo – Bairro Campos Elíseos	92
Mapa 16 – Mapa de Pontos Referenciais – Sala São Paulo	93
Mapa 17 – Mapa de Trânsito – Sala São Paulo	94
Mapa 18 – Mapa de Usos – Sala São Paulo	95
Mapa 19 – Mapa de Localização – Juiz de Fora – Minas Gerais – Brasil	124
Mapa 20 – Mapa de Localização – Bairro Centro – Juiz de Fora	124
Mapa 21 – Mapa de Localização – Cine-Theatro Central – Bairro Centro	125
Mapa 22 – Mapa de Pontos Referenciais – Cine-Theatro Central	126
Mapa 23 – Mapa de Trânsito – Cine-Theatro Central	127
Mapa 24 – Mapa de Usos – Cine-Theatro Central	128
Mapa 25 – Mapa de Localização – Zona da Mata Mineira – Minas Gerais – Brasil	142
Mapa 26 – Mapa de Localização – Município de Bicas	143
Mapa 27 – Mapa de Localização – Centro – Bicas	143
Mapa 28 – Mapa de Localização – Terreno Proposto – Praça São José	144
Mapa 29 – Mapa de Pontos Referenciais – Terreno Proposto – Praça São José	145
Mapa 30 – Mapa de Usos – Terreno Proposto – Praça São José	146

Mapa 31 – Mapa de Trânsito – Terreno Proposto – Praça São José	147
Mapa 32 – Mapa de Gabarito – Terreno Proposto – Praça São José	148
Mapa 33 – Estudo de Insolação e Ventos Predominantes – 07 hs – Terreno Proposto – Praça São José	148
Mapa 34 – Estudo de Insolação e Ventos Predominantes – 17 hs – Terreno Proposto – Praça São José	149
Mapa 35 – Implantação e Fluxos – Cineteatro	159
Mapa 36 – Setorização – Pavimento Térreo – Cineteatro	161
Mapa 37 – Setorização – Primeiro Pavimento – Cineteatro	162
Mapa 38 – Setorização – Segundo Pavimento – Cineteatro	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Pré-dimensionamento – Programa de Necessidades - Cineteatro..... 156

RESUMO

O tema que permeia esta pesquisa está voltado para a preocupação com a educação patrimonial dos moradores da cidade de Bicas-MG. E para isso, será feita abordagem sobre um pouco da história local, através de sua arquitetura, sendo escolhido o estilo *Art Déco* e uma manifestação artística que atualmente a cidade não mais possui o cinema e o teatro. Portanto, será feita uma pesquisa teórica, buscando embasamento necessário para em uma próxima etapa, trazer a proposta do projeto de um Cineteatro na cidade, que irá representar um novo espaço para integração social entre as pessoas, além de possibilitar entretenimento, aprendizado e cultura. A metodologia utilizada será feita através de revisão bibliográfica de fonte segura, estudos de caso, material gráfico produzido pela autora, material iconográfico adquirido através de levantamento realizado pela autora, aplicação de um questionário virtual para obter a percepção de uma parcela da população sobre a proposta de projeto afirmada no estudo. É visto que este estudo tem a pretensão de estimular a proliferação de conhecimento e cultura que gerará educação patrimonial para que ocorra um processo sistemático de trabalho educacional, centrado no Patrimônio Histórico e Cultural de um lugar, através do contato direto com evidências e manifestações de cultura, a população é levada a um processo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural. Após todo o processo de captação de informações e análises da área escolhida para implementação da proposta, resulta deste trabalho a constatação que uma parcela da população alcançada pela pesquisa, apoia e impulsiona a sugestão para a criação de um espaço dedicado à cultura e lazer na cidade, este incentivará às pessoas ao conhecimento e procurará ativar o sentimento de pertencimento e valorização local.

Palavras-chave: Arquitetura Art Déco. Cineteatro. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

The theme that permeates this research is focused on the concern with heritage education for residents of the city of Bicas-MG. And for that, an approach will be made about a little of the local history, through its architecture, choosing the *Art Deco* style and an artistic expression that currently the city no longer has cinema and theater. Therefore, a theoretical research will be carried out, seeking the necessary background to, in a next step, bring the proposal for a Cine Theater project in the city, which will represent a new space for social integration between people, in addition to enabling entertainment, learning and culture. The methodology used will be made through a bibliographic review of a safe source, case studies, graphic material produced by the author, iconographic material acquired through a survey carried out by the author, application of a virtual questionnaire to obtain the perception of a portion of the population about the proposal design stated in the study. It is seen that this study aims to stimulate the proliferation of knowledge and culture that will generate heritage education so that a systematic process of educational work takes place, centered on the Historical and Cultural Heritage of a place, through direct contact with evidence and manifestations of culture, the population is taken to a process of knowledge, appropriation and appreciation of its cultural heritage. After the whole process of capturing information and analysis of the area chosen for the implementation of the proposal, the result of this work is the finding that a portion of the population reached by the research, supports and drives the suggestion for the creation of a space dedicated to culture and leisure in the city, this will encourage people to know and seek to activate the feeling of belonging and local appreciation.

Key Words: Art Deco Architecture. Cine theater. Heritage Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. OBJETIVOS	20
2.1. Objetivo Geral	20
2.2. Objetivos Específicos	20
3. JUSTIFICATIVA	20
4. METODOLOGIA	22
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
5.1. O Estilo Art Déco	23
5.2. Sobre a História da Arquitetura Art Déco e seus principais arquitetos	25
5.3. Sobre a História da Arquitetura Art Déco no Brasil	26
5.4. Sobre a História da Arquitetura Art Déco em Juiz de Fora-MG e sua influência na cidade de Bicas-MG	28
5.5. Sobre a relação entre o cinema e o teatro	40
5.6. Sobre a História do cinema em Juiz de Fora-MG	41
5.7. Sobre a História do cinema em Bicas-MG	45
6. ESTUDOS DE CASO	49
6.1. Cine Teatro Capitólio, Lisboa, Portugal	49
6.1.1. Ficha técnica do projeto	49
6.1.2. Localização	50
6.1.3. Análise do entorno	52
6.1.4. Sobre os arquitetos	54
6.1.5. Sobre o projeto.....	58
6.1.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto	71
6.2. Casa da Música, Porto, Portugal	72
6.2.1. Ficha técnica do projeto	72
6.2.2. Localização	72
6.2.3. Análise do entorno	74
6.2.4. Sobre os arquitetos	77
6.2.5. Sobre o projeto.....	80
6.2.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto	88
6.3. Sala São Paulo, São Paulo, Brasil	89
6.3.1. Ficha técnica do projeto	89
6.3.2. Localização	90

6.3.3. Análise do entorno	92
6.3.4. Sobre os arquitetos	95
6.3.5. Sobre o projeto.....	97
6.3.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto	122
6.4. Cine Teatro Central, Juiz de Fora, Brasil.....	122
6.4.1. Ficha técnica do projeto	122
6.4.2. Localização	123
6.4.3. Análise do entorno	125
6.4.4. Sobre os arquitetos	128
6.4.5. Sobre o projeto.....	129
6.4.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto	141
7. DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DO ENTORNO.....	142
7.1. Estudo da área de interesse	142
7.2. Estudo do entorno imediato	145
7.3. Estudo do terreno escolhido	147
7.4. A percepção da população de Bicas-MG sobre um projeto de Cine Teatro para a cidade.....	149
8. PROGRAMA DE NECESSIDADES.....	155
9. PARTIDO PROJETUAL	158
9.1. Memorial Justificativo	158
9.2. Implantação, Setorização, Fluxograma e Plano de Massas	158
10. CONCLUSÃO	165
11. REFERÊNCIAS	166

1. INTRODUÇÃO

Inúmeras experiências e atividades são realizadas em diferentes contextos e locais do país para demonstrar resultados na recuperação da memória coletiva, no resgate da autoestima de comunidades em processo de desestruturação, no desenvolvimento local e no encontro de soluções inovadoras de preservação do patrimônio cultural, em áreas sob o impacto de mudanças em seu meio ambiente.

Segundo Maria de Lourdes Parreira Horta, museóloga e doutora em museologia, o desenvolvimento de programas de Educação Patrimonial envolvendo não só as escolas, mas também as organizações da comunidade local, as famílias, as empresas e, principalmente, as autoridades responsáveis, contribui para a ampliação de uma nova visão do Patrimônio Cultural Brasileiro em sua diversidade de manifestações, tangíveis e intangíveis, materiais e imateriais, como fonte primária de conhecimento e aprendizado, a ser utilizada e explorada na educação de crianças e adultos, ou ainda como instrumento de motivação, individual e coletiva para a prática da cidadania e o estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre as gerações. (HORTA, 2003, p.1).

Ainda segundo Horta, o princípio básico da Educação Patrimonial é a experiência direta dos bens e fenômenos culturais, para se chegar à sua compreensão e valorização, em um processo contínuo de descoberta. Ter conhecimento crítico e apropriação consciente por parte das comunidades e indivíduos do seu “patrimônio” são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania. O patrimônio é algo herdado de nossos pais e antepassados, essa herança só passa a ser nossa, para ser usufruída, se nos apropriarmos dela, a conhecermos e reconhecer como algo que nos foi deixado, e que devemos deixar como heranças para nossos descendentes, para as gerações que nos sucederão no tempo e na história. (HORTA, 2003, p. 2).

Muitas cidades ao passar do tempo sofrem mudanças na sua paisagem urbana e muitas edificações que representam uma fase histórica da cidade, se perdem ou sofrem mudanças consideráveis. A pesquisa abordará a preocupação com a educação patrimonial na cidade de Bicas-MG, contando um pouco da história local através de sua arquitetura, sendo escolhido o estilo *Art Déco*, que marcou

bastante a cidade no seu desenvolvimento urbano, e uma manifestação artística e cultural que atualmente a cidade não possui, o cinema e o teatro.

Na busca de uma nova perspectiva sobre o assunto, esta pesquisa trará o embasamento teórico sobre a importância de ferramentas que tragam cultura à população, e a proposta de projeção de um Cineteatro no centro da cidade de Bicas para proporcionar cultura, lazer e conhecimento a moradores e visitantes. Visando também um resgate da identidade local com o surgimento de uma edificação contemporânea, mas que remeta à arquitetura *Art Déco*, muito forte na cidade na década de 1930.

O artigo começa abordando a história sobre o estilo *Art Déco*, sobre a arquitetura *Art Déco*, seus principais arquitetos, sua representatividade no Brasil, em Juiz de Fora-MG, que influenciou diretamente a cidade de Bicas-MG, a relação entre cinema e teatro, a história do cinema em Juiz de Fora e Bicas, estudos de caso de cineteatros no mundo e no Brasil, questionário virtual aplicado a uma parcela da população de Bicas, para apreender a percepção sobre a proposta de um cineteatro no centro da cidade, e por fim, análises da área escolhida para em um segundo momento desenvolvimento desse possível projeto.

Deste modo, a pesquisa exalta que a população deve ser estimulada para tomar ciência de sua história, e contato direto com manifestações de cultura acarreta um processo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança histórico-cultural.

2. OBJETIVO

2.1. Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é trazer à tona a preocupação com a educação patrimonial dos moradores da cidade de Bicas-MG. Sendo assim, será feita uma pesquisa teórica, buscando embasamento necessário para em uma próxima etapa, trazer a proposta do projeto de um Cineteatro na cidade, que irá representar um novo espaço para integração social entre as pessoas, além de possibilitar entretenimento, aprendizado e cultura.

2.2. Objetivos Específicos

Para que o objetivo geral deste estudo seja alcançado, serão traçados os objetivos específicos abaixo:

- ✓ Realizar embasamento teórico sobre a história da arquitetura Art Déco, cinema e teatro ocorridos em Juiz de Fora e Bicas-MG;
- ✓ Realizar estudos de casos sobre projetos de cinemas e teatros;
- ✓ Levantar dados sobre a percepção da população a respeito da importância de se criar o projeto de um Cineteatro na cidade.

3. JUSTIFICATIVA

O estudo a ser realizado está focado na preocupação com a educação patrimonial na cidade de Bicas, e para isso, os olhos serão voltados para contar um pouco da história local, através de sua arquitetura e uma manifestação artística, que atualmente a cidade não mais possui o cinema e o teatro.

O estilo arquitetônico escolhido foi o *Art Déco*, que durante os anos de 1920 e 1930, prevaleceu na cidade de Juiz de Fora, segundo o professor Antônio Carlos Duarte. (DUARTE, 2013, p. 22). Ao mesmo tempo na cidade de Bicas, também acontecia o mesmo movimento da arquitetura *Art Déco*.

Com o passar do tempo, Bicas teve suas construções sucumbidas ou modificadas, fazendo com que novas gerações de moradores e também visitantes, não tivessem acesso à parte da história arquitetônica e urbana da cidade.

Visando trazer uma nova perspectiva sobre o assunto, esta pesquisa trará o embasamento teórico sobre a importância de ferramentas que tragam cultura à população, e a possível projeção de um Cineteatro no centro da cidade, mais precisamente de frente para a Praça São José, o qual irá proporcionar cultura e lazer a moradores e visitantes de Bicas.

A busca de um resgate da identidade local vai ocorrer com o surgimento de uma edificação contemporânea, mas que remeta à arquitetura *Art Déco* que foi muito forte na cidade durante a década de 1930, pois a cidade de Bicas acompanhava o que estava ocorrendo na arquitetura da cidade de Juiz de Fora, e dentro de suas possibilidades acompanhava esse processo de mudança e crescimento.

Voltando-se para trazer mais cultura à população local, é visto que, peças de teatro e filmes são atrações que possibilitam relaxamento, entretenimento, além de serem importantes para ajudar às pessoas no aprendizado e nas relações sociais, bem como no desenvolvimento de outras culturas. De acordo com Cavassin:

Arte é forma de conhecimento, pois envolve a história, a sociedade, a vida. Não está apenas ligada a idéia de prazer estético, contemplação passiva, mas ao contrário, é dinâmica e representa trabalho já que possui forças materiais e produtivas que impulsionam as relações históricas e sociais e levam o homem à compreensão de si mesmo e da sociedade. (CAVASSIN, 2008, p. 49).

Também é importante ressaltar que esse novo espaço será utilizado para apresentação de peças teatrais, utilização pelas escolas, para suprir a necessidade de um auditório, local para reuniões que possam tratar de assuntos de interesse da população, e é claro, a existência da sétima arte na cidade, onde a população possa ter momentos de lazer, trazendo uma nova opção de passeio em Bicas-MG.

É visto que, a população deve ser estimulada para tomar conhecimento de sua história, que com o passar dos anos, se perde no tempo, e muitas das vezes são deixados de lado os acontecimentos históricos que proporcionaram a atual história e vivência de uma sociedade. Sendo assim, é importante a preocupação com a proliferação de conhecimento e cultura que gerará educação patrimonial, tão

importante para que ocorra um processo sistemático de trabalho educacional, centrado no Patrimônio Histórico e Cultural de um lugar, trazendo enriquecimento individual e coletivo. Acredita-se que através do contato direto com evidências e manifestações de cultura, a população é levada a um processo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural.

4. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa serão utilizadas diversas ferramentas, a começar pelo embasamento teórico que será realizado a partir de livros, artigos científicos e sites confiáveis, escritos e desenvolvidos por profissionais e estudiosos da área. Fontes onde serão encontrados textos, materiais gráficos e imagens que enriquecerão o trabalho de análise sobre o tema abordado, no caso, arquitetura Art Déco e Cinema.

Outro instrumento a ser utilizado é o desenvolvimento de estudos de caso de edificações que tratam do assunto estudado, no caso, cinemas e teatros. Pois assim, será possível agregar conhecimento em todo o processo de ampliação da pesquisa, abordando as características arquitetônicas desta tipologia de edificação, através da estética, estrutura, função e usabilidade.

Voltando-se para um dos assuntos abordados no trabalho, que é a arquitetura *Art Déco*, e para que este seja ainda mais enriquecido, será utilizado material iconográfico através de fotos atuais realizadas pela autora para levantamento de edificações com este estilo arquitetônico ainda presentes na cidade, sendo elas modificadas ou não.

Baseando-se em todo material e conhecimento adquiridos através dos referenciais teóricos e estudos de caso, será feita a aplicação de um questionário virtual, enviado através de ferramentas de comunicação via internet, com o intuito de captar a percepção da população sobre a importância de se desenvolver um projeto de Cine-Teatro na cidade.

Outra questão a ser analisada será o estudo do terreno escolhido para a projeção do Cine-Teatro. A partir daí, será feito um estudo na busca de propostas e esclarecimentos que possam cooperar para que sejam alcançados os resultados almejados por este trabalho científico.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1. O Estilo *Art Déco*

O estilo *Art Déco* surgiu na França no início do século XX, porém suas origens são do final do século XIX. Segundo Porto, o estilo alcançou seu auge em 1925, na *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, realizada em Paris, e a partir deste momento começou a desaparecer. (PORTO, 2013).

O nome “*déco*” vem de “*décoratif*”, ele abarcou a arquitetura, moda, artes gráficas, mobiliário, têxteis, vidros, escultura, joalheria e cerâmica, uma área onde não se manifestou foi a pintura. De acordo com Cláudia Porto, o estilo recebeu influências da África, das arquiteturas Maia, Asteca, do Egito, principalmente depois da descoberta da tumba de Tutankamon em 1922, da imaginária clássica, do rococó, dos estilos Luís XV, Luís XVI, Diretório, Império e também dos movimentos Cubista, Futurista, Fauvista e Neoplasticista. (PORTO, 2013).

As raízes do estilo *Art Déco* nasceram ainda durante o estilo *Art Nouveau*, quando alguns artistas começaram a trabalhar com formas mais retas e mais geométricas. Porto relata que o estilo possuía duas vertentes: a primeira marca o momento de reconciliação da arte e da indústria, onde o design era mais funcional e mais simples, facilitando a produção em massa e utilizando materiais mais baratos para tornar os preços mais acessíveis, como fórmica, cromo, plástico, etc, e ainda com uma ideia racionalista, sem decoração, inspirada na máquina, que mais tarde inspiraria o desenvolvimento do Modernismo. A segunda vertente fez uso das formas estilizadas da natureza, animais longilíneos ou arredondados, sendo eles, galgos, gazelas, pombos, pinguins e ursos, figuras femininas, motivos geométricos e decoração abundante, trazendo uma visão mais estilosa, com cores vivas e materiais preciosos e inusitados, que levavam a uma triagem limitada ou até mesmo a uma peça única, com uso materiais como pasta de vidro e de cristal, ferro batido, mármore, bronze, prata, madeiras raras, pedras preciosas e semi-preciosas, marfim, madrepérola e tartaruga.

Levando em consideração os campos citados acima onde houve aplicação do estilo *Art Déco*, quatro itens se destacaram as esculturas, as luminárias, os mobiliários e as artes gráficas.

A escultura *Déco* utilizou formas femininas, em busto ou de corpo inteiro e alguns animais como panteras, cães, ursos, galas e pinguins. Uma matriz podia ser reproduzida em diferentes tamanhos e materiais e servir de objetos de uso como suporte para livros ou campainha de jantar. Elas surgem na Europa, mais precisamente na França e Alemanha, como dito por Porto:

Surgiram primeiramente na França e Alemanha, e foram largamente imitadas por outros países. Devido à abertura do vasto mercado do Congo Belga, o marfim era, na época, mais barato do que o bronze. Se na Alemanha o fundamental era o trabalho acurado do mármore e as superfícies tranquilas e despojadas, a escultura francesa era mais teatral, com acabamento intrincado do metal. (PORTO, 2013, p. 4).

O *Art Déco* criou uma variedade de luminárias, sendo elas, de pé, de mesa e de parede, normalmente em metal e vidro, mas também eram feitas em plástico e bronze. A escola de artes alemã Bauhaus, desenhou modelos funcionais, um dos mais famosos foi o Kanden da artista Marianne Brandt, sendo ainda hoje base para muitas luminárias. Já os modelos franceses foram criados por nomes como Lalique, Daum, Ernest Sabino, Jean Perzel e por um dos maiores estúdios de iluminação de Paris, *Decoration Interieure Moderne*, que explorava linhas retas e limpas. Os modelos americanos eram modernos, geométricos, criados em baquelite, uma resina sintética, fórmica, aço e alumínio escovado.

Com relação ao mobiliário *Art Déco*, conforme Cláudia Porto, duas tendências dominaram o mobiliário, a primeira utilizava materiais buscando a produção em massa, e a segunda escolhia materiais raros, fazendo trabalhos de altíssima qualidade. Cláudia narra:

Na França, o movimento nacionalista fez ressurgir os estilos Luís XV, Luís XVI, Diretório e Império adaptados ao gosto moderno, abolindo a obsessão por curvas do *Art Nouveau*. Usaram-se materiais exóticos como o ébano e o pau-rosa, o marfim, a madrepérola, a tartaruga e a laca. Algumas das melhores peças criadas no período foram da autoria de Emile-Jacques Ruhlmann (1879-1933), Süe e Mare, Pierre Legrain (1887-1929), Jean Dunand e designers da Bauhaus como Mies van der Rohe e Marcel Breuer,

que procuraram sempre desenvolver peças mais funcionais e racionais. (PORTO, 2013, p. 5).

Porto relata que dentro das artes gráficas, o cartaz foi o elemento principal do *Art Déco*. O desenvolvimento da propaganda invadia as cidades com impressos descritos com letras encorpadas e geométricas, cores fortes e temas inspirados na velocidade, nas viagens e na nova mulher que surgia chique, segura de si e cheia de energia. (PORTO, 2013, p. 5).

5.2. Sobre a História da Arquitetura *Art Déco* e seus principais arquitetos

De acordo com Telma de Barros Correia, a arquitetura *Art Déco* é pouco conhecida e valorizada, podendo ser feitas algumas restrições ao uso do termo *Art Déco* para designar um estilo de arquitetura, ela diz:

O fato de o que se entende por arquitetura *Art Déco* englobar uma diversidade de formas; e de que prédios que podem ser vinculados a essa tendência terem sempre aspectos relevantes que podem ser associados a outras vertentes arquitetônicas (neoclássica, eclética, moderna etc.). (CORREIA, 2008, p.47).

Dentre essas arquiteturas, a arquitetura moderna está bastante ligada ao estilo *Art Déco*. Os arquitetos dessa nova fase rejeitavam as formas e os conceitos do *Art Nouveau*, eles buscavam o apelo estético na própria funcionalidade do edifício, sendo assim, o *Art Déco* foi um estilo aplicado às construções modernas e destacava os contornos das estruturas e os seus acessos como muros, grades, portões, portas e elevadores. Foi uma arquitetura que utilizava materiais como mármore amarelo decorado com uma lâmina fina de latão imitando ouro, estuque azul, ferro batido, madeira esculpida e dourada.

Claudia Porto destaca que a arquitetura *Art Déco* tinha momentos diferentes na Europa e nos Estados Unidos, ela afirma:

Se o período de redução de despesas por que passava a Europa, devido à devastação causada pela I Guerra Mundial, não acenava para um boom na construção (são exemplo Déco o Teatro Savoy, de 1920 e o Strand Palace Hotel, de 1930, na Inglaterra), a América enfrentava um movimento oposto, e sua expansão está documentada em inúmeras construções Déco em Miami, Chicago, Nova Iorque, Los Angeles, São Francisco e Kansas City: casas particulares, salas de cinema, lojas, hotéis e arranha-céus (estes, a

maior expressão do estilo, símbolos do capitalismo e da industrialização). Alguns exemplos mais característicos foram o prédio da Chrysler (1927), desenhado por William van Alen (1883-1954), com 319m de altura, uma torre decorada com arcos superpostos em aço cromado, terminando em janelas triangulares (tratadas, elas próprias, como um elemento de design), o Empire State (1931), e o Rockefeller Center com o seu Radio City Music Hall. (PORTO, 2013, p. 3).

O interior das construções neste estilo era decorado por motivos geométricos, com mármore, espelhos e metais, de cores fortes ou pastéis nas paredes de fundo, datados das décadas de 1920 e 1930.

Segundo a professora e museóloga Cláudia Porto, alguns arquitetos em destaque com o estilo *Art Déco* também se destacaram na arquitetura modernista, dentre eles, Frank Lloyd Wright, que desenvolveu uma interpretação orgânica do conjunto arquitetônico, cada detalhe desenhado era para se encaixar no espaço formal e funcional, adotou sempre que possível um único material, procurando formas geométricas e linhas retas. Walter Gropius, fundador da escola Bauhaus, escola de artes e ofícios alemã, dedicou-se a criar formas cuja beleza ligava-se à função do objeto. Josef Hoffmann desenvolveu trabalhos alinhando design e qualidade. (PORTO, 2013, p. 3).

5.3. Sobre a História da Arquitetura *Art Déco* no Brasil

No Brasil a arquitetura *Art Déco* estará em conjunto com outras arquiteturas: a colonial, ocorrendo nas moradias unifamiliares; a composição clássica, ocorrendo em prédios institucionais; e a moderna, ocorrendo em prédios comerciais e residenciais. Correia confirma a junção entre do *Art Déco* com outros estilos e arquiteturas:

Na arquitetura, recebeu impulsos do cubismo, do futurismo, do expressionismo e de outros movimentos das artes plásticas, ao mesmo tempo em que absorveu influências diversas de arquiteturas anteriores e contemporâneas. Concilia aspectos do racionalismo moderno e vínculos com o ecletismo, representando uma “síntese formal da estilização equidistante da vanguarda e da tradição” e “conjugando as tradições acadêmicas *beaux-arts* de hierarquização volumétrica e decorativista, com a negação do historicismo. (CORREIA, 2008, p. 49).

Um dos itens que marcam o vínculo com a arquitetura *beaux-arts*¹, ocorre através de seu apelo decorativo através da volumetria em composições marcadas pelo jogo de formas geométricas e fachadas com elementos figurativos. Outro fato é a adoção de regras como a simetria, eixo e hierarquia na distribuição da planta, ênfase no acesso principal, repartição da fachada em base, corpo e coroamento, e por fim, elementos da linguagem clássica como colunas, óculos, frontões, capitéis, pilastras e platibandas.

A inovação trazida na arquitetura *Art Déco* estava na simplificação através de formas geométricas em seus elementos decorativos e na diversificação e atualização de suas influências ornamentais. Segundo Telma, as máquinas foram fonte de inspiração para esta arquitetura:

As máquinas, especialmente os grandes navios, foram uma fonte importante de inspiração desta arquitetura: nela os vão circulares – muitas vezes dispostos enfileirados – distanciavam-se dos óculos e remetem às escotilhas de navios (ou a janelas de aviões); os gradis de ferro adotam, com frequência, formas despojadas, inspiradas em guarda-corpos de passadiços; enquanto os volumes arredondados sugerem torres de comendo ou convés de popa. (CORREIA, 2008, p. 51).

A arquitetura de tendências *art déco* também utilizou formas escalonadas, uso cenográfico da luz através do neon compondo fachadas e vitrais, além de texturas nas superfícies e padrões esquemáticos de cores. (CORREIA, 2008, p. 51).

O cenário arquitetônico das cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1940 foi marcado pela arquitetura *Art Déco*, que se mostrou capacitada para depositar a expressão de modernidade, que seria ocupada na década seguinte pela arquitetura moderna. Em construções reformadas a linguagem *art déco* foi a expressão de renovação da arquitetura de máximo alcance junto a diversas camadas da população.

1. Belas Artes

5.4. Sobre a História da Arquitetura *Art Déco* em Juiz de Fora-MG e sua influência na cidade de Bicas-MG

No ano de 1930, o moderno se manifesta em Juiz de Fora-MG, através das formas do Art Déco, progride na década de 1940 e os últimos exemplares são da década de 1950. De acordo com Antônio Carlos Duarte, as edificações que na época eram símbolo de progresso e avanço tecnológico, se ergueram em maior quantidade na área central da cidade, em trechos das ruas Halfeld, Marechal Deodoro, Batista de Oliveira e Avenida Getúlio Vargas; outras na Avenida Barão do Rio Branco, ruas Santa Rita, Barão de São João Nepomuceno, Espírito Santo e Floriano Peixoto. E espalhadas na cidade, presentes na rua Dr. Antônio Carlos e Delfim Moreira, em ruas dos bairros de São Bernardo, Alto dos Passos, São Mateus, Mariano Procópio e Santa Terezinha. (DUARTE, 2013, p. 24)

Os edifícios com formas de linhas básicas em sua maioria, com uma corrente estilística de volumetria escalonada, dentro do padrão neoclássico moderno, aerodinâmico e com poucos exemplares, na vertente nacional denominada Marajoara. Esses tipos de construções aconteciam ao mesmo tempo na cidade de Bicas-MG, vizinha da cidade de Juiz de Fora que era influenciada pelo movimento arquitetônico que acontecia naquele momento.

Duarte afirma as características dessas edificações que empregavam estrutura de concreto armado, instalações elétricas, hidráulicas e sanitárias na sua composição. Ele descreve:

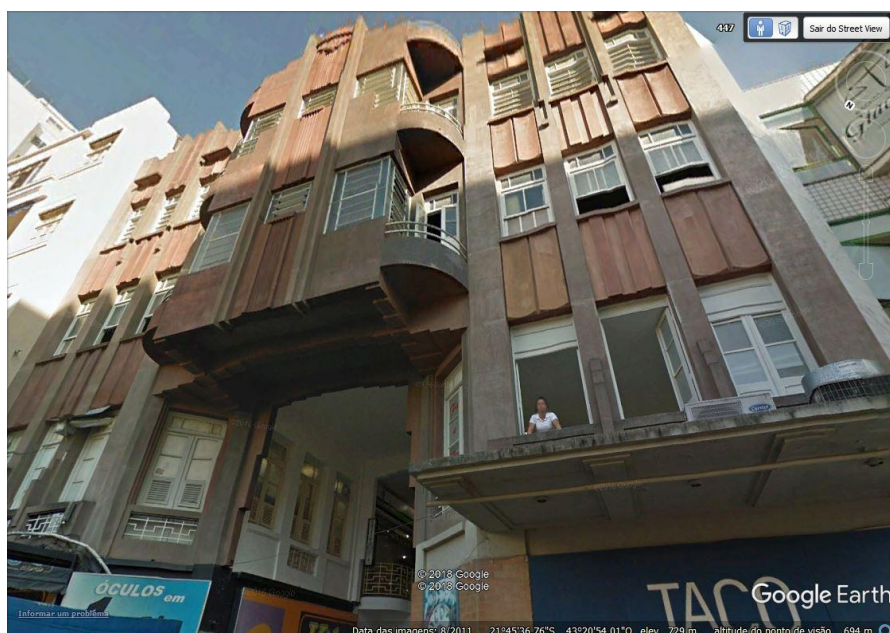
(...) De maneira geral, aquelas do centro da cidade erguiam-se junto ao alinhamento e em dois pavimentos, ocupavam toda a testada do lote e dispunham de marquises de proteção sobre as calçadas. Os balões em balanço e as varandas recuadas apareciam nos pavimentos superiores. A cobertura embutida, envolvida por platibandas, no sistema de quatro águas ou variáveis, e empregava as telhas do tipo Marselha (às vezes, importadas da França). As esquadrias assimilavam a novidade dos perfis de ferro (sistema basculante, de canto, em fita) ou mantinham o uso tradicional da madeira. O vidro era geralmente do tipo fantasia. As fachadas principais recebiam revestimento em pó-de-pedra, típico do período, aplicado em tons escuros que faziam contrastar e destacar o brilho da mica sob a incidência da luz (efeitos cintilantes de Hollywood?). (DUARTE, 2013, p. 25).

As cores das edificações eram avermelhadas, esverdeadas ou em tons de cinza. As vanglórias de materiais elegantes, comuns no estilo e utilizados nos empreendimentos sofisticados das capitais, limitaram-se em Juiz de Fora, à decoração de igrejas, utilizando mármore e granitos, detalhes em bronze dourado, marcenaria primorosa, vitrais e efeitos de luz. (DUARTE, 2013, p. 25).

As construções *Art Déco*, destinavam-se a fins residenciais e comerciais, as salas de cinema e postos de combustível tornaram-se modelos da época.

De acordo com Duarte, o empresário e ourives Arthur Vieira inovou ao implantar o sistema de galerias comerciais, inédito em Minas Gerais. A Galeria Pio X foi a precursora e teve sua primeira parte junto à Rua Halfeld iniciada em 1923 e o trecho que liga com a Rua Marechal Deodoro foi construído posteriormente pelo arquiteto Raphael Arcuri no ano de 1934, tornando-se um dos mais chamativos prédios *Art Déco* em Juiz de Fora. (Figura 1).

Figura 1: Galeria Pio X – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG.



Fonte: ESCARABOTO; SOUZA; MOREIRA; STIEGERT E RODRIGUES, 2019.

Surgem em Juiz de Fora os prédios de escritórios e apartamentos com quatro pavimentos ou pouco mais. Conforme Antônio Carlos, competentes profissionais atuaram na arquitetura local neste período, em destaque Raphael Arcuri, pela arquitetura eclética, na linha erudita Ermelindo Spigolon, Francisco Baptista de Oliveira, Rostham Pedro de Farias e Archimedes Memória. Os primeiros projetos de

Arthur Arcuri são de influência *art déco*, e outros profissionais inominados, mestres de obras ou pequenos construtores, contribuíram para erguer uma arquitetura *Art Déco* popular e simples, mas também de valor significativo no conjunto da cidade.

Dentre as ruas mencionadas com a presença de edificações em *art déco*, a Rua Marechal Deodoro se destaca (Figuras 2, 3, 4, 5 e 6).

Figura 2: Edifício nº 246/250 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG.



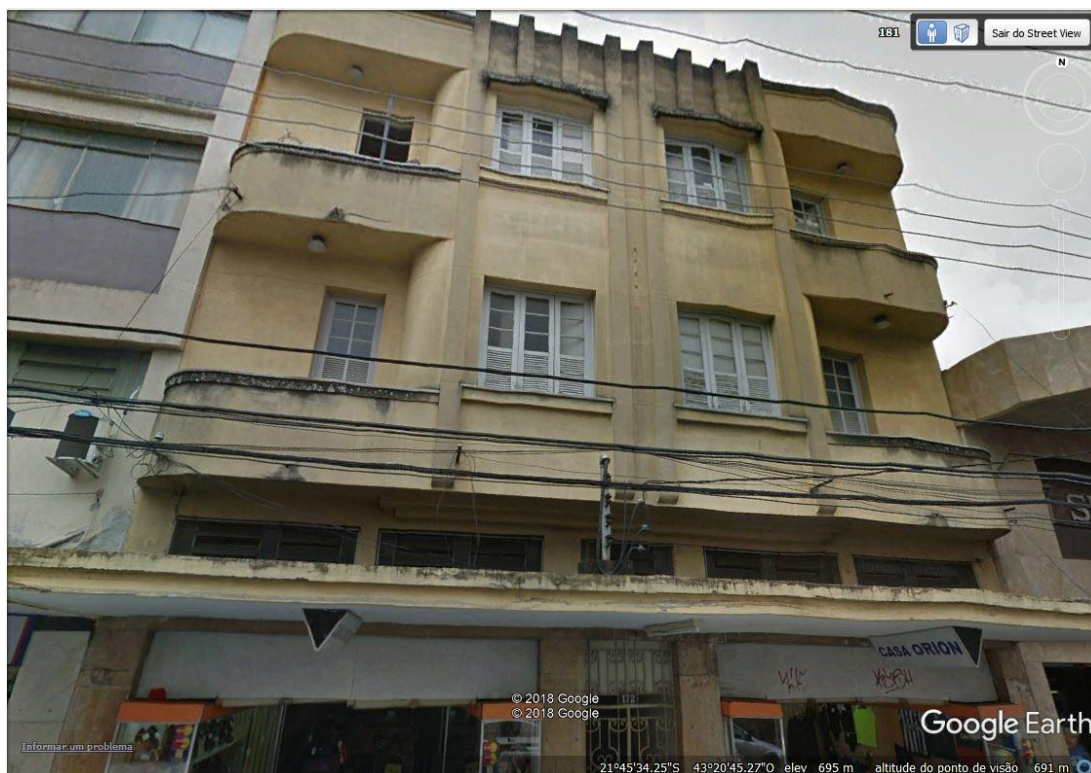
Fonte: ESCARABOTO; SOUZA; MOREIRA; STIEGERT E RODRIGUES, 2019.

Figura 3: Edifício nº 214/216 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG.



Fonte: ESCARABOTO; SOUZA; MOREIRA; STIEGERT E RODRIGUES, 2019.

Figura 4: Edifício nº 170/172/174/176 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG.



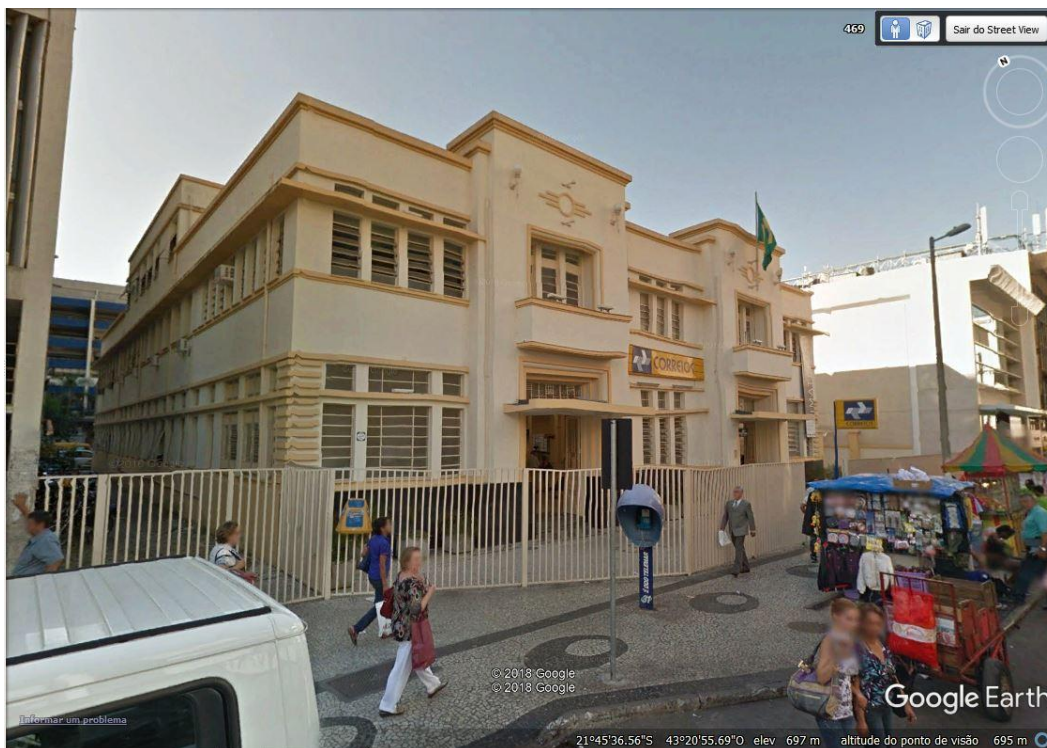
Fonte: ESCARABOTO; SOUZA; MOREIRA; STIEGERT E RODRIGUES, 2019.

Figura 5: Edifício nº 533 – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG.



Fonte: ESCARABOTO; SOUZA; MOREIRA; STIEGERT E RODRIGUES, 2019.

Figura 6: Edifício nº 470 – Correios – Rua Marechal Deodoro – Juiz de Fora-MG.



Fonte: ESCARABOTO; SOUZA; MOREIRA; STIEGERT E RODRIGUES, 2019.

Voltando a atenção à cidade de Bicas é imprescindível conhecer um pouco de sua história e como se deu sua evolução urbana. Segundo Veiga, no ano de 1855, instalou-se no lugarejo a irmandade do Divino Espírito Santo com 260 irmãos, após um tempo com o crescimento da irmandade e surgimento de algumas casas comerciais, o arraial progrediu. A poucos quilômetros da capela onde ficava o curato do Divino Espírito Santo, existia um lugar chamado Taboas, localizado pouco acima da serra em uma várzea cercada de montanhas, neste local havia pequenas grotas, onde brotavam nascentes de águas limpas e que desciam todo o vale, molhando o solo propiciando o crescimento de uma planta chamada taboa, e este nome passou a identificar todo o vale. Carlos Augusto Machado Veiga afirma: “No local chamado de Taboas nasceu, a cidade de Bicas. Como podemos ver, o primeiro nome de Bicas foi “Arraial das Taboas”, devido à presença da planta chamada Taboa.” (VEIGA, 2013, p. 17).

De acordo com Veiga, neste período Arraial das Taboas (Bicas), Espírito Santo de Mar de Espanha (Guarará), Córrego do Meio (Maripá de Minas), Forquilha, Santa Helena e Pequeri faziam parte do Município de Mar de Espanha, que era uma

das cidades mais antigas da região, tornando-se Vila pela lei 514 de 1851 e elevada a cidade em 27 de junho de 1859.

As tropas de burros eram os meios de transportes utilizados na época, o tropeiro levava mercadorias e dinheiro para compras, em jornadas cansativas que duravam dias. Outro transporte eram as carroças de tração animal, mas usadas apenas em estradas largas. Carlos Augusto diz que um dos trajetos mais percorridos era para o Rio de Janeiro:

Um dos trajetos mais percorridos era o intercâmbio com a Corte (Cidade do Rio de Janeiro), de onde traziam produtos refinados, importados de outros países, além do sal vindo do Rio Grande do Norte por meio de navios. Todos esses produtos eram cargas preciosas, cuidadosamente transportadas pelos tropeiros que realizavam seu trabalho montados em animais que seguiam num trote constante, vencendo distâncias, sempre com a mula madrinha liderando a tropa e chamando a atenção do tropeiro. (VEIGA, 2013, p. 18).

Os tropeiros quando se referiam à localidade onde atualmente é a cidade de Bicas, diziam o “Rancho das Bicas”, e quando se referiam à serra “Serra de Bicas”, então surge o nome atual da cidade.

Após esse período, a estrada de ferro chega a Bicas em 1879, o arraial se desenvolve e no dia 07 de setembro de 1923, ocorre sua emancipação com forte ajuda e influência do povo de Pequeri, que passou a fazer parte de seu município como distrito.

Com o passar do tempo, a cidade cresce e acompanha a arquitetura de cidades vizinhas maiores, e na década de 1930, o movimento da arquitetura Art Déco acontece em Juiz de Fora refletindo na construção de diversas edificações em Bicas, ganhando seus exemplares *Art Déco*. Alguns foram se perdendo no tempo, porém ainda estão presentes na cidade edificações que representam esse período de grande valor arquitetônico para o local. (Figuras 7 a 18).

Figura 7: Comércio 1 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 8: Comércio 2 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 9: Antiga Escola Estadual, atualmente fechada – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 10: Grupo Escolar Coronel Souza – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 11: Residência Particular 1 datada de 1920 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 12: Residência Particular 2 datada de 1920 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 13: Residência Particular datada de 1928 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 14: Casas de “Parede-meia” – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 15: Vila Paraizo (recentemente reformada) – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 16: Residência Particular 3 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 17: Residência Particular datada de 1925 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

Figura 18: Comércio 3 – Bicas-MG.



Fonte: Autora, 2019.

5.5. Sobre a relação entre o cinema e o teatro

O cinema e teatro são expressões artísticas com características semelhantes, porém possuem linguagens diferentes, como afirma Mocarzel:

Embora com características semelhantes, o cinema e o teatro são duas linguagens diametralmente opostas. É bem verdade que ambas trabalham com atores e atrizes, texto, dramaturgia, encenação, iluminação, música e edição de som, mas suas realizações, fruições e sementeiras no público sinalizam caminhos completamente diferentes. (MOCARZEL, 2012, p. 1).

De acordo com Evaldo Mocarzel, o cinema é uma arte centenária, enquanto o teatro é milenar. Cinema é uma linguagem fragmentada, os profissionais que o produz vão recortando som e imagens do mundo que nos envolve e depois reagrupa esses elementos em um processo de montagem, estabelecendo relações complementares para criar novos sentidos e gerar sua narrativa objetivando persuasão e perfeição. (MOCARZEL, 2012, p.1).

No cinema, os elementos fundamentais são a imagem e o som, já no teatro são os atores, atrizes e a fala. Aquilo que é expresso no cinema pode ser eternizado em uma película, vídeo ou arquivo digital. Já a eternidade do teatro se perpetua na memória das pessoas que viram o espetáculo e o narram, passando de geração em geração, pois por mais que atualmente as tecnologias permitem a gravação de uma encenação, nada se compara à experiência de quem faz e de quem assiste em tempo real, essa emoção sempre fica marcada. Evaldo Mocarzel relata que o teatro é a arte que talvez mais se aproxima do real:

O teatro talvez seja a arte que mais se assemelha à própria vida: a presença viva do elenco, o desenrolar da ação em tempo real, a troca interpessoal dos atores e das atrizes com cada espectador, a atmosfera completamente sensorializada sem a necessidade de nenhum tipo de intermediação tecnológica, a magia irrompendo com um simples estalar de dedo e a efemeridade da encenação com um sopro existencial, tão próxima à fragilidade da vida de todos nós. (MOCARZEL, 2012, p. 2).

Conforme Evaldo, as tecnologias digitais estão proporcionando uma revolução no cinema e novas possibilidades de se filmar o teatro. As câmeras digitais trazem a ótica de um novo espaço cênico, muito além da sensação do teatro filmado tradicionalmente, por exemplo, quando é assistida a filmagem de uma peça,

são ângulos diversos que surgem e podem ser observados e sentidos pelos espectadores. (MOCARZEL, 2012, p. 7).

As artes cinematográficas possuem estilos diferenciados, emoções diferenciadas, mas ambas proporcionam sensações e aprendizado, estão intimamente ligadas à cultura daquele povo e retratam suas crenças, seu cotidiano, sua vida.

5.6. Sobre a História do cinema em Juiz de Fora-MG

As artes cinematográficas são vultosas para a sociedade, pois influenciam os imaginários, os hábitos e os costumes das pessoas. Importante ressaltar que os cinemas de rua foram espaços de sociabilidade no século XX, alimentando pensamentos nas telas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Eles eram frequentados até os anos 1980, entretanto, as mudanças na vida urbana acabaram modificando os comportamentos em relação ao cinema. A instalação de cinemas em centros comerciais propiciou o declínio do hábito de ir aos cinemas de rua, que atualmente existem em uma minoria. (MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017, p.13).

Juiz de Fora no final do século XIX vivia intenso progresso econômico e cultural. Musse destaca: “No final do século XIX e início do século XX, Juiz de Fora é considerada como centro cultural do nascente estado de Minas Gerais.” (MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017, p. 17). Com isso, a cidade projetou em 1897 a primeira sessão de cinema de Minas Gerais, no mesmo mês em que o Rio de Janeiro, capital nacional na época, recebia sua primeira exibição pela Companhia Germano Alves da Silva.

De acordo com Neto, em 1927 surge em Juiz de Fora o Cinepopular criado por João Gonçalves Carriço, com o slogan “do povo para o povo”, ele convivia com mais quatro cinemas existentes na cidade, o Polytheama, Paz, Variedades e Ideal. Porém, o Cinepopular tinha o objetivo de democratizar o acesso da população a esse meio cultural, e os ingressos tinham preços reduzidos. Neste mesmo período a cidade organizou o Primeiro Festival Nacional do Cinema Brasileiro, o Encontro Nacional de Cineclubistas e fica reconhecida pela sua vasta e premiada produção audiovisual.

O cinema de rua era um programa familiar. Henrique relata que a jornalista Maria da Conceição Prazeres dos Santos, mais conhecida como Tuca, lembra que

na sua infância ia com o pai e os irmãos ao Cine Paraíso, que ficava no fim da rua São Mateus na década de 1950. Ela relata que foi indo ao cinema que se apaixonou pela ópera, formando um grande acervo guardado em sua casa:

Na minha infância, no bairro São Mateus, tinha o Instituto Maria que era vinculado ao Cinema Paraíso. Meu pai levava a gente lá, eu e meus irmãos para ver filmes de ópera. É por isso que eu adoro ópera até hoje. Eu tenho vinil de ópera completa ainda guardado aqui em casa. Era meu pai que levava a gente para ver essas obras. Nós vimos filmes como o “O Fantasma da Ópera”. Lembro que depois da sessão, a gente passava na rua Halfeld e ele comprava um manjar de coco com ameixa. Era uma beleza, uma maravilha. (SANTOS, 2015 apud MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017, p. 23).

De acordo com Musse, nos anos de 1980 as mudanças mercadológicas mudam o modo de se relacionar com o cinema, e as pessoas passam a se relacionar em um novo ambiente, os *shoppings centers*. (MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017, p. 24). Diante desse fato, os cinemas de rua de Juiz de Fora permanecem nos sentimentos de cada frequentador, os quais possuem lembranças não só sobre os cinemas de rua, mas sobre a cidade como era na época.

Dentre os cinemas de rua existentes na cidade de Juiz de Fora, o Cine São Luiz teve sua importância, localizado na Praça da Estação, foi abrigado em um edifício com arquitetura *Art Déco*, único em relação às construções da Praça da Estação, com a fachada marcada pelo rigor geométrico e predominante de linhas verticais. Foi construído pela Companhia Pantaleone Arcuri, importante empresa na evolução arquitetônica de Juiz de Fora, como já falado anteriormente.

Sendo assim, o edifício onde era instalado o cinema cooperava em chamar a atenção dos espectadores para vir descobrir o que ali acontecia, Vieira e Pereira dizem:

A importância da sala de exibição como vitrine e chamariz é um dado importante para a arquitetura, na medida em que colocará um enigma que provocará o público e fará com que ele, instigado, pague o ingresso para desvendá-lo. O enigma é criado e veiculado não só nos programas impressos e distribuídos aos espectadores como, principalmente, nos anúncios e cartazes do saguão e na decoração externa das marquises e fachadas. (VIEIRA e PEREIRA, 1982 apud MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017, p. 49).

No ano de 2007, o Cine São Luiz estava com problemas financeiros decorrentes da queda de bilheteria e com isso aconteceu o seu fechamento. Além disso, a especulação imobiliária interferia na mudança dos estabelecimentos na cidade, pressionando o fechamento dos espaços de cinema.

De acordo com Neto, quase uma semana após o encerramento, os jornais denunciavam a demolição de parte do Cine São Luiz. Em 10 de julho de 2007, o jornal Tribuna de Minas divulgou o que estava acontecendo:

Não há mais público nem funcionário do extinto cinema. Pela sala, que foi uma das mais importantes nas décadas de 60 e 70, quando era palco para lançamento de películas antes de chegarem nas outras salas de exibição, restam apenas entulhos, madeiras quebradas e muita poeira. (GONÇALVES, 2007 apud MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017, p. 83).

Após um tempo no ano de 2014, conforme documento arquivado na Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora – DIPAC-PJF, o projeto de restauração do imóvel foi aprovado em 02 de outubro de 2014, com início das obras em março de 2015. Foi feita a substituição da estrutura de madeira e telhas de amianto do galpão onde funcionava o cinema e a volumetria e inclinação do telhado foram mantidas como original, sendo preservadas. O responsável pelo projeto arquitetônico da reforma foi Eduardo Felga. (Figura 19).

Figura 19: Fachada do prédio onde funcionou o Cine São Luiz – Dezembro de 2015.



Fonte: MUSSE; NETO e HENRIQUES, 2017.

A transformação da cidade de Juiz de Fora com atividade voltada para os bens de consumo e serviços diminui sua essência como ponto de encontro cultural e ficou na lembrança a efervescência de tempos passados. Fica então, a expectativa da revitalização da história cultural, com o incremento de políticas públicas voltados para reerguer o cinema de rua na cidade, como lugar de encontro e de construção de pertencimento local.

5.7. Sobre a História do cinema em Bicas-MG

Para contar um pouco sobre a história do cinema na cidade de Bicas, as fontes existentes são relatos por pessoas que viveram naquele tempo e o jornal que existia na cidade “O Município”, que anunciou uma matéria em seu último número 2.588, publicado em janeiro de 2016, conforme Dosseau, 2016.

O depoimento de Antônio S. C. Calvário ao jornal demonstra a emoção de se falar sobre o cinema na cidade:

Para falar do nosso saudoso "CINE THEATRO SÃO JOSÉ", basta apenas dar uma volta ao tempo e deixar-se ir pela imaginação para poder resgatar essa nostalgia, bem lá no fundo do túnel, pra que possamos viver um pouquinho dessa fantástica fábrica de "faz de conta" que é, e que sempre foi o nosso querido e inesquecível cinema de Bicas. Quantas lembranças nos trazem os lindos momentos que o cinema de Bicas nos proporcionou. (CALVÁRIO, 2016).

O cinema em Bicas teve destaque na década de 1960, naquela época a televisão era privilégio das pessoas com poder aquisitivo considerável e demorou um bom tempo para chegar às casas de pessoas menos favorecidas, portanto, muitos só tinham acesso a esse tipo de lazer através do cinema, Calvário diz que não só ele como outros habitantes de Bicas iam curtir um cinema nas matinés das manhãs de domingo, e também nas sessões das 18 e 20 horas, que quase sempre estavam lotadas, pois não havia outra diversão na cidade.

As pessoas ficavam entusiasmadas e as novas descobertas que o cinema proporcionava sempre falavam mais alto, Antônio relata que quando chegava um cartaz anunciando um filme novo, todos ficavam atentos e passavam em frente ao cinema para ver o funcionário do cinema na época, conhecido como Chicão, fixar os cartazes, pregados com taxinhas nos quadros fixados nas paredes e também fotos onde apareciam estampadas cenas dos filmes. Antônio diz:

Só isso já era gratificante, estar ali debruçado em uma das cancelas, vendo e acompanhando passo a passo o trabalho do Chicão, que também pintava faixas e cavaletes com propaganda dos filmes e os levava para serem afixados em frente às oficinas da Leopoldina, no jardim da Igreja São José e em outros locais de movimento de pessoas. O Chicão também trabalhava nas oficinas da Estrada de Ferro Leopoldina e nas horas de folga consertava os nossos fuscas. Uma das coisas que nos chamava a atenção

era quando se lia no cartaz do filme: “*CINEMASCOPE TOU TECNICOLOR*”. Porque já era de nosso conhecimento e já sabíamos que os filmes seriam coloridos e seriam também tela inteira, conhecida tela panorâmica. (CALVÁRIO, 2016).

A tela do cinema atingia o tamanho de seis metros ou um pouco mais que isso e era fantástico para as pessoas da época ver as longas e pesadas cortinas se abrirem dando lugar à imagem projetada na tela branca. A função de projeção era um trabalho de outro funcionário do cinema, conhecido como Gote, de nome Iguatemi Índio do Brasil, que durante o dia trabalhava na Fábrica de Calçados Almirante.

Antes de iniciar a sessão, enquanto se esperava abrir as cortinas, eram colocadas músicas suaves, de acordo com Calvário, quase sempre boleros cantados por Gregório Barros, Pedro Vargas e outros cantores do momento. Também era exibido no cinema partidas de futebol que já haviam acontecido, mas que naquele momento eram reprisadas para os espectadores, Antônio relata:

Como era gostoso chegar atrasado, ao som do jornal esportivo do Canal 100, onde tínhamos a oportunidade de ver um trecho da partida de futebol entre Botafogo e Flamengo, realizada na semana anterior, e ter que procurar no escurinho do cinema um lugarzinho vago entre uma cadeira e outra, permanecendo sempre abaixado para não atrapalhar os que ali já estavam com os olhos grudados na tela. Pois nem sempre o lanterninha se fazia presente para nos acompanhar até o suposto assento vago. (CALVÁRIO, 2016).

No cinema eram exibidos filmes de vários estilos, normalmente legendados. Todos que viveram naquela época foram testemunhas do movimento de pessoas que ficavam transitando em frente ao cinema, entre o jardim da igreja e a travessia da linha do trem, no início da Rua dos Operários. Muitos que presenciaram aquele momento lamentam o fim do Cine Theatro São José após sua demolição. Calvário ainda expressa:

Essas eram as emoções de um tempo que ficaram para sempre perdidas no seu próprio tempo, talvez na esperança de que, um dia, alguém possa reerguer um pouquinho desse nosso passado para a nossa querida cidade de Bicas. E por que não, sonho de alguns, poderem presenciar, mais uma vez, as antigas portas do nosso CINE THEATRO SÃO JOSÉ se abrir novamente, nem que seja em outro local, pois o antigo imóvel onde funcionava o cinema foi demolido. Porque, reverenciar o passado é uma

forma de agradecer a Deus pelo presente e nos reconciliarmos com nós mesmo, o nosso futuro. (CALVÁRIO, 2016).

Fotos de arquivo pessoal de Antônio S.C. Calvário demonstram os dois cineteatros construídos na cidade, primeiramente o Cine Theatro Central com arquitetura eclética que foi demolido para nova construção do Cine Theatro São José com arquitetura *Art Déco*, que infelizmente também foi demolido. (Figuras 20 e 21).

Figura 20: Cine Theatro Central – Bicas-MG.



Figura 21: Cine Theatro São José – Bicas-MG.



Fonte: <http://famiadousseau.blogspot.com/2016/02/bom-dia-todos-em-breve-nosso-jornal-o.html>.
Foto: CALVÁRIO, 2016.

6. ESTUDOS DE CASO

6.1. Cine Teatro Capitólio, Lisboa, Portugal

6.1.1. Ficha técnica do projeto

O projeto original do Cineteatro Capitólio é atribuído aos arquitetos Luis Cristino da Silva e Porfírio Pardal Monteiro, realizado no ano de 1925 até o ano de 1929, sendo inaugurado em 10 de julho de 1931. Já seu projeto de reabilitação foi feito pelo arquiteto Alberto Souza Oliveira, realizado no ano de 2009. (Figuras 22 e 23).

Figura 22: Cineteatro Capitólio – Foto da entrada – Anos 30.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Arquivo Municipal de Lisboa, 2014.

Figura 23: Cineteatro Capitólio – 2020.

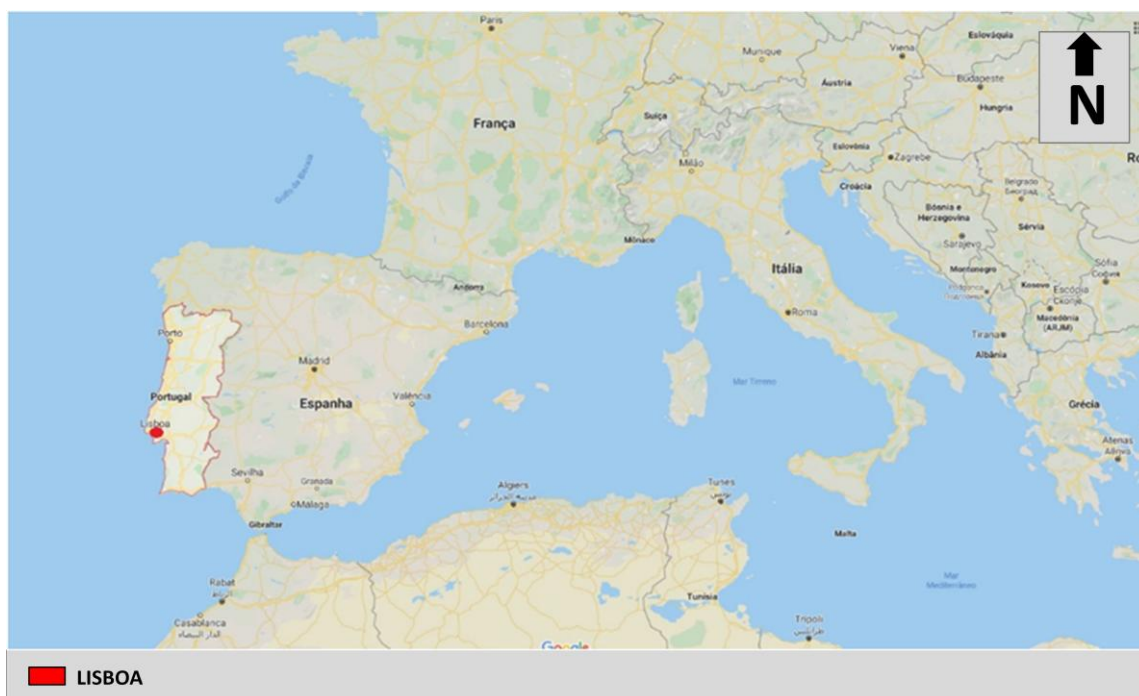


Fonte: <https://www.capitolio.pt/en/the-space>

6.1.2. Localização

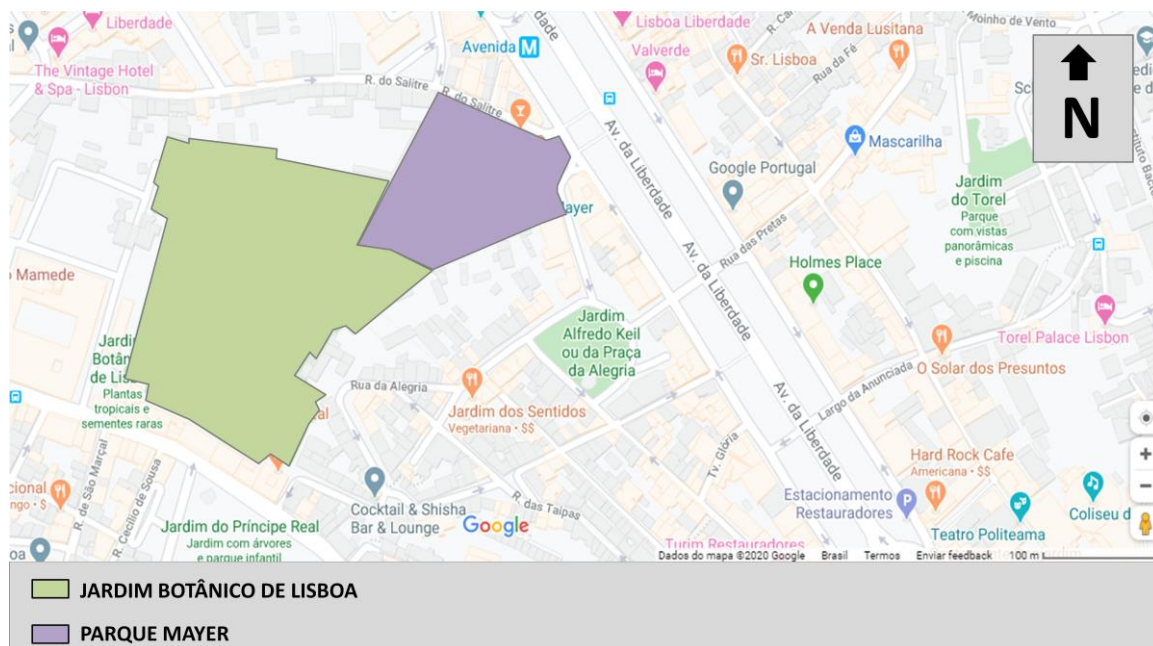
O Cineteatro Capitólio fica localização no Parque Mayer, na cidade de Lisboa, Portugal. Segundo Antônio Fernando Marques Cardoso, o Parque Mayer e os demais anexos faziam parte do Palácio Mayer de propriedade de Adolfo de Lima Mayer e projeto do arquiteto Nicola Bigaglia. O projeto do Parque Mayer que ganhou o Prêmio Valmor em 1902. (Mapas 1, 2 e 3).

Mapa 1: Mapa de Localização – Lisboa – Portugal.



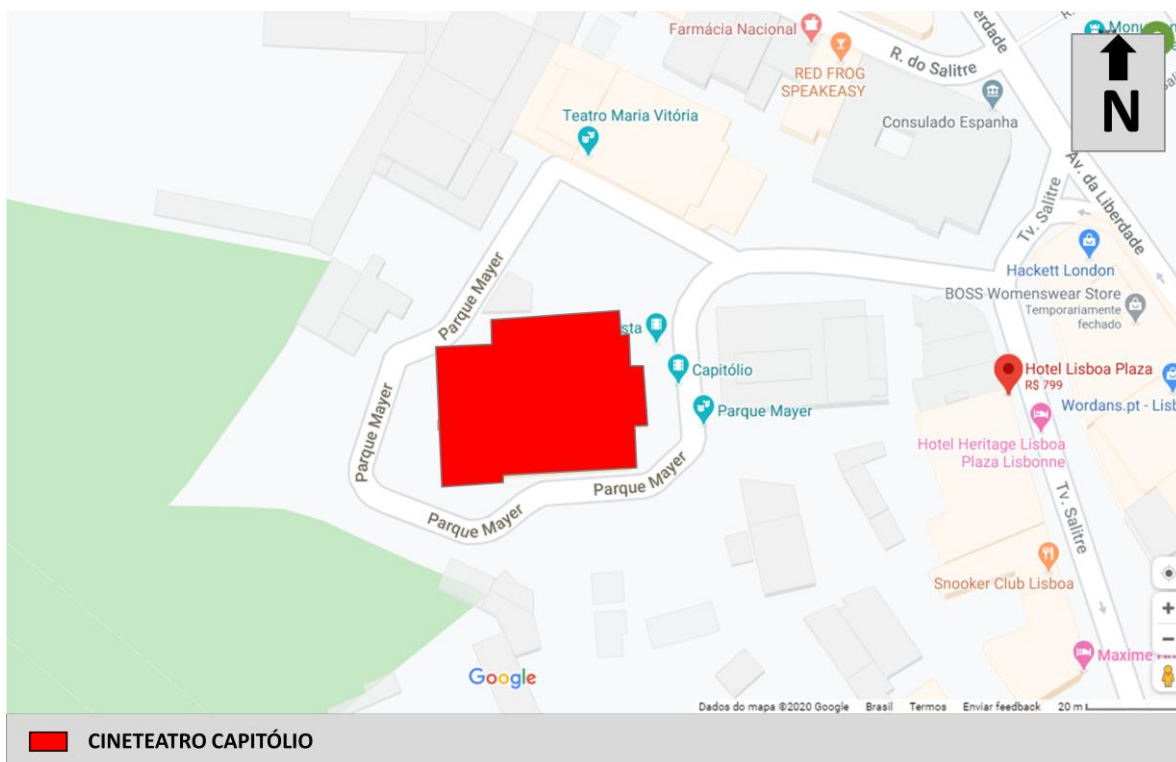
Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 2: Mapa de Localização – Parque Mayer – Lisboa.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 3: Mapa de Localização – Cineteatro Capitólio – Parque Mayer.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.1.3. Análise do entorno

O Cineteatro Capitólio fica bem localizado na cidade de Lisboa, em uma região onde estão situadas instituições de ensino, de saúde, parques e espaços culturais.

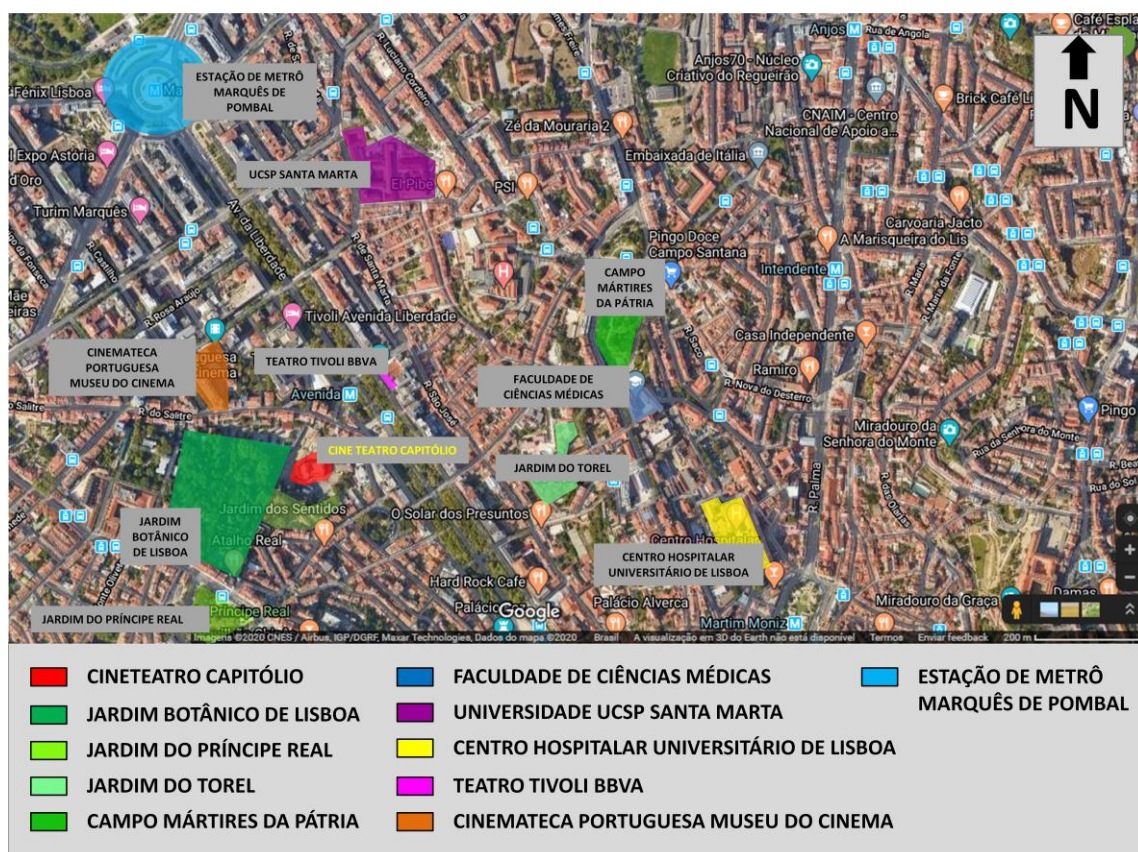
Em suas proximidades estão diversos parques com espaços públicos arborizados, onde as pessoas podem passear e descansar como o Jardim Botânico de Lisboa, Jardim do Príncipe Real, Jardim do Torel e Campos Mártires da Pátria.

No campo da saúde, possui em seu entorno o Centro Hospitalar Universitário de Lisboa. Já com relação a instituições educacionais, a Universidade UCSP Santa Marta e a Faculdade de Ciências Médicas.

No setor de cultura, além do próprio Cineteatro Capitólio se encontra em suas proximidades a Cinemateca Portuguesa / Museu do Cinema e o Teatro Tivoli BBVA.

Outro ponto de referência de importância ligado ao setor de mobilidade urbana é a Estação de Metrô Marquês de Pombal. (Mapa 4).

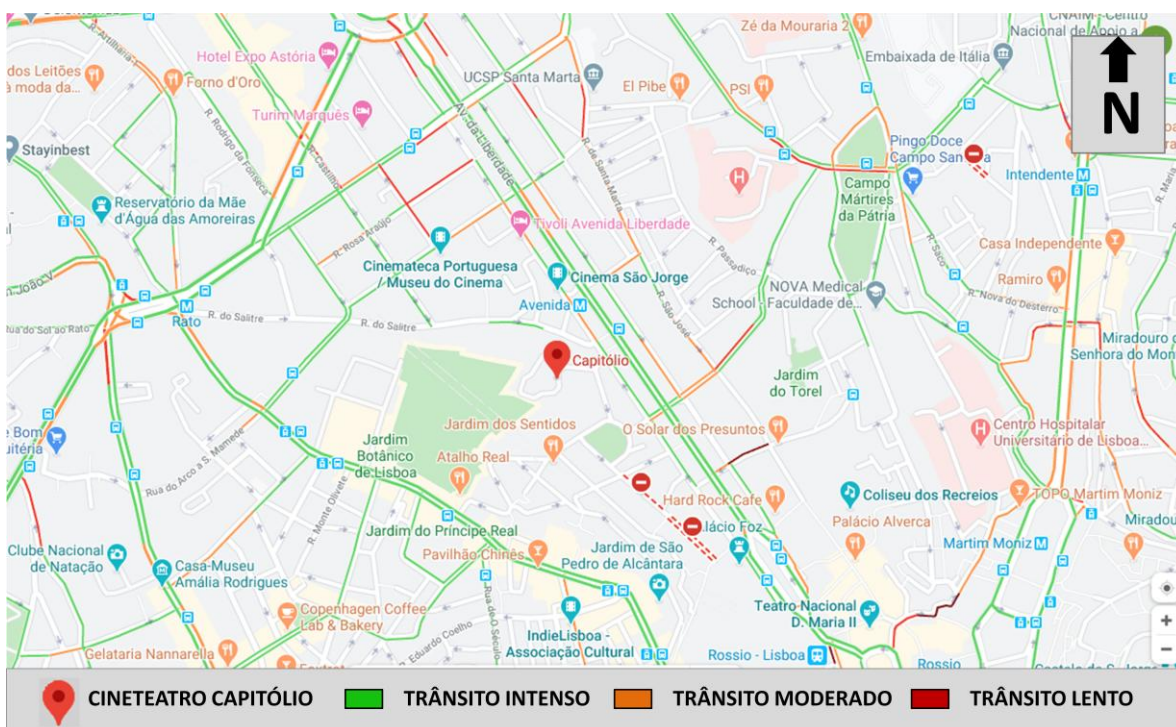
Mapa 4: Mapa de Pontos Referenciais – Cineteatro Capitólio.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Observando a movimentação de trânsito no entorno do cine teatro, é visto que duas avenidas principais cortam suas extremidades, tendo um fluxo intenso, algumas vias são de fluxo moderado também aparecem, e a via de acesso ao Capitólio, não é demarcada, pois sua finalidade é somente o acesso ao edifício. (Mapa 5).

Mapa 5: Mapa de Trânsito – Cineteatro Capitólio.

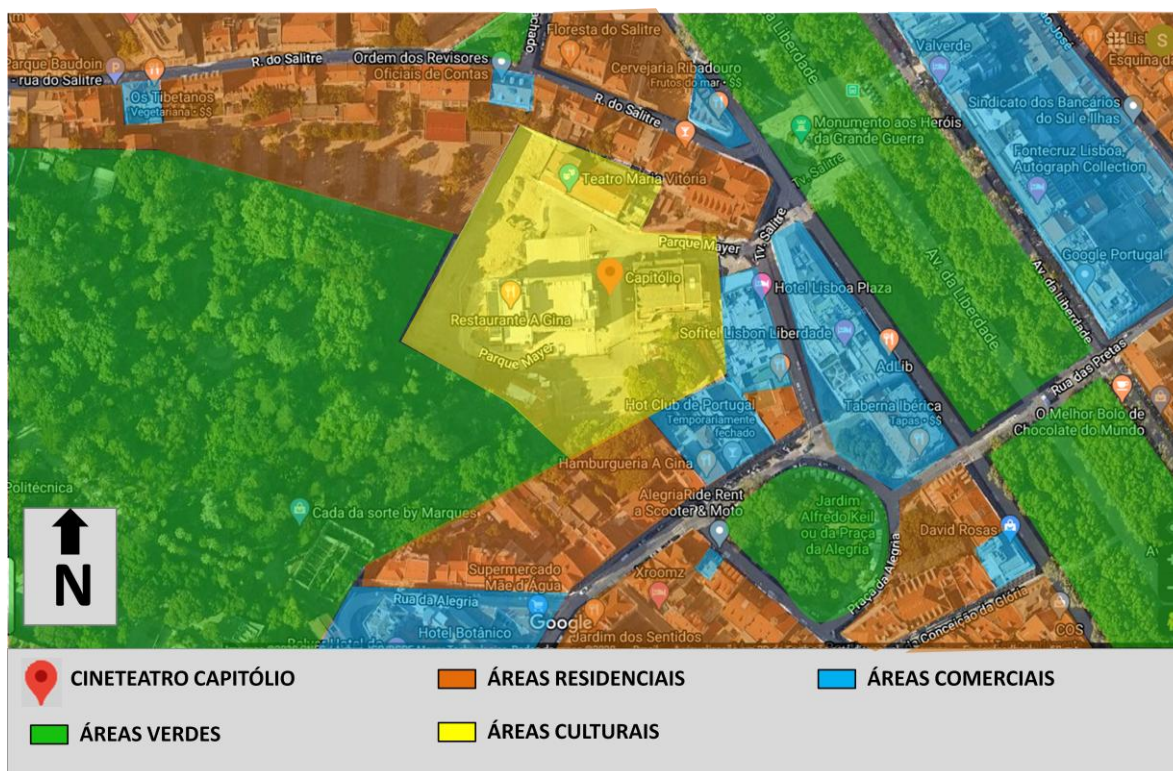


Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Fazendo a análise identificando as zonas no entorno do Cine Teatro Capitólio, pode-se observar que é uma região bem mesclada, com bastante área verde, destacando-se neste setor o Jardim Botânico de Lisboa.

As áreas residenciais são bem significativas, sendo até maior que as áreas comerciais. Já a área cultural fica por conta do Cine Teatro Capitólio e Teatro Maria Vitória. (Mapa 6).

Mapa 6: Mapa de Usos – Cineteatro Capitólio.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.1.4. Sobre os arquitetos

O projeto do Cineteatro Capitólio começa a ser desenvolvido quando o arquiteto Luis Cristino da Silva retorna à Portugal após seus estudos em Paris na França. O projeto foi atribuído somente a Luis Cristino da Silva, porém segundo Cardoso, *o Notícias Ilustrado de 1930*, atribuiu a autoria do projeto também ao arquiteto Pardal Monteiro. A reportagem dizia assim: “(...) Luiz Cristino e Pardal Monteiro que imaginaram a construção do teatro futuro do Parque Mayer a levantar no sitio actual da Esplanada Egípcia (...)” (Empresa Nacional de Publicidade, 1930 apud CARDOSO, 2015, p. 58). (Figura 24).

Figura 24: Excerto do artigo publicado no Notícias Ilustrado de 1930.

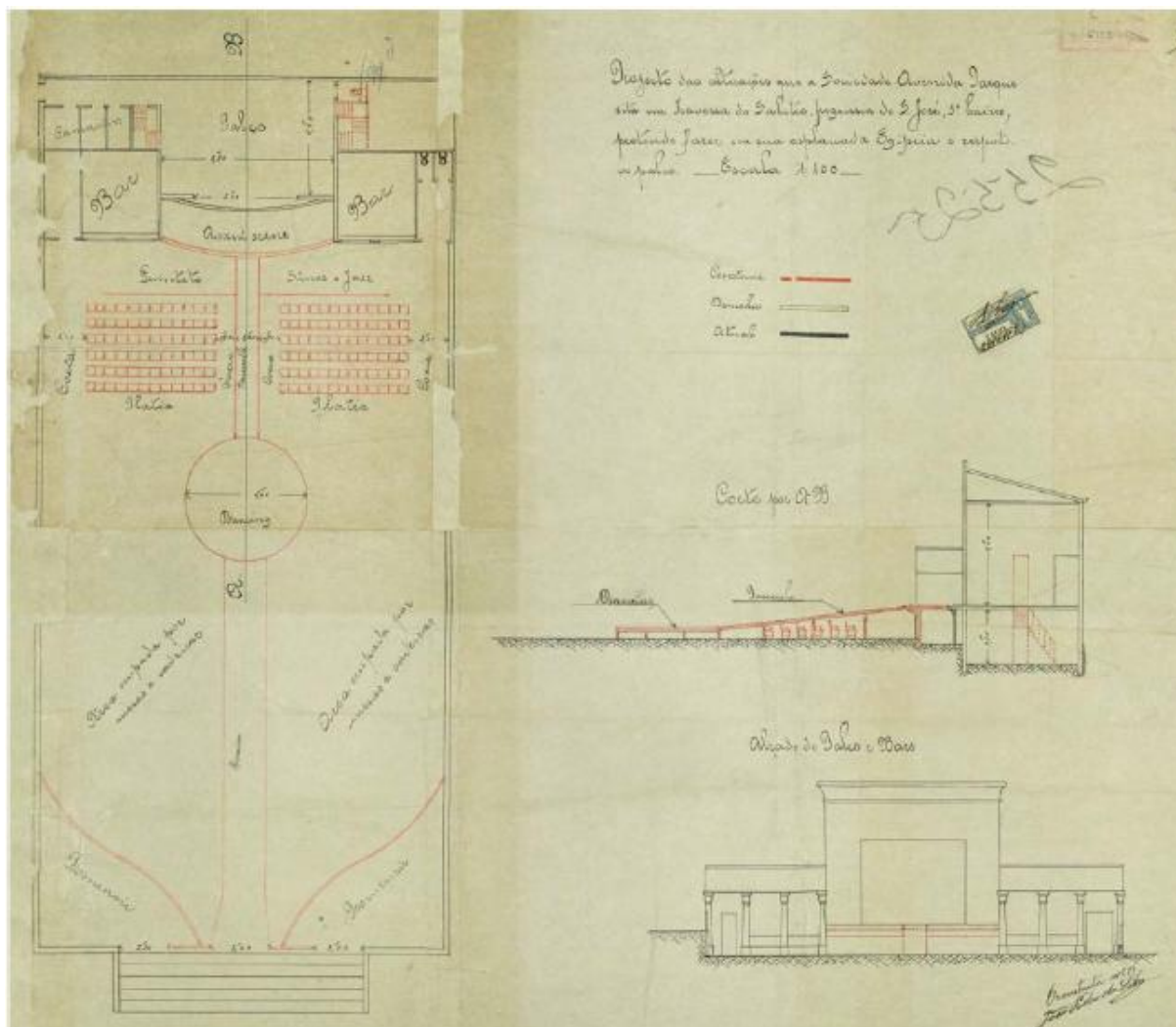


Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Arquivo do Diário de Notícias, 2014.

Esta notícia é confirmada, segundo Luis Fernando Marques Cardoso, com os projectos de 1929 existentes no arquivo do Departamento de Projectos em Equipamentos da Câmara Municipal de Lisboa, onde constam as assinaturas autógrafas de ambos os arquitetos. A autoria ambos também está comprovada no projeto da Esplanada Egípcia, onde foi implantado o Cineteatro Capitólio. (CARDOSO, 2015, p. 59). (Figura 25).

Figura 25: Projeto da Esplanada Egípcia – Autoria de Luis Cristino e Porfírio Pardal Monteiro.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Arquivo Municipal de Lisboa, 2014.

O arquiteto Luis Cristiano da Silva vai para Paris no ano de 1920, concluindo em 1923 o estágio da École Nationale des Beaux-Arts, regressando a Lisboa em 1925. No mesmo ano começa a desenvolver o projeto do Cineteatro Capitólio. (Figura 26).

Figura 26: Arquiteto Luis Cristino da Silva.

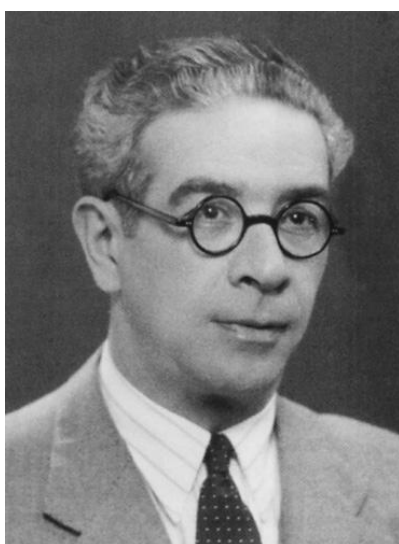


Fonte: <http://repositorio.ulusiada.pt> › bitstream › mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Arquivo Municipal de Lisboa, 2014.

Já o arquiteto Porfírio Pardal Monteiro estudou na Escola de Belas Artes de Lisboa de 1910 a 1919. Pardal Monteiro integra em seus projetos elementos que revelam a influência da arquitetura Art Déco, aprendida por ele em 1925, devido a uma viagem a Paris onde visita a Exposition des Arts Décoratifs et Industriels Modernes. (Figura 27).

Figura 27: Arquiteto Porfírio Pardal Monteiro.

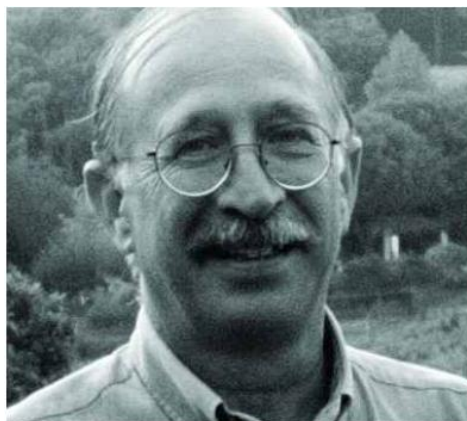


Fonte: <http://repositorio.ulusiada.pt> › bitstream › mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Arquivo Municipal de Lisboa, 2014.

O projeto de reabilitação do Capitólio foi de autoria do arquiteto Alberto Souza Oliveira, realizado em 2009. Alberto estudou arquitetura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1969. É professor associado para a disciplina de projeto na Universidade Lusitana de Lisboa. (Figura 28).

Figura 28: Arquiteto Alberto Souza Oliveira.



Fonte: <http://uzinabooks.com/autores/alberto-souza-oliveira/>

6.1.5. Sobre o projeto

Em sua origem o edifício era formado por um conjunto de volumes em forma de paralelepípedos, que articulados entre si, geravam uma grande caixa. A fachada principal exibia uma cortina de vidro, onde era fixado o letreiro com o nome Capitólio. (Figura 29).

Segundo Cardoso, na parte central do edifício havia uma sala de vinte metros de vão sem apoios intermediários, que abriam totalmente o espaço interior para o exterior, criando uma continuidade espacial. O salão possuía um teto falso e ondulado, que ocultava o sistema de iluminação, de onde emanava luz indireta. Havia também duas circulações verticais para dar acesso ao terraço, que ocupava dois volumes laterais da entrada principal. Em um desses volumes existia a presença de tapetes rolantes, uma novidade pra época em Lisboa e a outra uma escadaria elegante feita em madeira e ferro. (CARDOSO, 2015, p. 60). (Figuras 30 e 31).

Figura 29: Fachada do projeto original de 1929 com as assinaturas dos arquitetos.

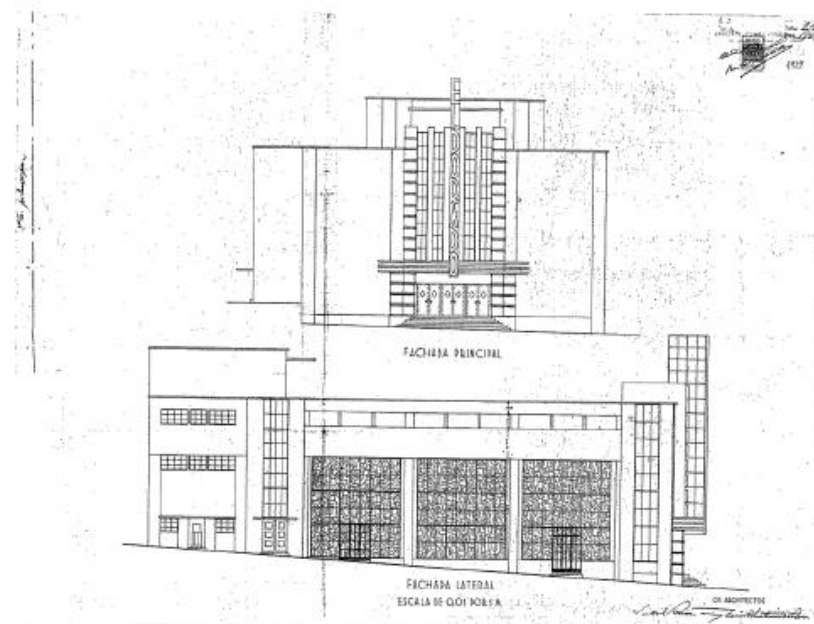


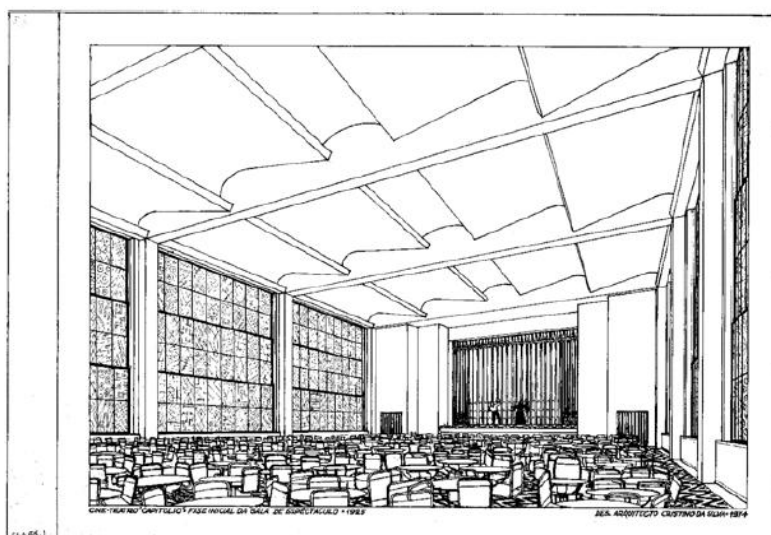
Ilustração 34 – Capitólio, alçados do projecto original de 1929 com as assinaturas autografadas de Pardal Monteiro e Cristino da Silva. (Câmara Municipal de Lisboa, 2014)



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Câmara Municipal de Lisboa, 2014.

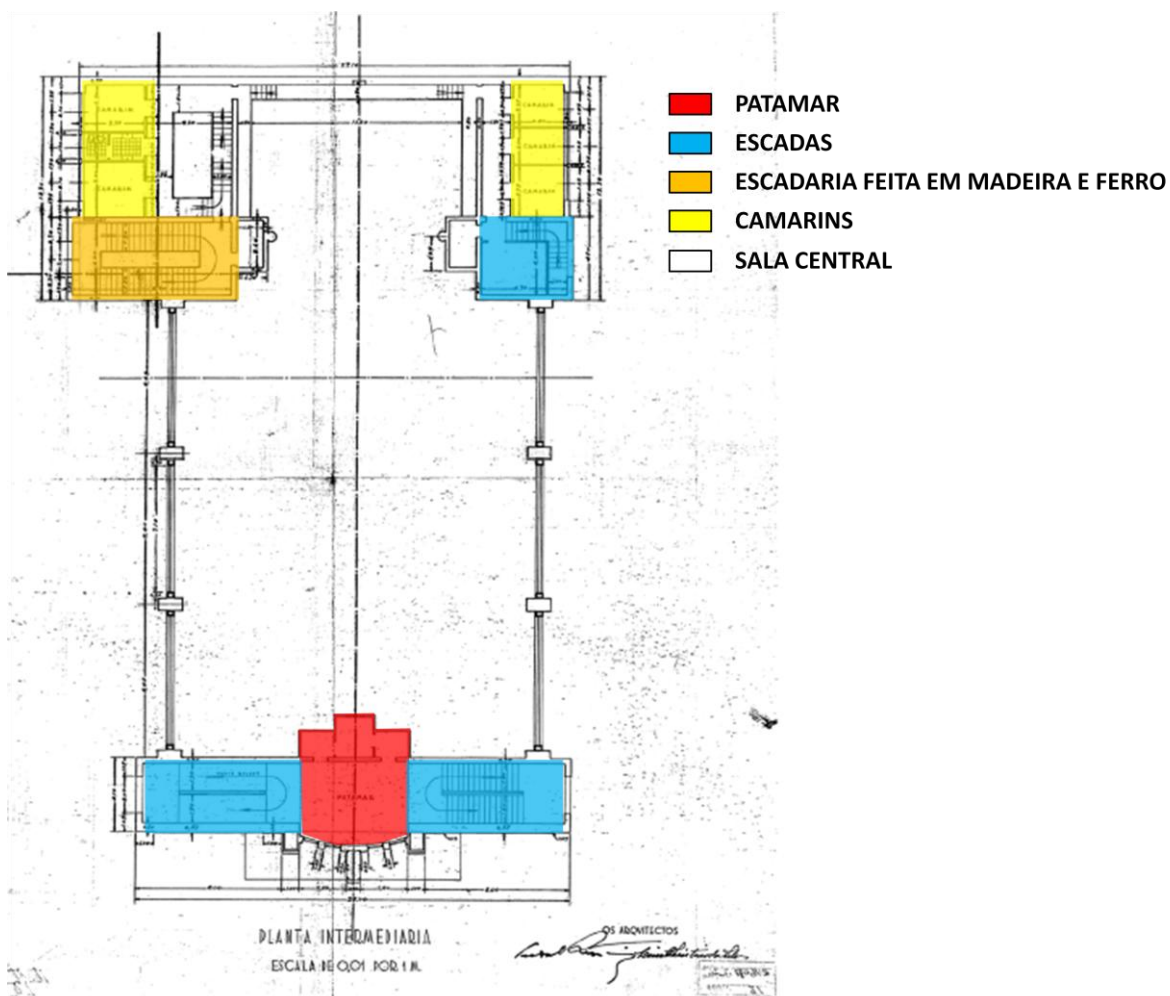
Figura 30: Perspectiva do interior da sala de espetáculos em 1974.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Ilustração: Gulbenkian, 2013.

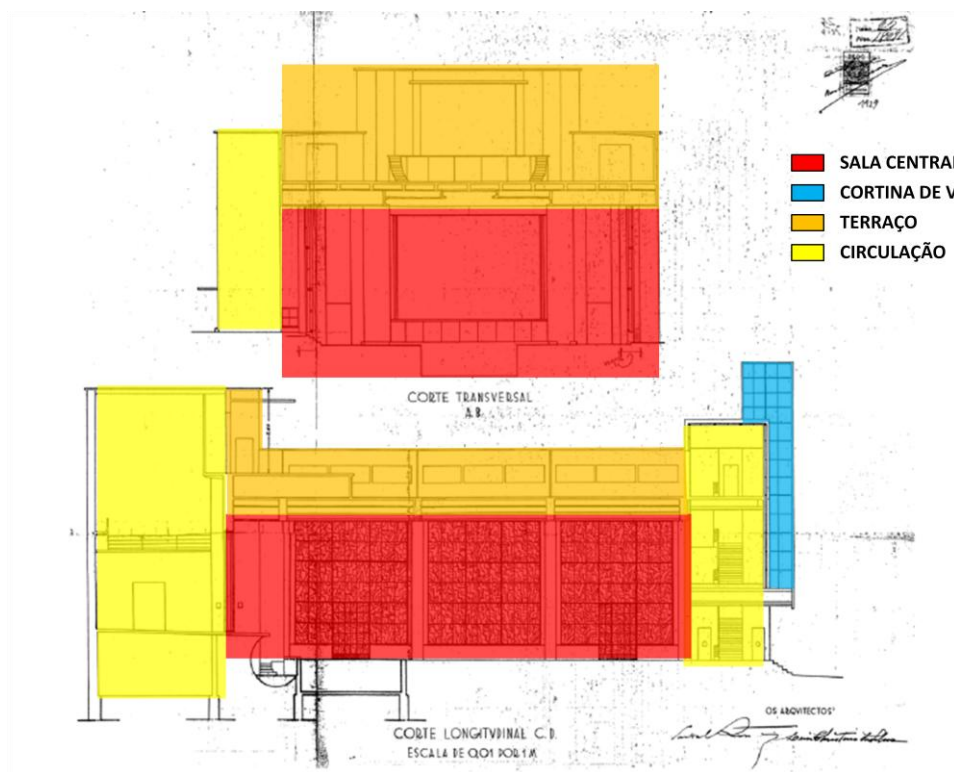
Figura 31: Planta Intermediária do projeto original de 1929.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao, adaptado pela autora (2020).

Ainda segundo Antônio Fernando Marques Cardoso, o terraço utilizado como cinema ao ar livre e esplanada, tinha como cenário de fundo o pôr do sol e o Jardim Botânico. De onde saíam dois volumes ligados por uma pala semicircular, contendo o palco e a tela de projeção. Sobre o terraço havia engastes com capas para fazer o sombreamento e o volume da entrada principal com a cortina de vidro, se estendia além da altura do terraço. (CARDOSO, 2015, p. 64). (Figuras 32, 33 e 34).

Figura 32: Corte do projeto original de 1929.



Fonte: [http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream > mia_antonio_cardoso_dissertacao](http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao), adaptado pela autora (2020).

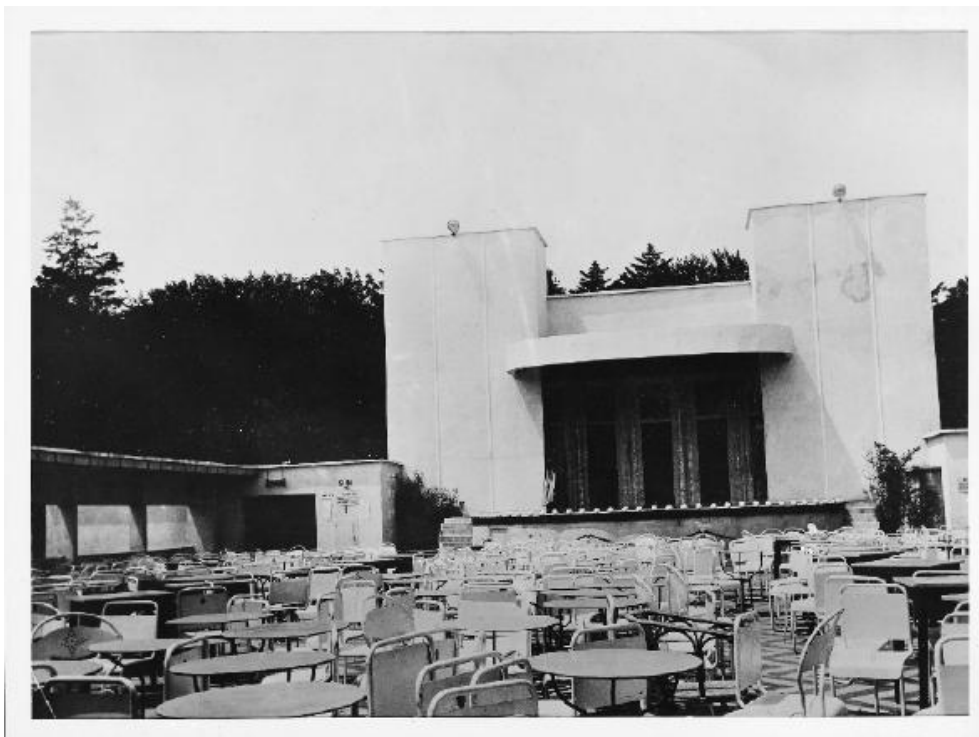
Figura 33: Capitólio – Foto do terraço para o lado da Av. Liberdade em 1930.



Fonte: [http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream > mia_antonio_cardoso_dissertacao](http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao)

Foto: Gulbenkian, 2013.

Figura 34: Capitólio – Foto do terraço para o lado do Jardim Botânico em 1930.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Gulbenkian, 2013.

O projeto do Cine Teatro Capitólio foi terminado em 1929 e sua inauguração em 10 de julho de 1931. De acordo com TOSTÕES 1995 (apud CARDOSO, 2015, p. 66), o edifício enunciava a mudança na arquitetura portuguesa, referenciado nos modelos da vanguarda do movimento moderno internacional. (Figura 35).

Figura 35: Capitólio – Maquete do projeto original em 1929.

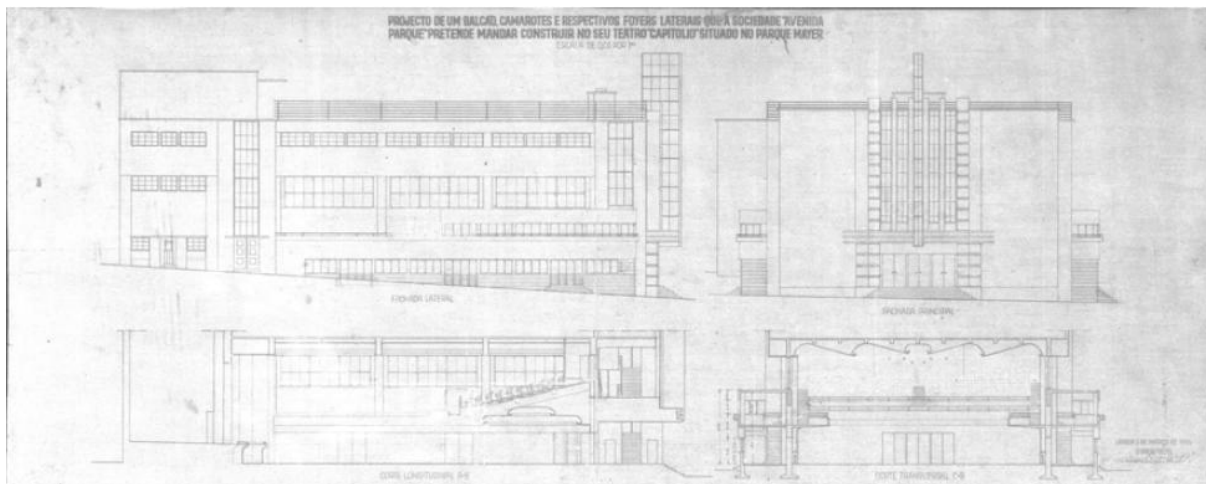


Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Gulbenkian, 2013.

No ano de 1936, ocorre a primeira alteração no fundo do edifício, com a instalação de um balcão e dois foyers laterais, transformando o Capitólio em um cinema. Baseado em Cardoso, a alteração é projetada pelo arquiteto Luis Cristino da Silva. (Figura 36).

Figura 36: Capitólio – Cortes e fachadas do projeto original em 1929.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Gulbenkian, 2013.

Contudo não ocorreram apenas essas alterações e o edifício foi sofrendo intervenções ao longo do tempo de forma indômita, perdendo sua originalidade, e no início dos anos 80, perante a decadência do Parque Mayer, tem suas atividades encerradas, tornando-se, no ano de 1983, imóvel de interesse público. (Figura 37).

Figura 37: Capitólio – Fachada principal no ano de 1992 com alterações.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Arquivo Municipal de Lisboa, 2014.

Com o fechamento das portas do Capitólio, o edifício ficou correndo risco de ser demolido, mas de acordo com CARDOSO (2015, p. 69), um grupo de cidadãos, denominados “Cidadãos pelo Capitólio”, conseguiu no ano de 2006, a inserção da edificação no *World Monuments Fund*, passando a pertencer à lista dos cem edifícios de interesse histórico mundial mais ameaçados.

Sendo assim, um concurso de ideias de projetos para o Parque Mayer é lançado em 2007, são apresentados vinte e nove projetos, desses foram escolhidos cinco, e a partir daí, o vencedor foi o projeto do Atelier Aires Mateus. Baseado em António Fernando Marques Cardoso, Maniel Aires Mateus, diz que o projeto inicia-se na praça centro do Capitólio, promovendo a sua ligação com o Parque Mayer, Praça da Alegria e a rua da Escola Politécnica, Reitoria da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas e Jardim Botânico. O intuito era gerar animação no

Parque Mayer através de artes cênicas, musicais e plásticas, e também a criação de residências temporárias para artistas e escolas informais que fomentariam o ensino artístico. (CARDOSO, 2015, p. 70). (Figura 38).

No mês de abril de 2008 é lançado pela Câmara Municipal de Lisboa, um concurso de ideias para a reabilitação do Capitólio, e das nove propostas entregues, apenas quatro foram admitidas, ganhando a proposta apresentada pelo arquiteto Alberto Souza Oliveira.

Alberto Souza Oliveira propõe então devolver a dignidade, o *glamour* e a coerência de 1929. Segundo ele, as primeiras preocupações que refletiam as escolhas presentes no projeto, voltava-se para a garantia da identidade do edifício como exemplar do modernismo, mantendo a unidade e o estilo arquitetônico da época, ampliando e conciliando a memória coletiva com as vivências atuais. Alberto diz:

(...) cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa, primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo. (Zumthor, 2009, p. 17 apud CARDOSO, 2015, p. 71)

O arquiteto Alberto preocupa-se em manter a identidade do edifício, sem introduzir novas linguagens, salvando-o da ruína e do esquecimento, trazendo-o a um novo ciclo de vida, adaptando-o a novas necessidades. O projeto resulta na manutenção do corpo principal, abrindo-se uma grande sala, para uma grande praça, onde a continuidade espacial ocorre naturalmente, trazendo o espetáculo para junto das pessoas. (Figura 39).

Figura 38: Maquete – Projeto Parque Mayer – Aires e Mateus & Associados.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: amigosdobotanico.blogspot.pt, 2014.

Figura 39: Maquete – Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Souza Oliveira Arquitetura e Urbanismo Lda.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Souza Oliveira Arquitetura e Urbanismo Ltda (2009).

A permissão de uma intervenção feita pelo arquiteto é uma nova fachada nos fundos do edifício, é a única aplicação do projeto por falta de profundidade do palco no projeto original, sendo assim, é instalado um gigantesco LED Screen HD a cores, que possibilita a transmissão dos espetáculos. (Figura 40).

No terraço, é ocorrida sua recuperação, e continua a ser cinema ao ar livre, e ainda é adicionado um café concerto no espaço. Já na fachada principal é respeitado o visual original de 1929, com seu imponente lanternim de vidro. O projeto de reabilitação procura estabelecer um equilíbrio entre a edificação em betão e vidro com as necessidades atuais. Depois da reabilitação o cine teatro passa a se chamar Teatro Raúl Solnado.

Figura 40: Maquete – Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Fachada Posterior.



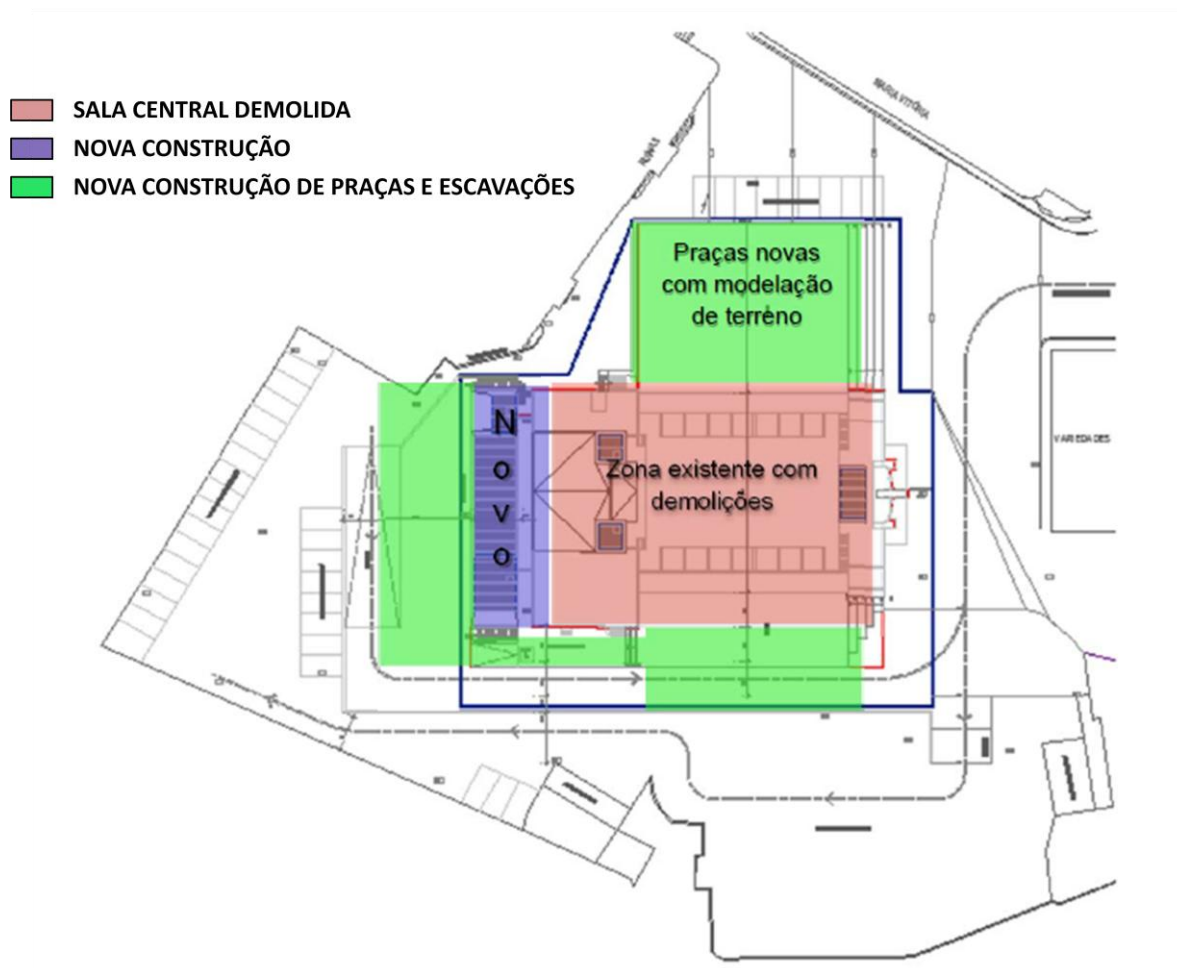
Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Souza Oliveira Arquitura e Urbanismo Ltda (2009).

No projeto de reabilitação do Capitólio iria ser feito um volume novo, zonas com escavações e duas novas praças para serem construídas. O edifício existente

deveria ser mantido, removendo apenas os foyers laterais, o balcão interior e as coberturas instaladas no terraço. (Figura 41).

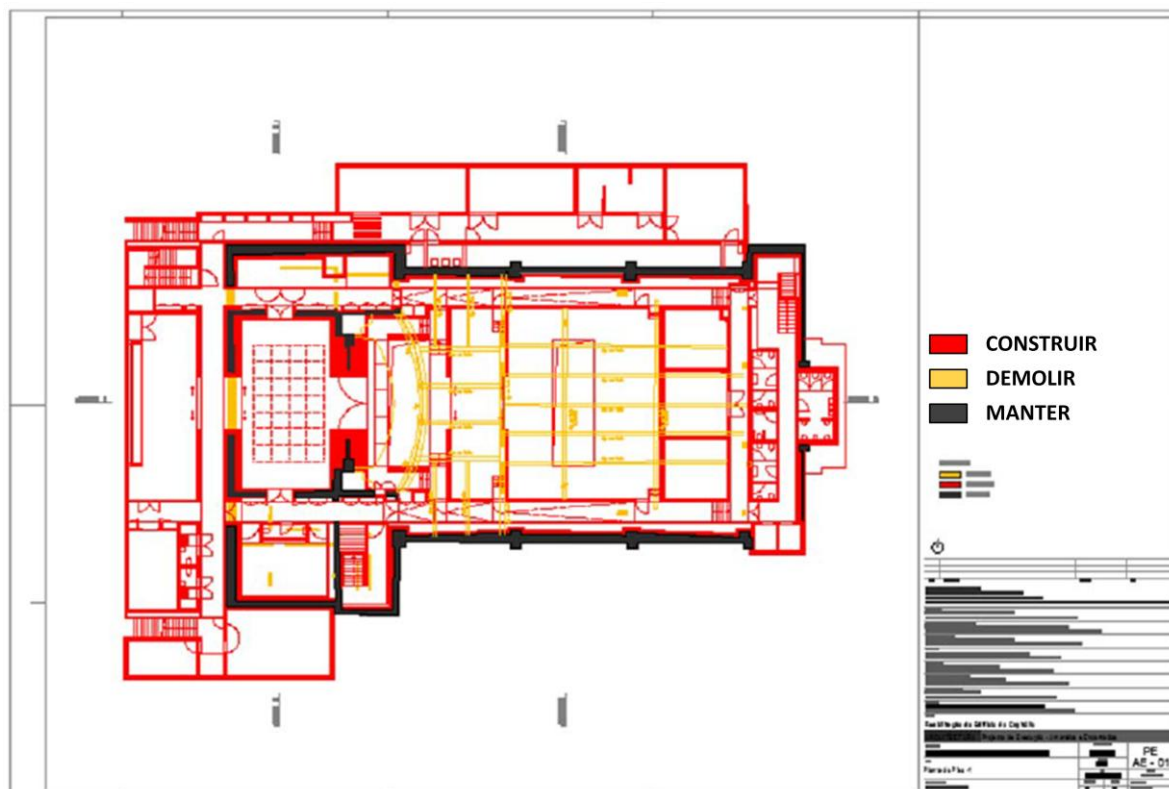
Figura 41: Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Planta Geral de Intervenções 1.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao, adaptado pela autora (2020).

Na planta do projeto de execução são demonstrados, na cor cinza escuro o que deveria ser mantido, em laranja o que seria demolido e em vermelho o que seria construído. (Figura 42).

Figura 42: Projeto de Reabilitação do Cineteatro Capitólio – Planta Geral de Intervenções 2.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao

Foto: Souza Oliveira Arquitura e Urbanismo Ltda (2009).

A obra passou por diversas mudanças no sistema estrutural para se adequar ao novo programa de necessidades imposto pelo projeto. Ao final todo o processo de construção e manutenção de partes existentes da edificação deste sua origem foi bem sucedido, alcançando-se a conclusão da obra. (Figuras 43 e 44).

Figura 43: Vista do Cineteatro Capitólio – Início das obras em Abril de 2012.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao
Foto: Cardoso (2015).

Figura 44: Vista do Cineteatro Capitólio – Fase de acabamento em Dezembro de 2014.



Fonte: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao
Foto: Cardoso (2015).

6.1.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto

O Cine Teatro Capitólio foi um elemento inspirador para a pesquisa. A sua escolha ocorre a partir de seu estilo arquitetônico e de como foi feita a condução do projeto de reabilitação nele ocorrido.

Um edifício de arquitetura modernista, mas que carregava consigo inspirações na arquitetura Art Déco, e que a partir de um novo projeto ganha um ar de contemporaneidade através de todos os materiais e aplicações disponíveis na atualidade a ele inseridos.

A geração de continuidade espacial, que traz o espectador a refletir se ele está dentro ou fora do edifício. Isso pelo fato das apresentações que acontecem o envolverem seja em seu exterior ou interior.

E mais do que nunca, o respeito ao passado da construção, atribuindo novas funções à mesma. Porém mantendo características de sua origem, reforçando a identidade visual de sua história.

Uma frase marca esse projeto: resgatando o passado, olhando para o futuro.

6.2. Casa da Música, Porto, Portugal

6.2.1. Ficha técnica do projeto

O projeto da Casa da Música é atribuído ao escritório OMA (*Office for Metropolitan Architecture*) ou Escritório para Arquitetura Metropolitana, localizado na cidade de Roterdã, na Holanda. O projeto possui 22.000 m² e foi realizado no ano de 2005. (Figura 45).

Figura 45: Vista da Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

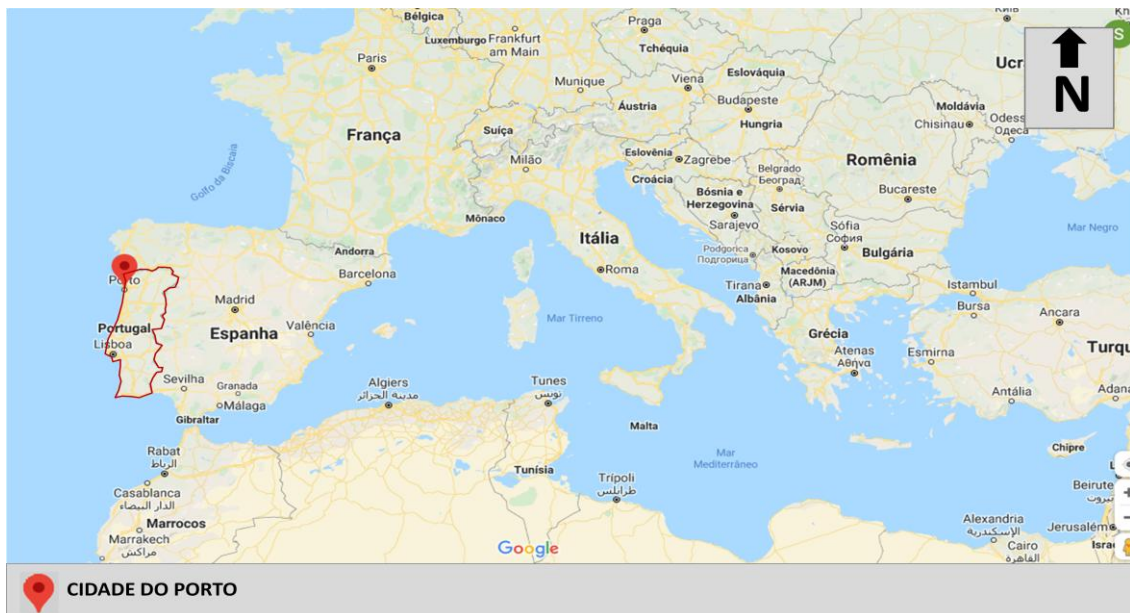
Foto: Philippe Ruault.

6.2.2. Localização

A Casa da Música fica localizada na Praça de Mouzinho de Albuquerque, conhecida popularmente como Rotunda da Boa Vista, no bairro da Boa Vita, na cidade de Porto, Portugal. No centro da praça está o Jardim da Rotunda da Boa

Vista, de forma circular, envolta do Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular. A praça fica bem próxima das linhas de metrô da cidade. (Mapas 7, 8 e 9).

Mapa 7: Mapa de Localização – Porto – Portugal.



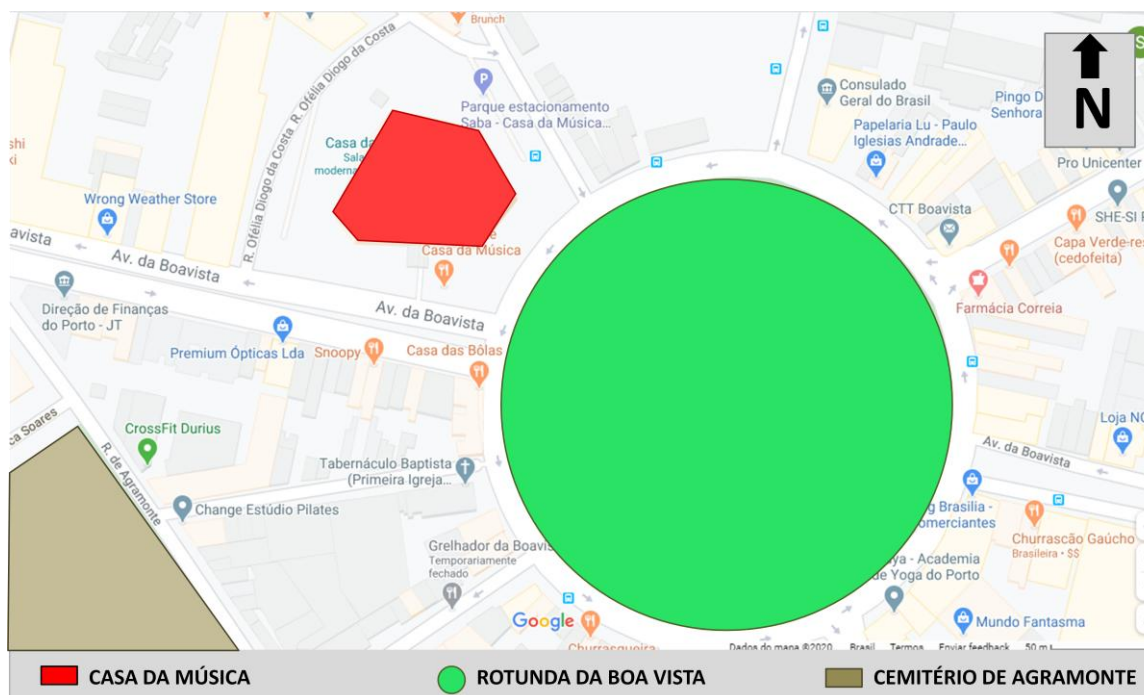
Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 8: Mapa de Localização – Rotunda da Boa Vista – Porto.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 9: Mapa de Localização – Casa da Música – Rotunda da Boa Vista.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.2.3. Análise do entorno

A Casa da Música fica bem localizada na cidade de Porto, bem próxima das linhas do metrô, o que facilita o acesso ao espaço cultural. Também está próxima de instituições de ensino, de saúde, comerciais, religiosas e culturais.

Em suas proximidades dois elementos que mais se destacam é a Praça de Mouzinho de Albuquerque (Rotunda da Boa Vista) e o Cemitério de Agramonte.

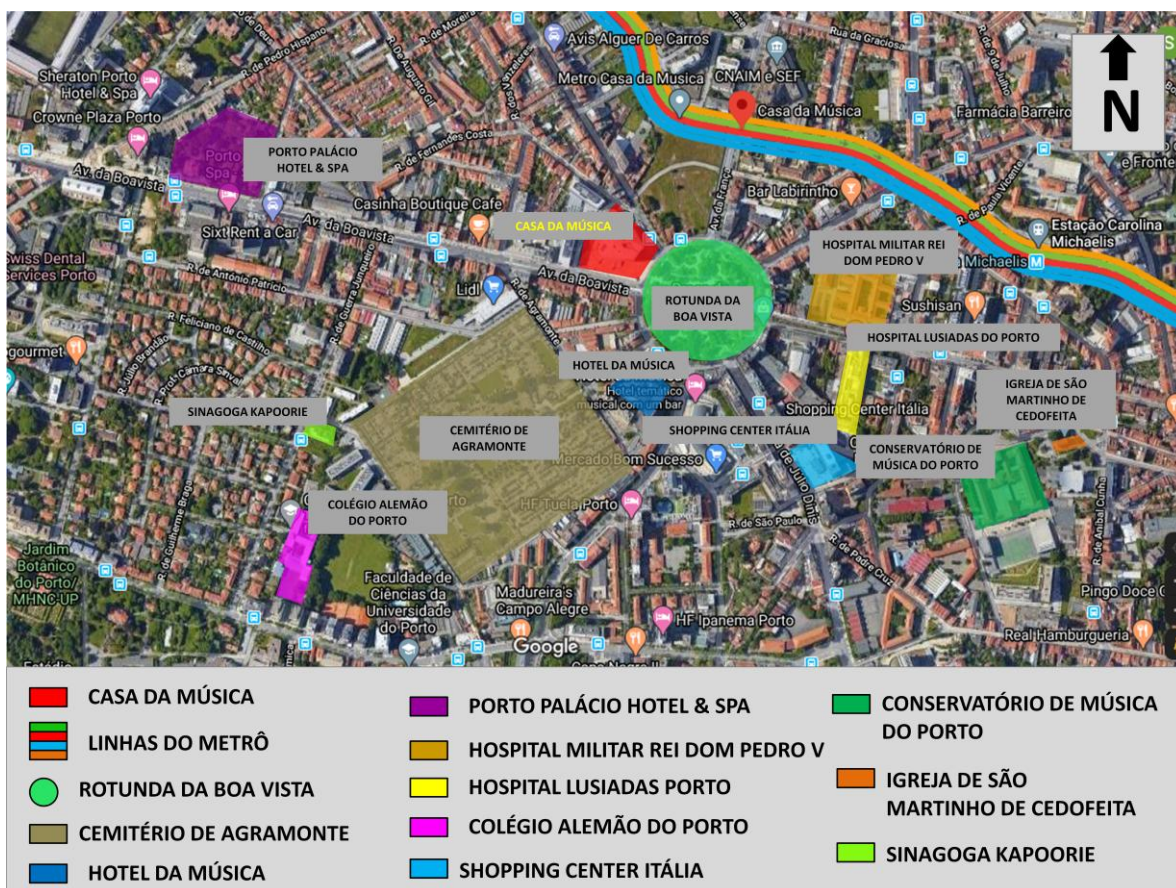
Com relação à saúde, possui em seu entorno o Hospital Lusiadas Porto e o Hospital Militar Rei Dom Pedro V. Já se tratando de instituições educacionais, o Colégio Alemão do Porto.

Na área de cultura, além da própria Casa de Música se encontra em suas proximidades o Conservatório de Música do Porto.

As instituições religiosas mais próximas são a Igreja de São Martinho de Cedofeita e a Sinagoga Kapporie.

E se tratando de pontos comerciais, se destacam os hotéis, sendo eles: o Hotel da Música e o Porto Palácio Hotel & Spa, e o Shopping Center Itália. (Mapa 10).

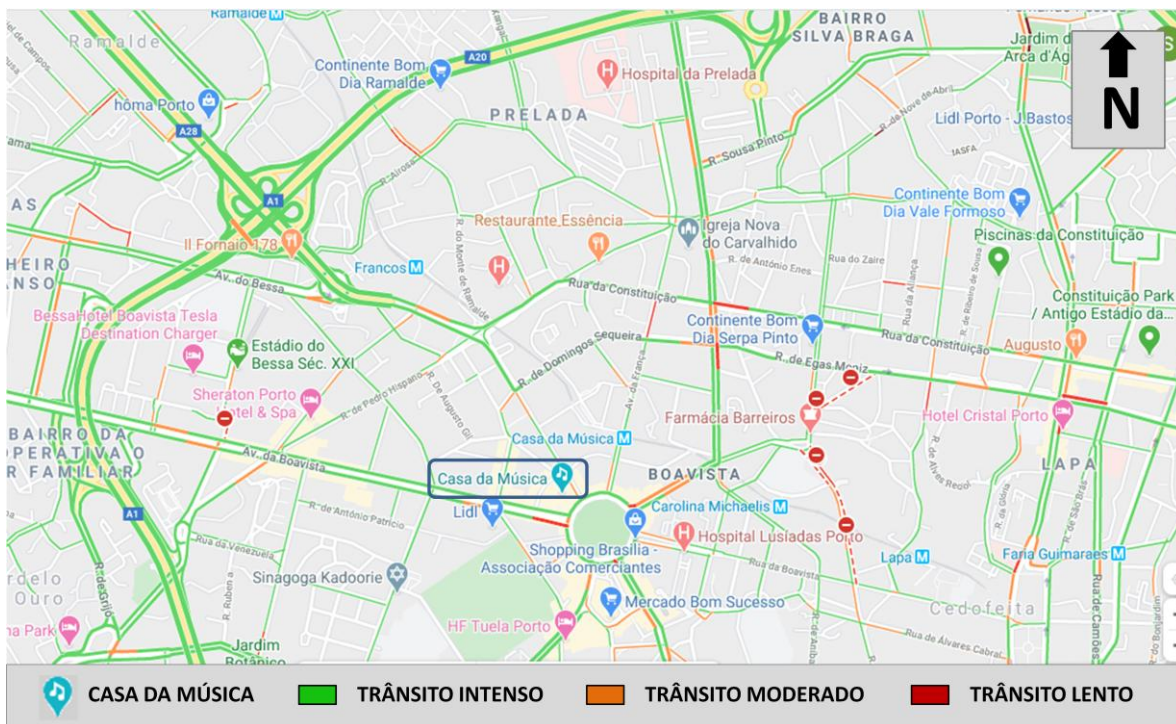
Mapa 10: Mapa de Pontos Referenciais – Casa da Música.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

O trânsito no entorno da Casa de Música é bastante intenso, devido as avenidas que cortam suas extremidades, além da Rotunda da Boa Vista que faz uma distribuição do fluxo dessas avenidas para ruas menores, porém também são bem movimentadas, algumas vias fluxo moderado aparecem ao lado da Casa de Música e chegando em um dos lados da rotunda, já as vias de trânsito lento vão aparecer no entorno do Hospital Lusíadas Porto. (Mapa 11).

Mapa 11: Mapa de Trânsito – Casa da Música.

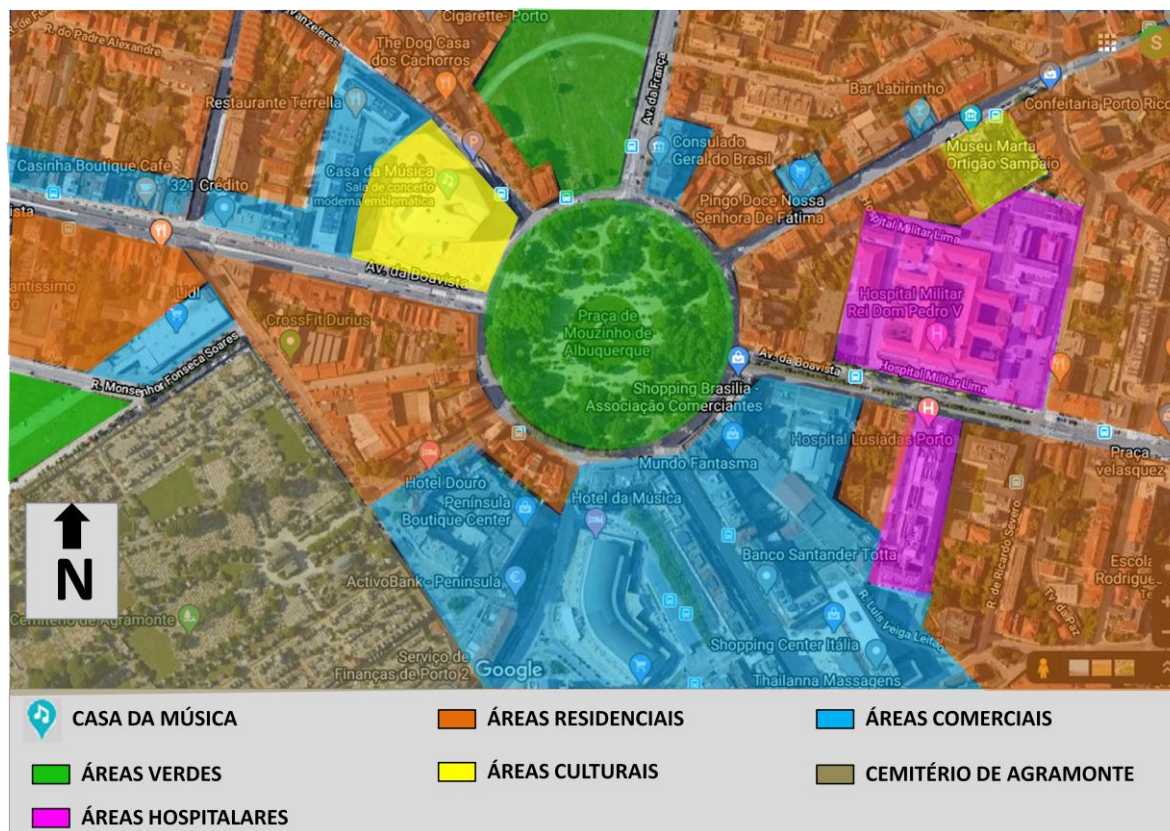


Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

A identificação da região nas proximidades da Casa da Música demonstra uma área residencial significativa, porém em seu entorno direto existe uma grande área comercial. Na área dedicada a espaços culturais, está incluída a própria Casa da Música e o Museu Marta Ortigão Sampaio.

As áreas verdes estão próximas, com destaque para a Praça de Mouzinho de Albuquerque, e também importante ressaltar o grande espaço ocupado pelo Cemitério de Agramonte. (Mapa 12).

Mapa 12: Mapa de Usos – Casa da Música.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.2.4. Sobre os arquitetos

O OMA (*Office for Metropolitan Architecture*) foi fundado pelos arquitetos Rem Koolhaas, Elia Zenghelis, Madelon Vriesendorp e Zoe Zenghelis, em 1975. Rem Koolhaas e Elia Zenghelis começaram a trabalhar juntos no início dos anos de 1970. O início do funcionamento do escritório na cidade de Roterdã coincidiu com a entrada em uma concorrência de projetos arquitetônicos para a construção do edifício para o Parlamento Neerlandês, e o OMA foi vencedor. (Figuras 46 a 49).

Figura 46: Arquitecto Rem Koolhaas.



Fonte: <https://www.commercialinteriordesign.com/thoughts/dubai-forced-oma-to-reinvent-ideas-on-urbanism-says-rem-koolhaas>

Figura 47: Arquitecto Elia Zenghelis.



Fonte: <https://www.metalocus.es/en/news/interview-elia-zenghelis-educating-architecture>

Figura 48: Arquiteta Madelon Vriesendorp.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Yj0TPFPYrMc>

Figura 49: Arquiteta Zoe Zenghelis.



Fonte: <http://www.zoenghelis.com/>

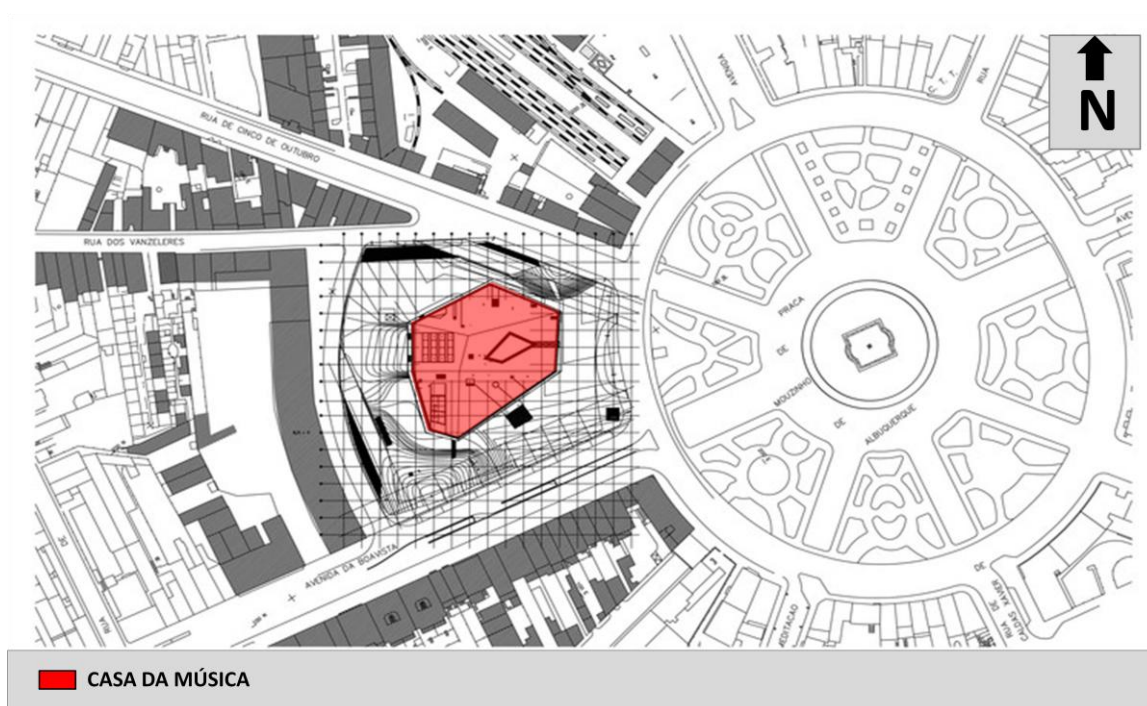
6.2.5. Sobre o projeto

O projeto da Casa da Música está ligado a uma mudança na maneira de se projetar. Há alguns anos os arquitetos e arquitetas vêm tentando escapar da forma retangular, que caracteriza os projetos de salas de concertos. E este projeto tenta revigorar a sala de concertos tradicional através da redefinição da relação entre interior e exterior.

A Casa da Música tem uma forma facetada, feita em concreto branco, que permanece sólida. No seu interior é contruído um auditório de mil e trezentos lugares, implantado como a tradicional forma retangular, as fachadas de vidro ondulado se abrem ao hall de concertos e à cidade.

A implantação da edificação foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento do escritório OMA, segundo eles, optaram por não construir a nova sala de concertos no anel de edifícios antigos que definiam a Rotunda, mas criar um edifício solo, recuado, sobre um platô de mármore travertino de frente para a Praça de Mouzinho de Albuquerque, e com esta ação, questões de simbolismo, visibilidade e acesso foram resolvidos. (Figuras 50 e 51).

Figura 50: Croqui Implantação – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Desenho: OMA, adaptado pela autora (2020).

Figura 51: Implantação – Casa da Música.

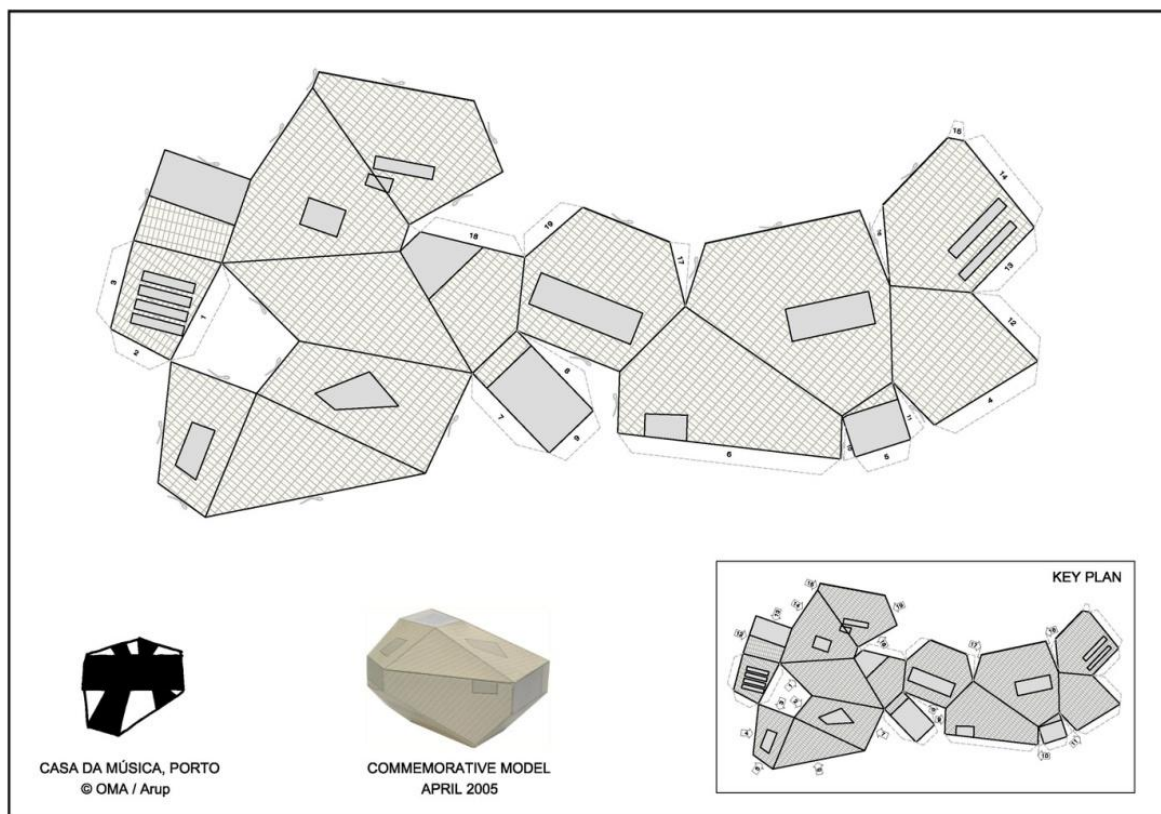


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: OMA.

O conceito arquitetônico da Casa da Música gerou uma arquitetura totalmente diferente, e a minoria das pessoas sabe o que acontece dentro do edifício. O OMA abordou a relação existente entre a sala de concertos e o público, tanto dentro como fora da edificação, considerando-a uma massa sólida, eliminando as duas salas de concerto em forma retangular, e todo o restante do programa público através da criação de um bloco escavado. (Figura 52).

Figura 52: Diagrama – Casa da Música.



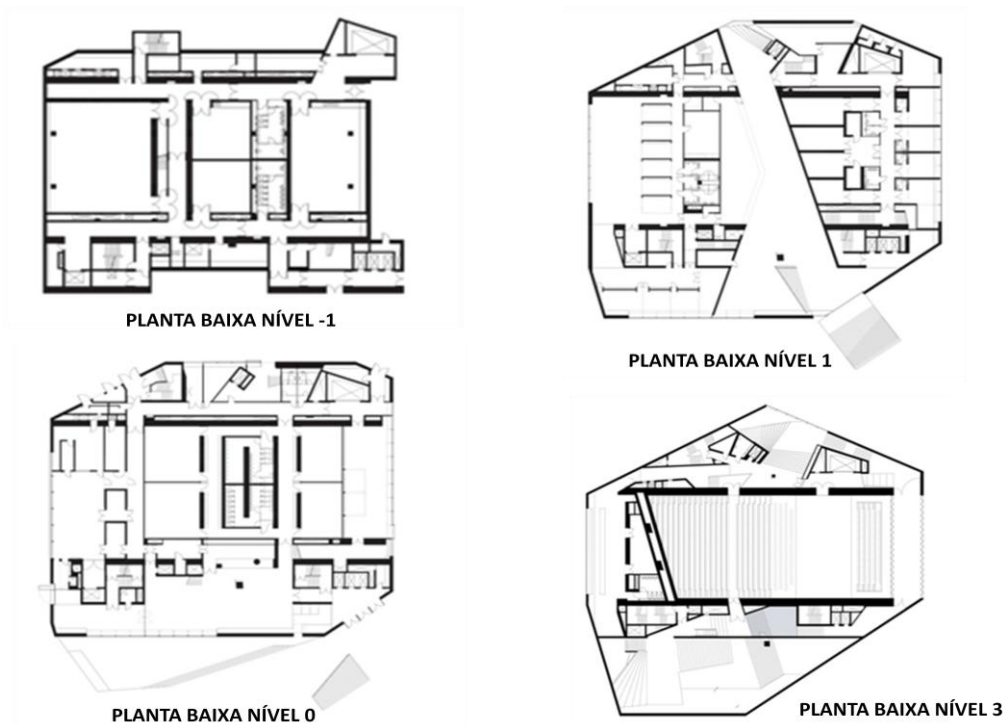
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Desenho: OMA.

O programa de necessidades da Casa da Música contém um espaço menor para performances, mais flexível e sem assentos fixos, dez salas de ensaio, salas de solistas, estúdios de gravação, uma área educacional, um restaurante, esplanada, bares, uma sala para artistas externos e convidados, áreas de administração, vestiários para abrigar a Orquestra Filarmônica do Porto e um estacionamento subterrâneo para seiscentos veículos.

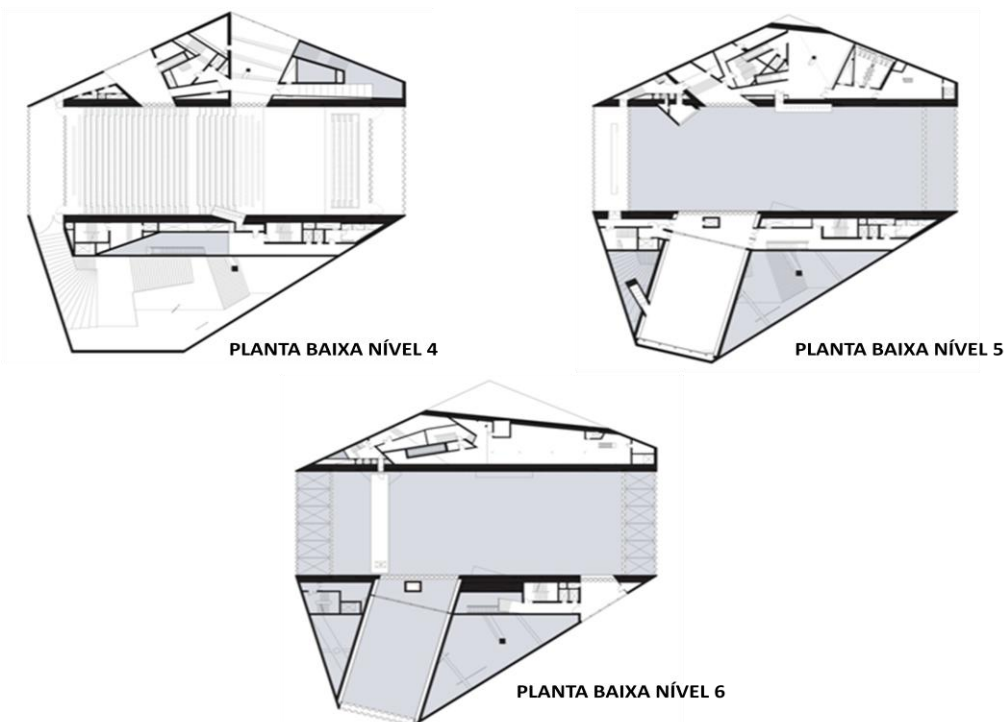
Foi decidido que não existiria nenhum grande foyer central, foi feita uma rota pública contínua, ligando os espaços em torno do auditório, por meio de escadas, plataformas e escadas rolantes. (Figuras 53 e 54).

Figura 53: Plantas Pav. -1 ao 3 – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>
 Desenho: OMA, adaptado pela autora (2020).

Figura 54: Plantas Pav. 4 ao 6 – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>
 Desenho: OMA, adaptado pela autora (2020).

O uso de materiais e cores foi inovador, assim como as cortinas de vidro em cada extremidade do auditório, as paredes foram revestidas de madeira compensada, sendo que suas nervuras possuem relevos dourados, gerando uma perspectiva. A área para abrigar artistas e convidados tem azulejos pintados à mão que retratam cenas pastorais tradicionais, e o terraço é padronizado com um padrão geométrico de azulejos brancos e pretos, já os pisos em áreas públicas são pavimentados em alumínio. (Figuras 55 a 60).

Figura 55: Vista Interna do Auditório – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

Figura 56: Vista Interna do Palco do Auditório – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

Figura 57: Escadas com acabamento em alumínio – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

Figura 58: Cortinas de Vidro nas extremidades do Auditório – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

Figura 59: Azulejos Preto e Branco do terraço – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

Figura 60: Azulejos pintados a mão – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

A estrutura da Casa da Música é composta por uma grossa e facetada casca do edifício de 400 mm e as duas paredes de 1 m de espessura do auditório principal, são o sistema principal para aguentar a carga e estabilidade da edificação. As paredes internas do auditório amarram o volume externo na direção longitudinal. A Arup, empresa incumbida do projeto de prevenção de incêndios, juntamente com o escritório OMA, pesquisaram a mistura de concreto para as fachadas externas. (Figura 61).

Figura 61: Vista Externa – Casa da Música.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>

Foto: Philippe Ruault.

6.2.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto

O projeto da Casa de Música é inovador e contemporâneo. Ele deixa qualquer modelo padrão de salas de concerto para trás. A escolha desse projeto resultou na busca de materiais atuais que podem ser utilizados e onde cada um pode ser aplicado de acordo com a funcionalidade do ambiente.

A estética deste edifício desafia o convencional, com o objetivo de se tornar um marco em uma área da cidade que possui valor histórico.

6.3. Sala São Paulo, São Paulo, Brasil

6.3.1. Ficha técnica do projeto

O projeto de restauração e readequação da Sala São Paulo é do escritório Dupré Arquitetura e Coordenação, tendo como autor do projeto Nelson Dupré, coordenadores Luizette Davini e Mauro Pucci, os colaboradores foram Reinaldo Lopes, Renata Maradini, Polyana Frangetto, Luciana Mateus, Fernando Alcotagi, Valéria d'Agostino, Marcello Pucci e Heloísa Hachul, e os estagiários André Caperutto, Andréa Dupré, Adriana Gazoti e Marcos Vinícios Campos.

A coordenação da obra foi feita pela Acunha Solé Engenharia, tendo como responsável Ismael Solé. O projeto de acústica foi realizado pela Artec Consultants e Acústica & Sônica. A estrutura pela empresa Vantec. Projeto de Ar Condicionado executado pela empresa SPC. Elétrica e hidráulica de responsabilidade da empresa Etip. Projeto de Fundação de responsabilidade da empresa MGA e finalmente projeto de iluminação executado pela empresa Neolit.

A Sala São Paulo de Concertos está localizada na cidade de São Paulo, Brasil, e o projeto fez intervenção em 58.134 m², sendo a área de restauro de 26.630 m², área de garagem e praça 31.504 m². A data do projeto é do ano de 1997 e a conclusão da obra no de 1999. (Figura 62).

Figura 62: Estação Júlio Prestes – Sala São Paulo.



Fonte:

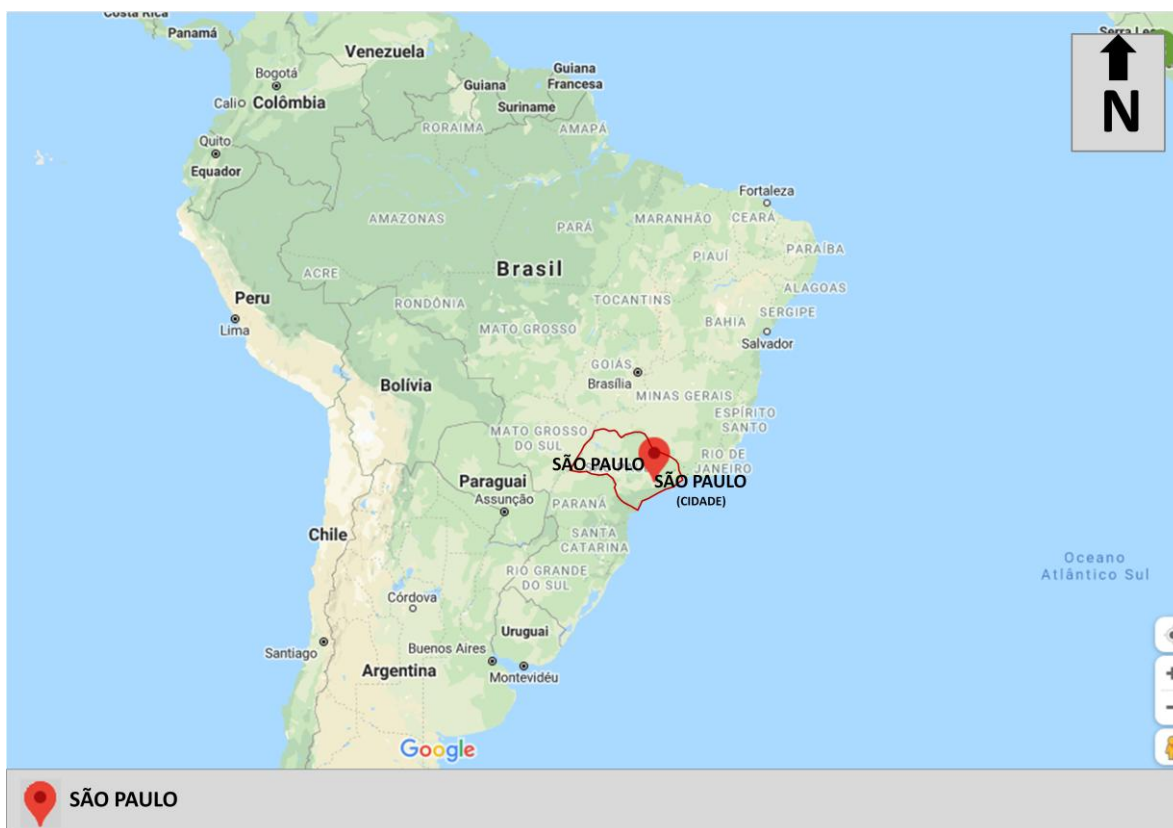
<https://www.galeriadaarquitectura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?idproject=1357&index=1>

Foto: Dario de Freitas.

6.3.2. Localização

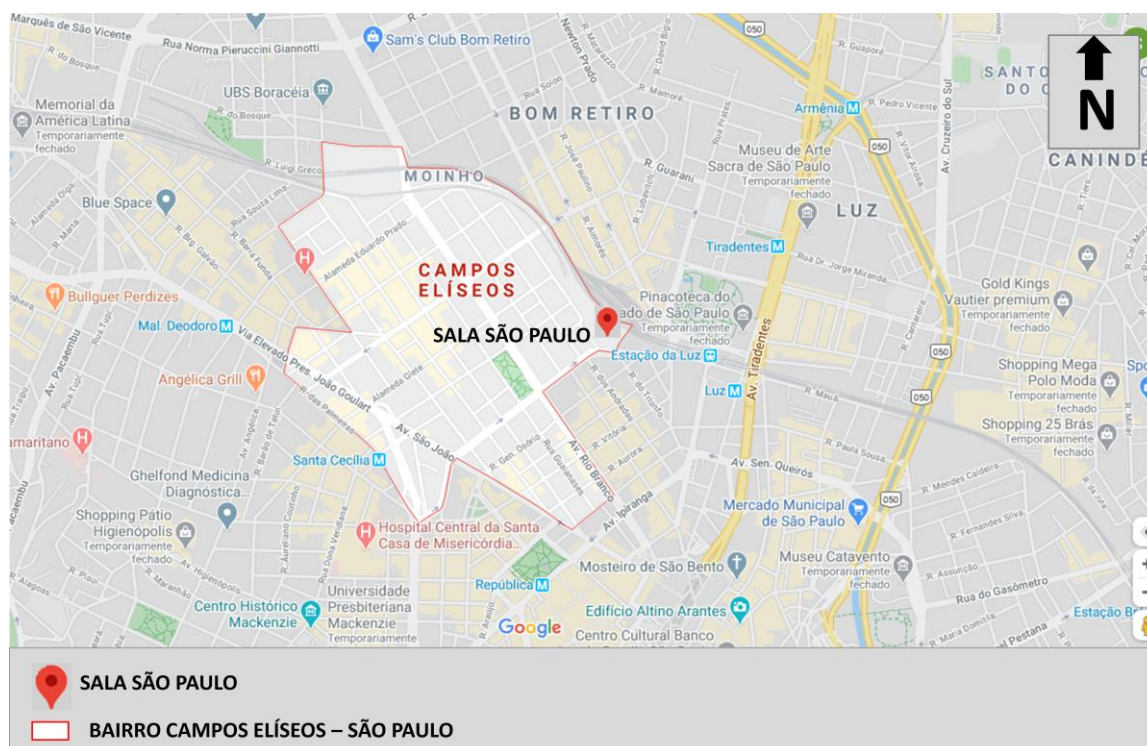
A Sala São Paulo é uma sala de concertos, onde ocorrem apresentações sinfônicas e de câmara. Ela faz parte do Centro Cultural Júlio Prestes, na antiga Estação Júlio Prestes, uma histórica estação ferroviária. Fica localizada na Praça Júlio Prestes, no bairro de Campos Elísio, na região central da cidade de São Paulo. (Mapas 13, 14 e 15).

Mapa 13: Mapa de Localização – São Paulo – Brasil.



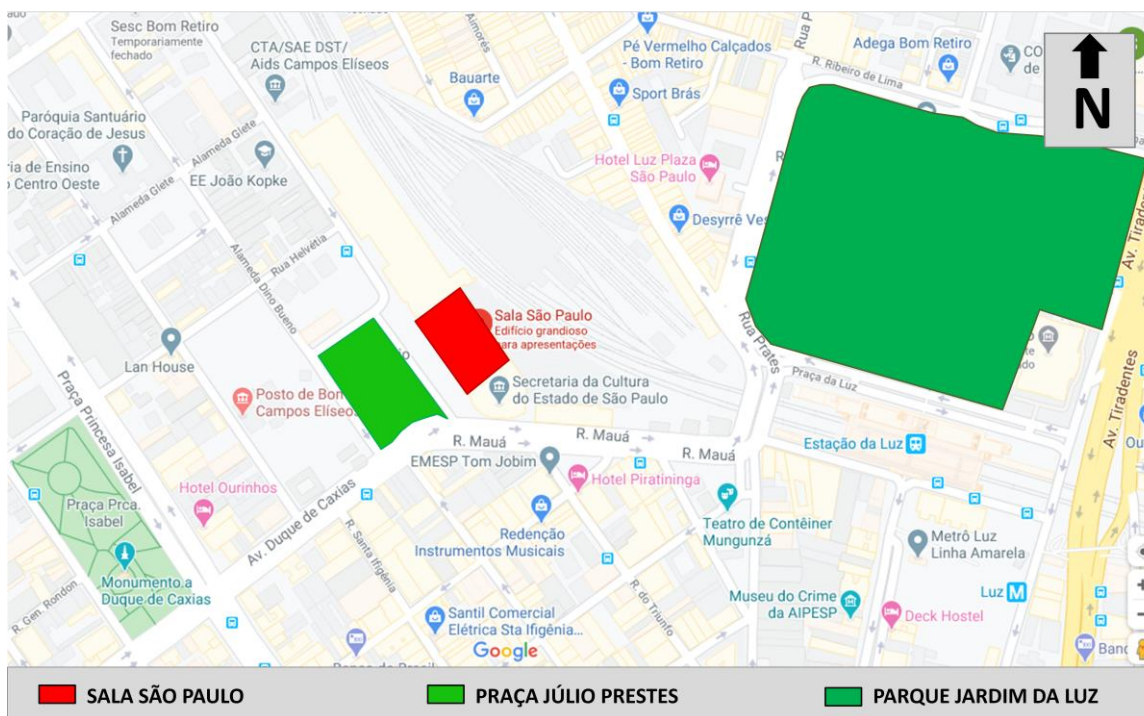
Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 14: Mapa de Localização – Bairro Campos Elíseos – São Paulo.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 15: Mapa de Localização – Sala São Paulo – Bairro Campos Elíseos.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.3.3. Análise do entorno

A Sala São Paulo fica localizada em uma região central da cidade de São Paulo, próxima a praças, parques, espaços culturais, hospitais, bancos e instituições.

Em suas proximidades três elementos se destacam é o Parque Jardim da Luz, a Pinacoteca do Estado de São Paulo e a Estação da Luz.

No mesmo prédio da Saça São Paulo, se encontra a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

Com relação a outros espaços culturais próximos, há existência do Museu do Crime e o Monumento a Duque de Caxias.

Outros pontos de referência também próximos a edificação são o Metrô Luz Linha Amarela, o Posto de Bombeiros Campos Eliseos, a Praça Princesa Isabel e Praça Júlio Prestes, que fica de frente para a Sala São Paulo. (Mapa 16).

Mapa 16: Mapa de Pontos Referenciais – Sala São Paulo.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

A Sala São Paulo tem no seu entorno imediato a Avenida Duque de Caxias e Rua Mauá, as quais possuem fluxo intenso. Algumas ruas secundárias um pouco mais afastadas da via de acesso a Sala São Paulo que vão possuir um fluxo moderado e ou lento, mas são poucas vias, por se tratar de uma área central da cidade, o trânsito na maioria das ruas é intenso. (Mapa 17).

Mapa 17: Mapa de Trânsito – Sala São Paulo.

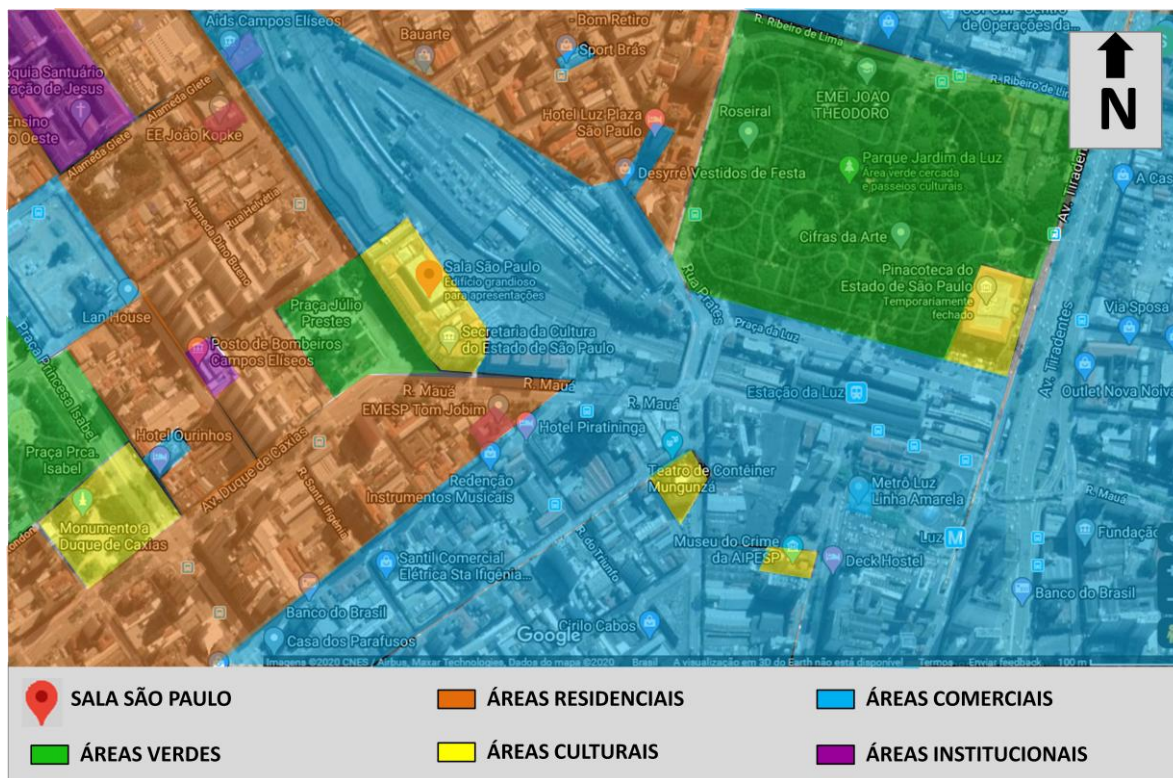


Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

É notório que, nas proximidades da Sala São Paulo existe uma área comercial bem vasta, devido a centralidade desta região dentro da cidade. Também em seu entorno direto há uma mancha significativa de área residencial. Alguns pontos institucionais existente, se destacando o Santuário Sagrado Coração de Jesus.

As áreas verdes estão próximas, representadas pela Praça Júlio Prestes, Praça Princesa Isabel e Parque Jardim da Luz. (Mapa 18).

Mapa 18: Mapa de Usos – Sala São Paulo.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.3.4. Sobre os arquitetos

O projeto original da Estação Júlio Prestes é do Escritório Técnico Samuel e Christiano das Neves. Cristiano Stockler das Neves foi o responsável pelo projeto. Ele formou-se na Escola Politécnica de São Paulo – Instituto de Belas Artes da Universidade da Pensilvânia em 1911. (Figura 63).

O projeto de restauração e readequação do edifício foi executado pela Dupré Arquitetura & Coordenação S/S Ltda tem como diretor o arquiteto Nelson Dupré. Formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1973, também cursou na mesma universidade no ano de 1976 o Curso Especial de Administração de Empresas. Tornou-se diretor da Dupré Arquitetura no ano de 1985, foi professor de Projeto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da universidade onde se formou, também é Consultor em Arquitetura para projetos de grande porte, e obteve o título de NOTÓRIO SABER pela Universidade Plesbiteriana Makenzie em 2003. (Figura 64).

Figura 63: Arquiteto Cristiano Stockler das Neves.



Fonte: https://www.arquivo.arq.br/cristiano-stockler-das-neves?lightbox=image_1m4h

Foto: Acervo Folha de São Paulo.

Figura 64: Arquiteto Nelson Dupré na Sala São Paulo.



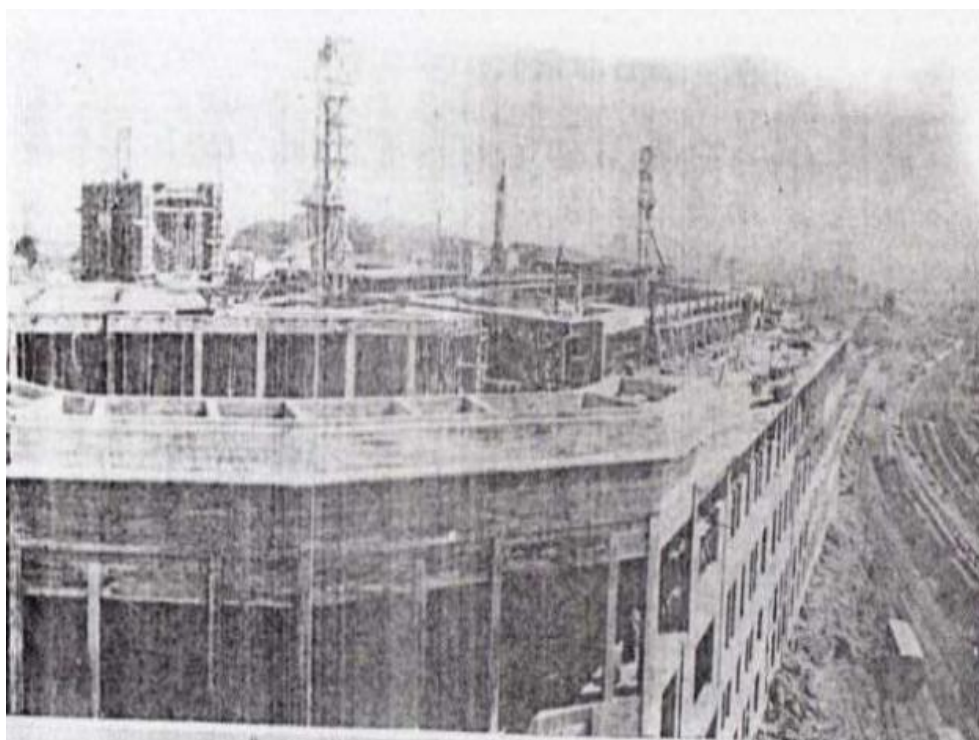
Fonte: Google Imagens (2020).

6.3.5. Sobre o projeto

Segundo Anita Regina e Ruth Verde, a Estação Júlio Prestes foi construída entre 1925 e 1938 para ser a sede e ponto de partida para a Estrada de Ferro Sorocabana, uma empresa criada pelos barões do café, para transportar o produto até ao porto de Santos. (DI MARCO e ZEIN, 2001).

Com dito anteriormente o projeto original do edifício foi de Christiano Stockler das Neves, ele baseou seu projeto em um estilo eclético, descrito como neoclássico Luis XVI se contrapondo com o barroco que predominava na época. (Figura 65).

Figura 65: Construção – Estação Júlio Prestes.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Em 1971 a Fepasa (Ferrovia Paulista S/A, que era uma empresa estatal paulista de transporte ferroviário de cargas e de passageiros, foi formada para agregar todas as empresas estatais paulistas de transporte ferroviário, no entanto o processo de decadência devido a falta de recursos, e os investimentos que agora era voltados para as rodovias, fizeram com que em 1995 a ferrovia fosse privatizada e o governador do Estado de São Paulo Mário Covas pediu que a Estação Júlio

Prestes ficasse de fora, pretendendo-se que ela fosse transformada em um complexo cultural do Governo de São Paulo.

Em 1ª de abril de 1998 o Governo do Estado de São Paulo entregou a Fepasa à União como forma de quitar dívidas. Com este acordo deu-se uso da estação à Secretaria de Estado da Cultura, assim teve início o processo de restauro e a antiga estação ferroviária Júlio Prestes dá lugar à Sala São Paulo, que passa a fazer parte do Centro Cultural Júlio Prestes. A Sala São Paulo é uma sala de concertos e sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). (Figuras 66 e 67).

Figura 66: Ilustração 1 – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 67: Ilustração 2 – Sala São Paulo.



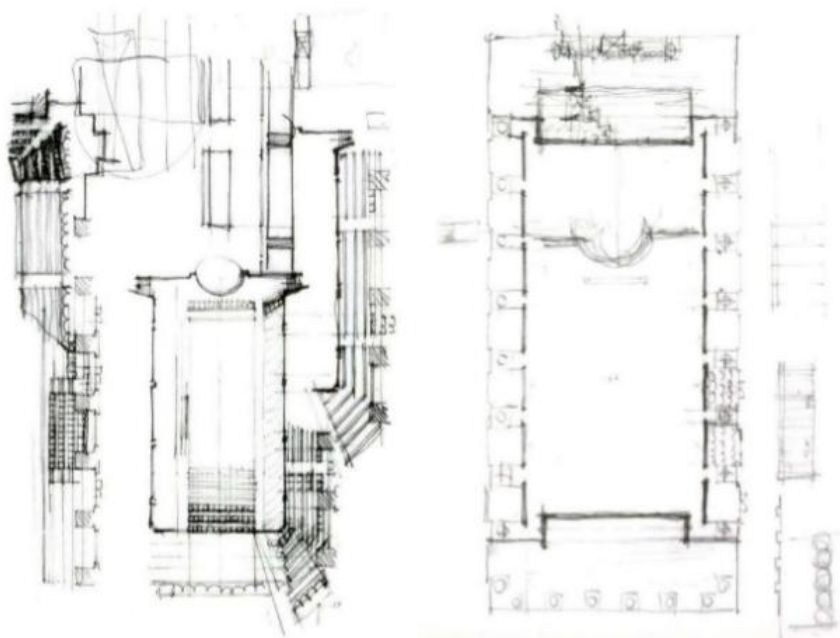
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

O projeto de restauração do arquiteto Nelson Dupré consistia em uma intervenção que destacasse a diferença entre o antigo e o novo. E para que isso acontecesse, ele usa diferentes materiais como aço, vidro, concreto e madeira clara. A sala teria dois usos, um seria a sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo com a necessidade de espaços administrativos e apresentações culturais, outro uso seria como estação ferroviária. (Figura 68).

O arquiteto Nelson Dupré foi convidado pela Secretaria de Estado da Cultura, através do engenheiro Ismael Solé, para participar da concorrência para a restauração da Estação e sua adequação para o uso da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, com a implantação de uma sala de concertos. Segundo Dupré foi um grande desafio fazer este projeto, pois construir uma sala de concertos tão próxima a uma estação de trem, tendo que lidar com ruídos e vibrações, além do reforço da estrutura que iria suportar o peso de novos equipamentos:

“Os desafios me pareciam muito grandes: isolamento e tratamento acústico, restauração e nova arquitetura. Minha experiência prévia em restauração e projetos de teatros e auditórios não me pareceu suficiente, e busquei complementá-la visitando salas de concertos citadas como referência na América do Norte e Europa, estudando seus palcos, sistemas acústicos, áreas de apoio, acessos e fluxos, sentindo como elas soavam, vazias ou em concertos.”(DUPRÉ. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

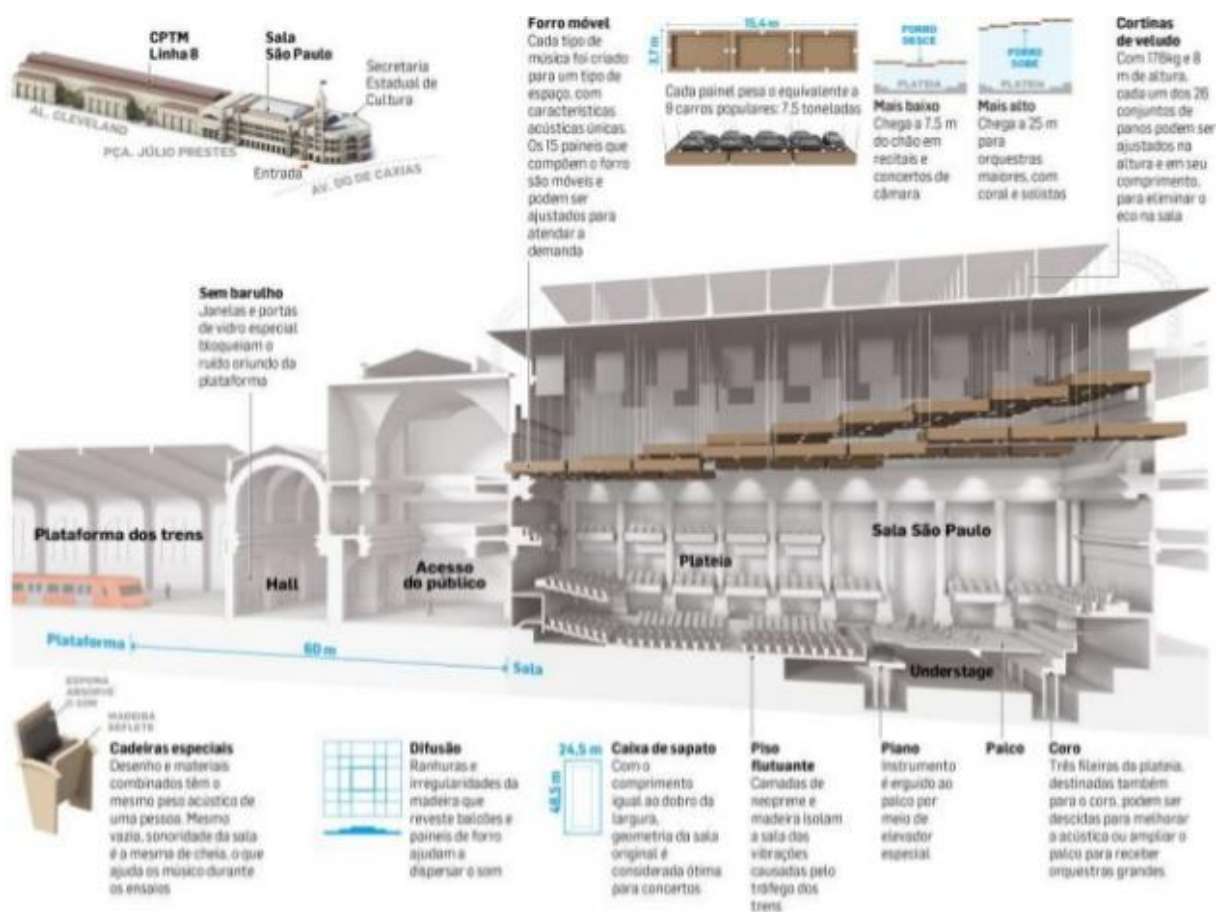
Figura 68: Croquis Restauração – Nelson Dupré – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

No programa proposto para ser executado, a principal preocupação era como se fazer a instalação de uma sala de concerto no lugar onde seria o Grande Hall do projeto original, que não havia sido executado por falta de verbas. Sendo assim, iniciou-se a reforma, com base na equipe que executaria a obra, o que se encontrava naquele espaço era um jardim mal cuidado, basicamente composto por palmeiras imperiais. (Figura 69).

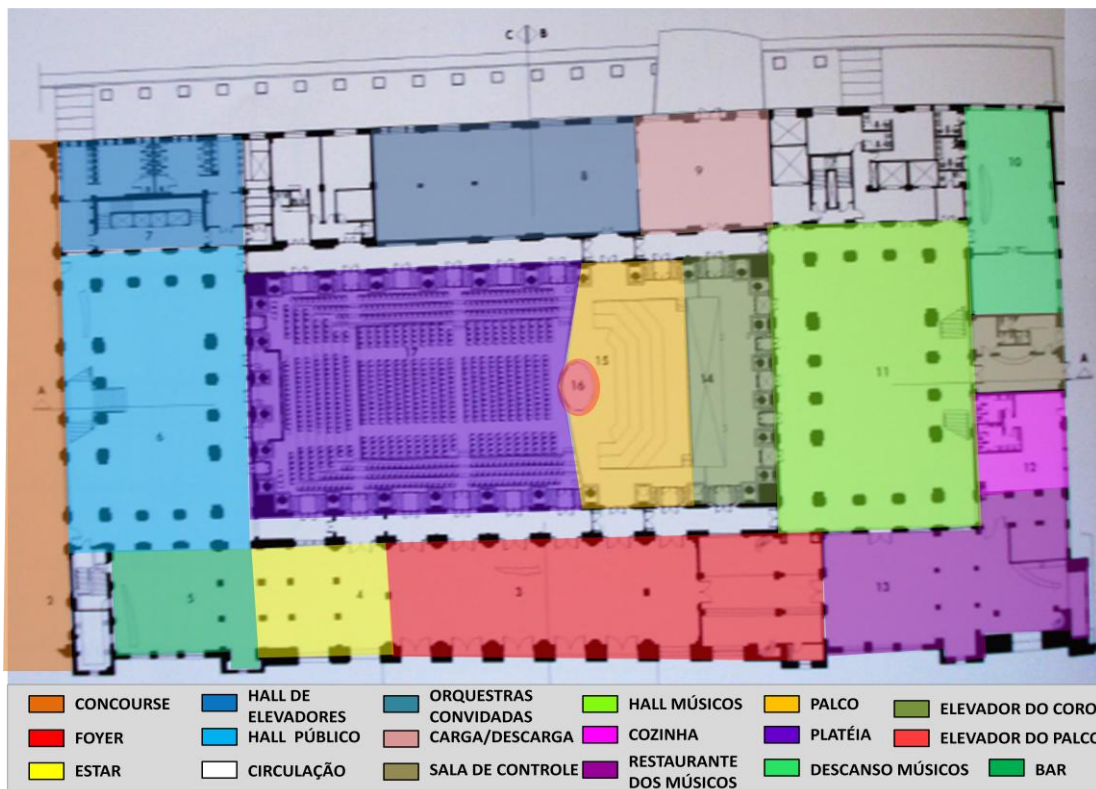
Figura 69: Esquema Restauração e Readequação – Sala São Paulo.



Fonte: Dupré Arquitetura & Coordenação S/S Ltda.

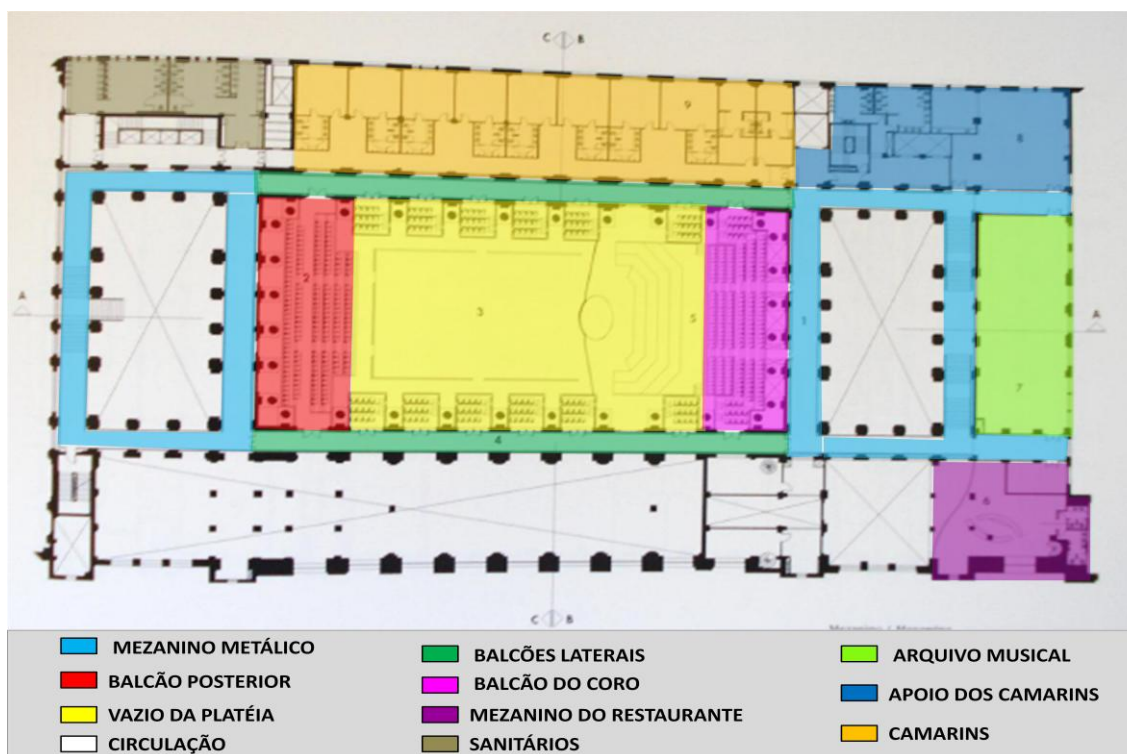
O projeto da Sala São Paulo era extenso, com halls, elevadores, salas diversas, bar, palco, platéia, concourse, sala de controle, restaurante, mezanino, balcões, camarins, auditório, coro, salão nobre, cozinha e salas administrativas. (Figura 70 a 76).

Figura 70: Planta Baixa – Térreo – Sala São Paulo.



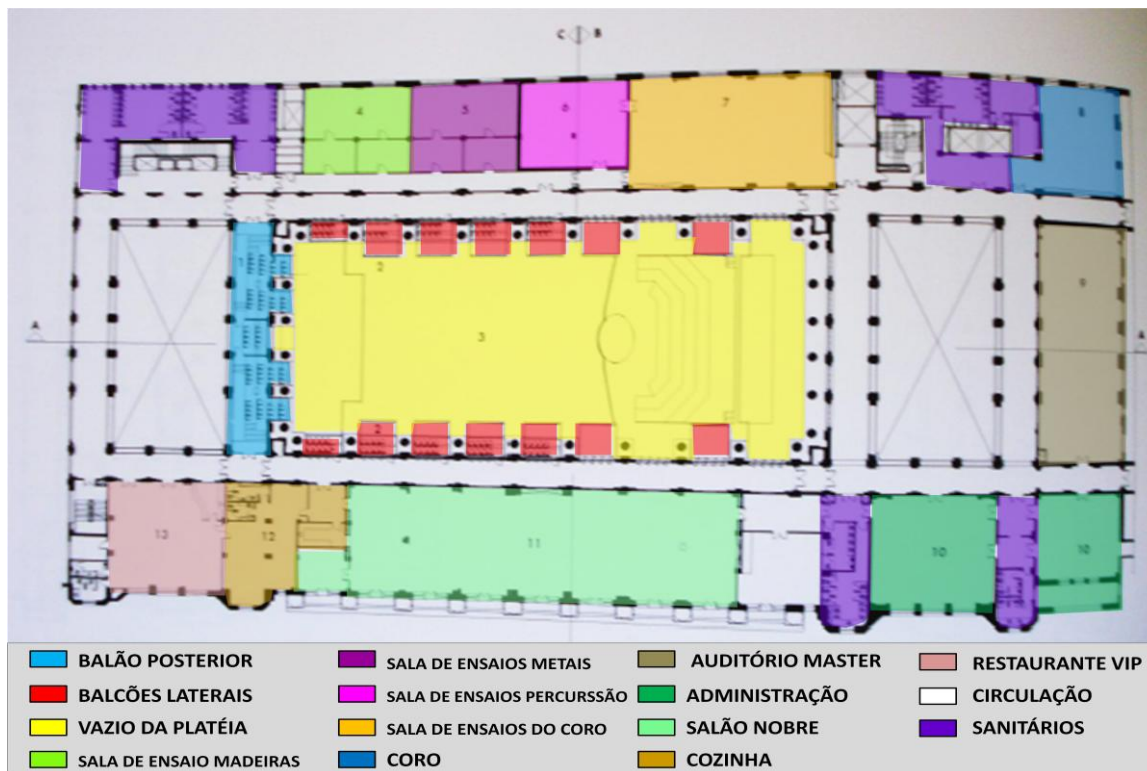
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Figura 71: Planta Baixa – Mezanino – Sala São Paulo.



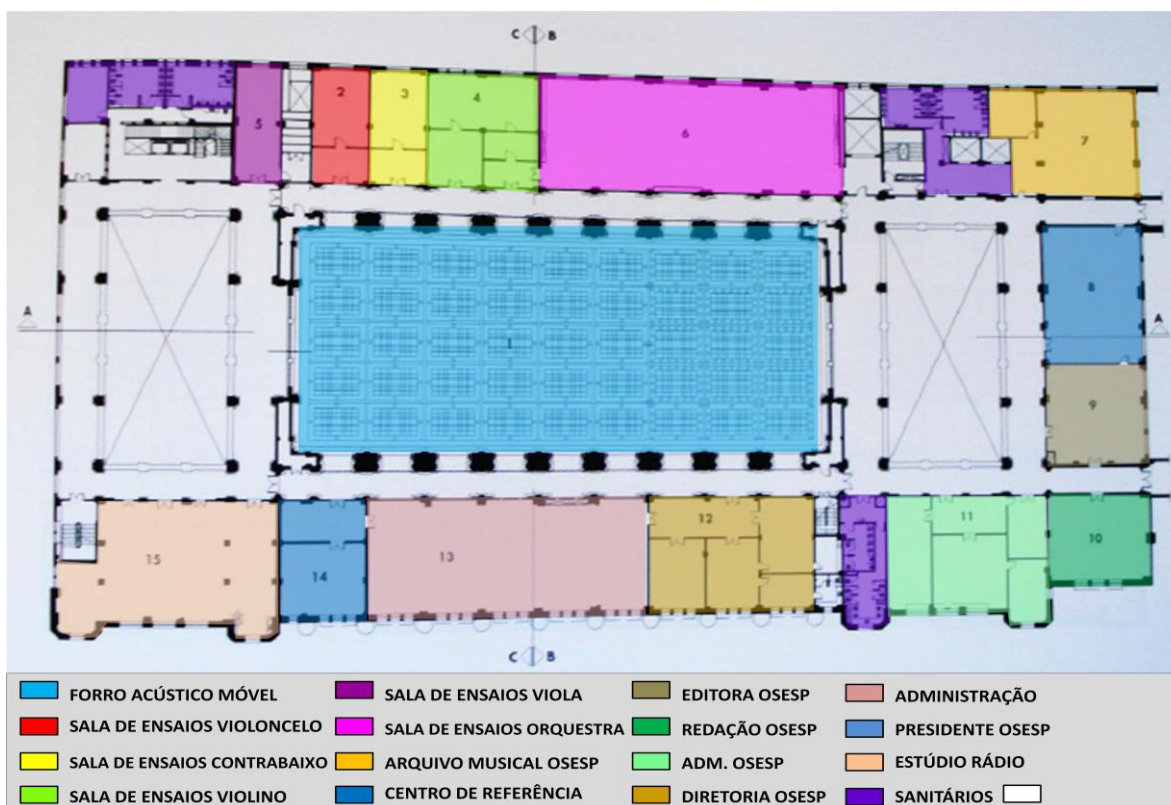
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Figura 72: Planta Baixa – 1º Pavimento – Sala São Paulo.



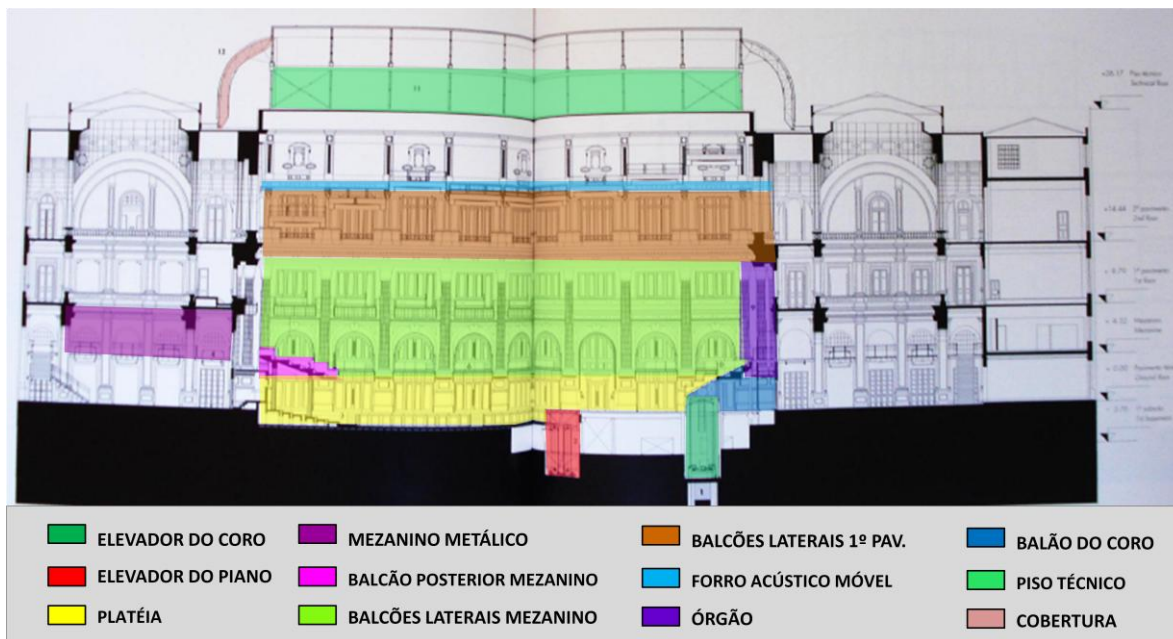
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Figura 73: Planta Baixa – 2º Pavimento – Sala São Paulo.



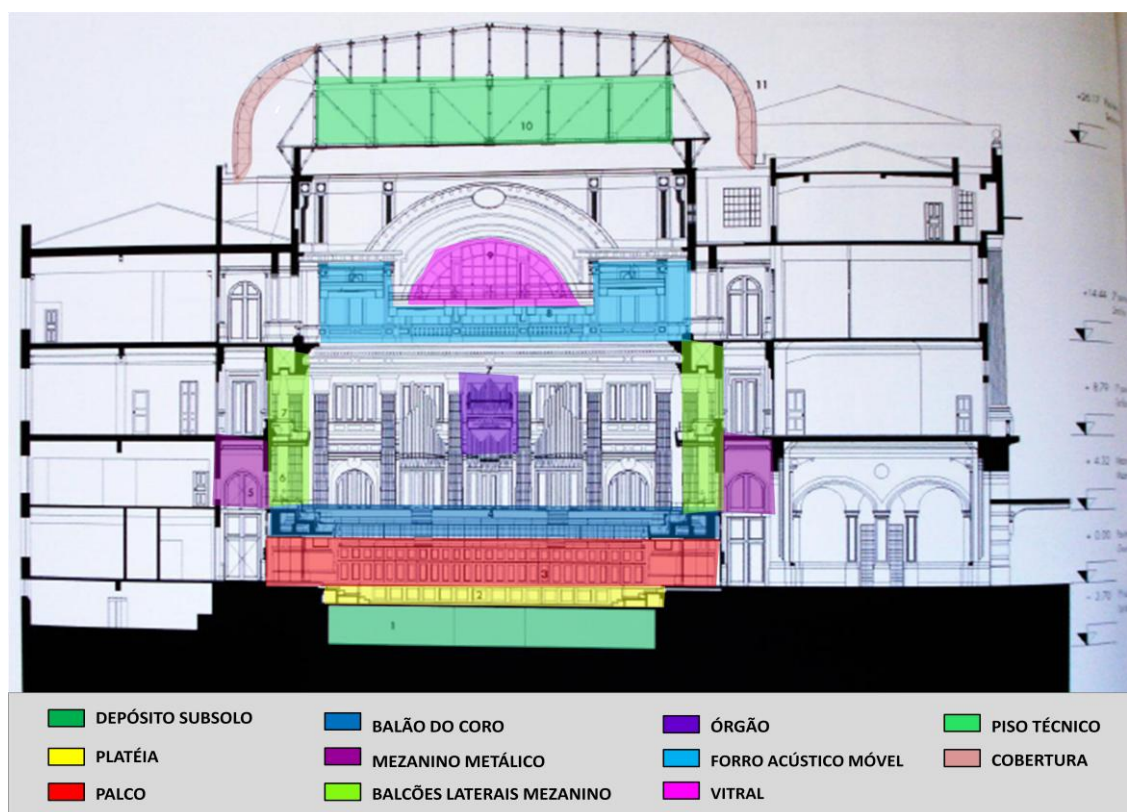
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Figura 74: Corte AA – Sala São Paulo.



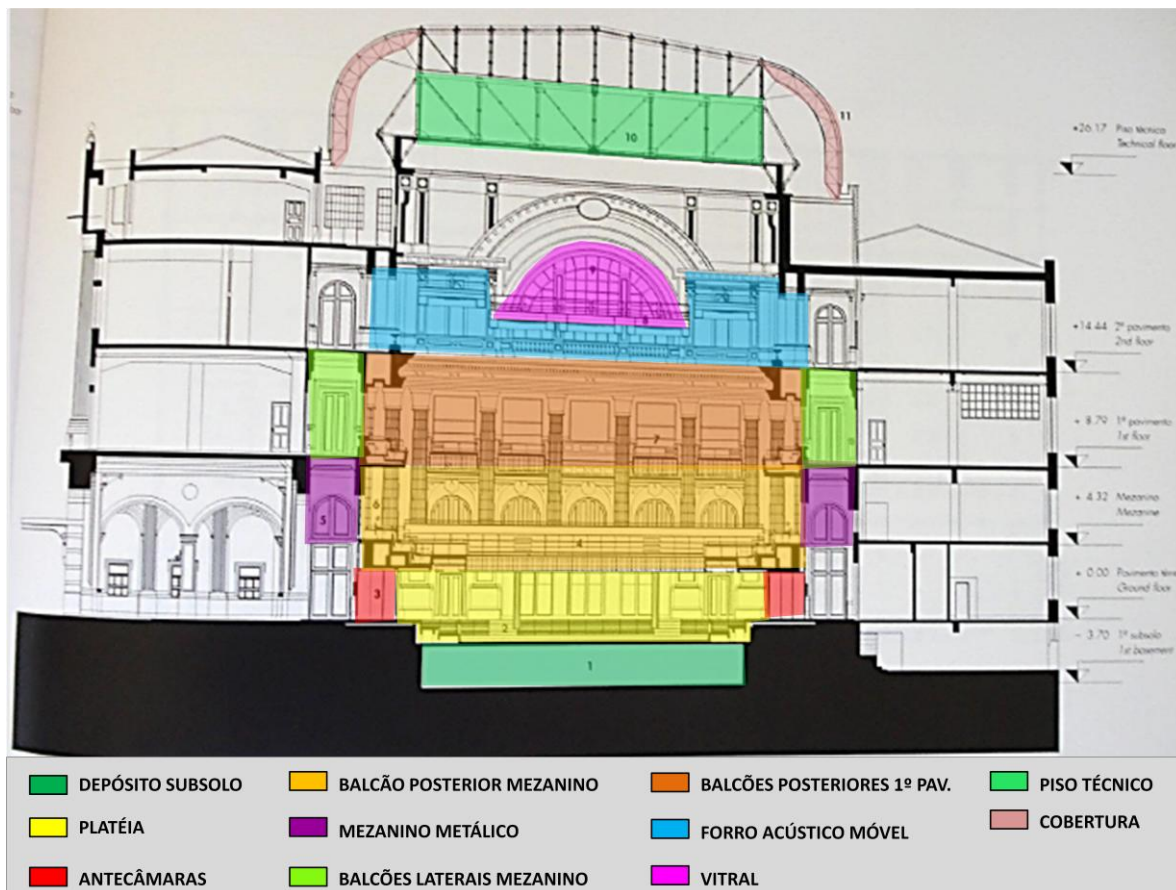
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Figura 75: Corte BB – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Figura 76: Corte CC – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001), adaptado pela autora (2020).

Ocorreram muitos conflitos para o projeto ser definido, uma consultoria acústica norte-americana indicada pela Artec Consultants e Acústica & Sônica havia definido alguns padrões a serem seguidos para a ocupação do antigo Gande Hall da Estação para se tornar uma sala de concertos. De acordo com Dupré foram necessárias parcerias que determinaram a relação da arquitetura com a acústica necessária para o local:

A sugestão do forro móvel, que permitia dar flexibilidade acústica à sala, parecia-nos também garantir uma completa visibilidade do espaço arquitetônico. Entretanto, havia conceitos questionáveis, como o total recobrimento da parte inferior da sala por um balcão corrido e painéis acústicos, que em absoluto garantiam a valorização daquele patrimônio. Nesse debate entre necessidades arquitetônicas e parâmetros acústicos foi fundamental o apoio do consultor acústico brasileiro José Augusto Nepomuceno, e dos profissionais do Condephaat, até chegarmos à solução

de balcões individualizados. (DUPRÉ. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

A qualidade da acústica estava presente nos detalhes. O forro móvel sozinho não é o total responsável pela acústica da sala, ele garante a integridade arquitetônica do Grande Hall. José Augusto Nepomuceno afirma isso:

O forro móvel é importante, mas não é tudo. A qualidade acústica da Sala São Paulo pousa e repousa em um universo grande, delicado, quase intangível de detalhes raramente comentados, mas dos quais dependem as nuances da música que ali é ouvida. O forro móvel sozinho não faz a qualidade acústica da Sala São Paulo —e não faria de qualquer outra sala de concertos—. Ele é um aspecto importantíssimo da sala e ficará como uma marca registrada; mas, tenho certeza, não faz a missa toda. (NEPOMUCENO. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

Nepomuceno continua dizendo que muitas salas com excelente acústica, não possuíam qualquer dispositivo de ajuste acústico, e que essas práticas datam dos últimos trinta anos, através dos esforços de ótimos profissionais:

Muitas das salas consagradas, veneradas por músicos, maestros e amantes da música sinfônica, não têm forro móvel ou qualquer dispositivo de ajuste acústico. Embora suas origens datem dos anos 60, a acústica ajustável é uma tendência que ganhou espaço nos projetos de novas salas apenas nos últimos 30 anos graças aos esforços de grandes mestres do design acústico como Kirkegaard, Jaffe, Tanaka e Johnson. (NEPOMUCENO. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

Alguns dos fatores que também são necessários para contribuir com a qualidade da acústica são a geometria da sala, disposição e o desenho dos balcões, posicionamento do palco, desenho das poltronas, paredes pesadas e espessura da madeira do palco. José Augusto afirma que também a arquitetura eclética da Sala São Paulo colaborou com o desempenho acústico do lugar:

A geometria da Sala, a disposição dos balcões, o desenho das frentes dos balcões, o posicionamento do palco, a inexistência de carpetes ou cortinas, a espessura da madeira do palco, o desenho das poltronas, paredes pesadas, as irregularidades da arquitetura eclética do edifício existente compõem na Sala São Paulo um importante elenco de pequenas contribuições absolutamente fundamentais para a qualidade do seu clima acústico. (NEPOMUCENO. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

Portanto fica clara a necessidade de haver diversos fatores, que combinados, chegarão a resultados satisfatórios para o projeto acústico de um espaço. José Augusto afirma mais uma vez, que se a Sala São Paulo tivesse o forro móvel correto, mas outros fatores incorretos reduziria bastante a qualidade do clima acústico da sala:

Se a Sala São Paulo tivesse o forro móvel correto, mas todos os demais elementos fossem incorretos, certamente a qualidade do clima acústico seria muitíssimo inferior. Mas se a Sala tivesse um forro fixo, com uma altura correta, e com todos os demais elementos corretos, seria menos versátil, a arquitetura existente seria menos valorizada e, mesmo assim, poderia chegar a ser acusticamente excelente. (NEPOMUCENO. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

Sendo assim, é momento de se pensar a necessidade do forro móvel para resultados positivos na acústica da sala. Como dito por Nepomuceno, o projeto de salas de concerto na segunda metade do século XX, tem procurado atender uma ampla gama do repertório sinfônico, embora seja possível construir uma sala de concertos de sucesso com uma “assinatura acústica fixa” e tamanho único, os projetos podem ser alterados de maneira a atender a demanda acústica de espetáculos diferentes, essas variações podem ser obtidas via eletrônica ou com mudanças na arquitetura da sala.

O forro é composto por quinze painéis moduladores com 7,5 toneladas cada, subdivididos em três submódulos, cada um é sustentado e movido por 16 cabos de aço. Os painéis são revestidos em madeira e podem ser posicionados entre uma altura mínima de quatro metros até o máximo de vinte e dois metros do piso do palco, além disso, é possível dispor entre o forro e o piso técnico, de “bandeiras” acústicas que ajudam a ajustar a qualidade sonora da sala, permitindo a regulação volumétrica e acústica da sala, quando está alto, aumenta o tempo de reverberação, quando está baixo, diminui o tempo de reverberação, confirmado por José Augusto:

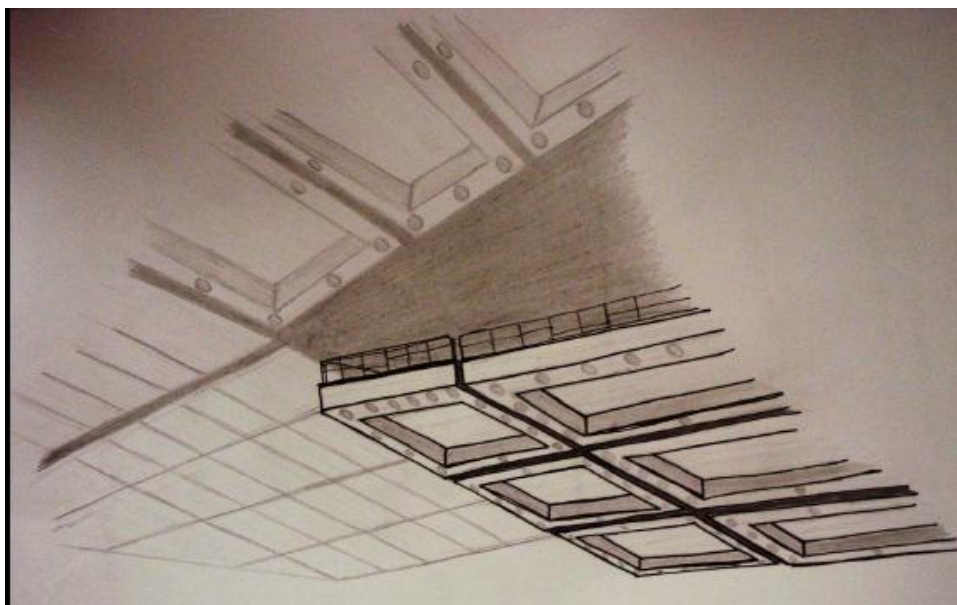
O forro é composto por quinze painéis, com espaçamento estrategicamente definido; sua movimentação permite o aumento controlado do volume da Sala e de seu tempo de reverberação. (NEPOMUCENO. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

A variação do tempo de reverberação é necessária pelo fato de cada tipo de música exigir um tipo de espaço, e, portanto, possuindo características diferentes de reverberação. Dupré faz sua análise sobre a reverberação:

O tempo de reverberação indica a demora verificada entre a emissão de um determinado som até esse som tornar-se inaudível. Uma sala reverberante é chamada de 'viva' e, ao contrário, uma sala com baixo tempo de reverberação é chamada de 'morta' ou 'seca'. Teatros para palavra falada exigem tempo de reverberação curto para garantir a inteligibilidade do que é dito. Auditórios que usam amplificação eletrônica são tipicamente 'mortos', 'secos'. Quando alguém toca um instrumento acústico neste tipo de ambiente parece que o som viaja até a primeira fileira de poltronas e aí...morre!. (DUPRÉ. Entrevista para o site da Sala São Paulo.).

Nelson ainda afirma que a flexibilidade acústica proposta com o forro móvel criou um espaço acústico acoplado, o som atinge não somente o forro, mas este espaço acoplado, e com isso podem ser alteradas algumas nuances na resposta acústica da sala. A potência e as características de reverberação podem ser sintonizadas por meio das "bandeiras" acústicas de veludo, que são acionadas ou recolhidas pelos mecanismos situados no piso técnico. Essas "bandeiras" não são vistas pelo público, mas sua presença é ouvida. (Figura 77 a 80).

Figura 77: Croqui Forro Acústico – Sala São Paulo.



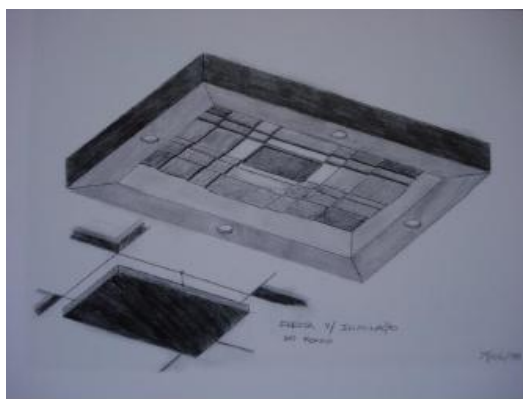
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 78: Forro Acústico – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 79: Croqui “Bandeira” Acústica – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 80: “Bandeira” Acústica – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

A parte de restauração foi bem enfatizada nas fachadas, pisos, elementos de gesso, vitrais, clarabóias, alvenarias internas, caixilhos de ferro, portas de madeira e elevadores. Já as obras novas para adequação do edifício foram os reforços nas fundações, o piso da platéia, o piso do palco e elevadores, balcões laterais, balcão posterior, cobertura do Grande Hall, mezanino metálico, pisos flutuantes e painéis de fechamento, antecâmaras, concourse e foyer, salas de controle, ar condicionado, construção da nova garagem e nova iluminação.

De acordo com Anita Regina, a fachada principal que originalmente era em massa raspada, apresentava algumas partes em argamassa, assim foi feita uma limpeza com jatos de água morna e detergente alcalino, algumas partes foram recompostas com massa raspada, e por fim foi feita a aplicação de um estuque e um material hidro-repelente para proteção contra os agentes atmosféricos, e o letreiro da fachada principal foi recuperado. (DI MARCO e ZEIN, 2001). (Figuras 81 e 82).

Figura 81: Restauro Fachada Principal 1 – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 82: Aplicação do jato de água morna na Fachada Principal – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

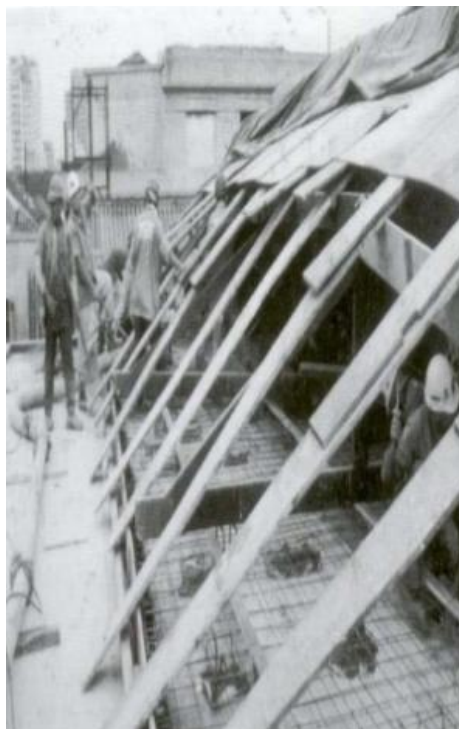
Ainda relatado por Anita, as fachadas laterais e posterior também foram lavadas com jato de água morna e detergente alcalino, e depois revestidas com plasticote, após a reconstituição dos elementos que faltavam. A cobertura também foi recuperada, sendo adicionados elementos faltantes e substituição de elementos danificados. (DI MARCO e ZEIN, 2001). (Figuras 83 e 84).

Figura 83: Restauro Fachada Principal 2 – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 84: Restauro Cobertura – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Já nas fachadas internas do Grande Hall, segundo Anita Regina, foi feita uma limpeza, e o acabamento original em massa raspada apresentava bom estado de conservação, necessitando apenas da lavagem com os jatos de água morna e detergente alcalino. Com relação às partes soltas, foram coladas com argamassa similar à original. (DI MARCO e ZEIN, 2001). (Figura 85).

Figura 85: Restauro Paredes Internas do Grande Hall – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Neste momento se tratando dos pisos, o piso de mosaico original estava muito danificado, provavelmente devido à utilização diária de produtos químicos em sua limpeza. De acordo com Ruth Verde, foi decidida a preservação do mesmo no estado em que se encontrava, fazendo a aplicação de resina acrílica sobre ele, para ter resistência a um maior desgaste. Os pisos em granilites foram recompostos com material similar ao original, também foi aplicada resina acrílica sobre o mesmo, e depois, polidos com água e lixa fina. (DI MARCO e ZEIN, 2001). (Figura 86).

Figura 86: Restauro dos Pisos – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Na parte de acabamento, as sancas, molduras e outros elementos em gesso que estavam danificados foram substituídos por novos elementos, também em gesso, fabricados de acordo com os parâmetros originais. As rosetas dos pontos de iluminação também foram refeitas, onde fosse necessário. (Figura 87).

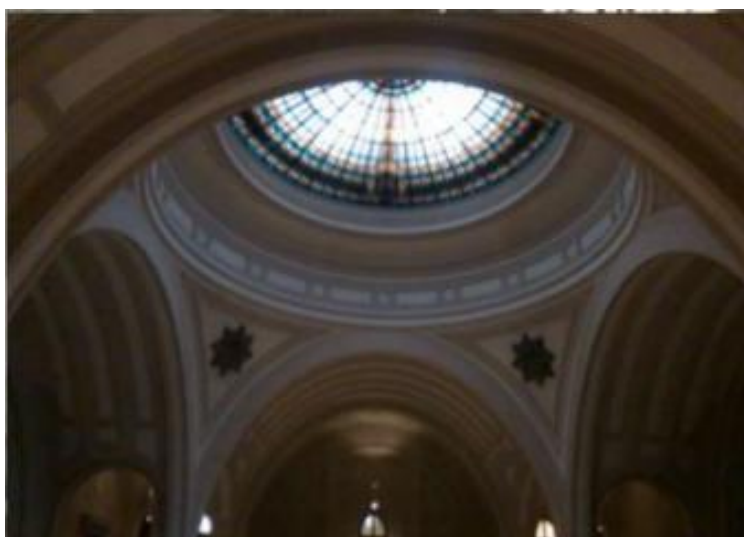
Figura 87: Restauro Elementos de Gesso – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Se tratando do restauro de vitrais e clarabóias, eles foram retirados para limpeza, eliminando ponto de ferrugem e tratamento das estruturas metálicas. Já nas alvenarias internas, foi feita a limpeza com jato de água morna e detergente alcalino, e aplicação de estuque nas partes faltantes e reparos onde fossem necessários, além do trabalho de pintura. (Figuras 88 e 89).

Figura 88: Restauro dos Vitrais e Clarabóias – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 89: Restauro Paredes Internas – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Ruth afirma que todos os caixilhos metálicos foram limpos, lixados e pintados com uma camada protetora antioxidante e esmalte, ferragens e dobradiças limpas e recolocadas em seus lugares, pois estavam em bom estado de conservação, alguns caixilhos receberam vidros duplos por causa da acústica. (DI MARCO e ZEIN, 2001). (Figura 90).

Figura 90: Restauro Caixilhos Metálicos – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Já o restauro das portas de madeira foi mais detalhado, durante a prospecção foi percebido que as portas, batentes e demais elementos em madeira tinham sido preparados para receber pintura, com a remoção de toda a pintura, chegou-se às portas de cedro, então foi decidido manter seu acabamento natural com a aplicação de verniz. (Figura 91).

Figura 91: Restauro Caixilhos de Madeira – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Os elevadores originais de passageiros haviam sido fabricados em datas e por fabricantes diferentes, portanto, os equipamentos foram restaurados mantendo a caixa conforme originalmente, porém adequando às máquinas ao que é exigido atualmente, de acordo com tecnologia e segurança. (Figura 92).

Figura 92: Restauro Elevadores de Passageiros – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Encerradas as etapas de restauros, foram feitas obras novas, a começar pelo reforço das fundações, foram feitas estacas perfuradas com ar comprimido, foi necessário construir uma nova parede entre a Estação e a nova garagem que seria feita, devido à permeabilidade do solo e existência de um lençol freático. (Figura 93).

Foi feito um novo piso para a platéia com uma estrutura flutuante independente, com uma espessura de 15 cm, apoiado em um contrapiso com calços de neopreme sobre base de madeira naval compensada, por sua vez, apoiada em uma kaje flutuante. Também foi construída, após trabalhos de escavação, uma cortina de contenção, onde foi montada uma estrutura metálica de suporte do palco, que necessitava de recursos de iluminação e elevadores para uso do piano e do coro. (Figuras 94 e 95).

Se tratando dos balcões laterais, foram feitas vigas de aço em balanço, com calços de neoprene nos pontos de contato com a laje do edifício existente, para a execução dos balcões. Seu fechamento se deu com concreto e madeira. Os painéis laterais de fechamento são móveis, pivotantes, para uma regulagem no volume de som da sala, junto com o forro móvel. Já no balcão superior foram feitos novos pilares para a sustentação da laje. (Figuras 96 a 98).

Figura 93: Novas Fundações – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 94: Piso da Platéia – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 95: Piso do Palco e Elevadores – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 96: Vigas de aço em balanço Balcões Laterais – Sala São Paulo.



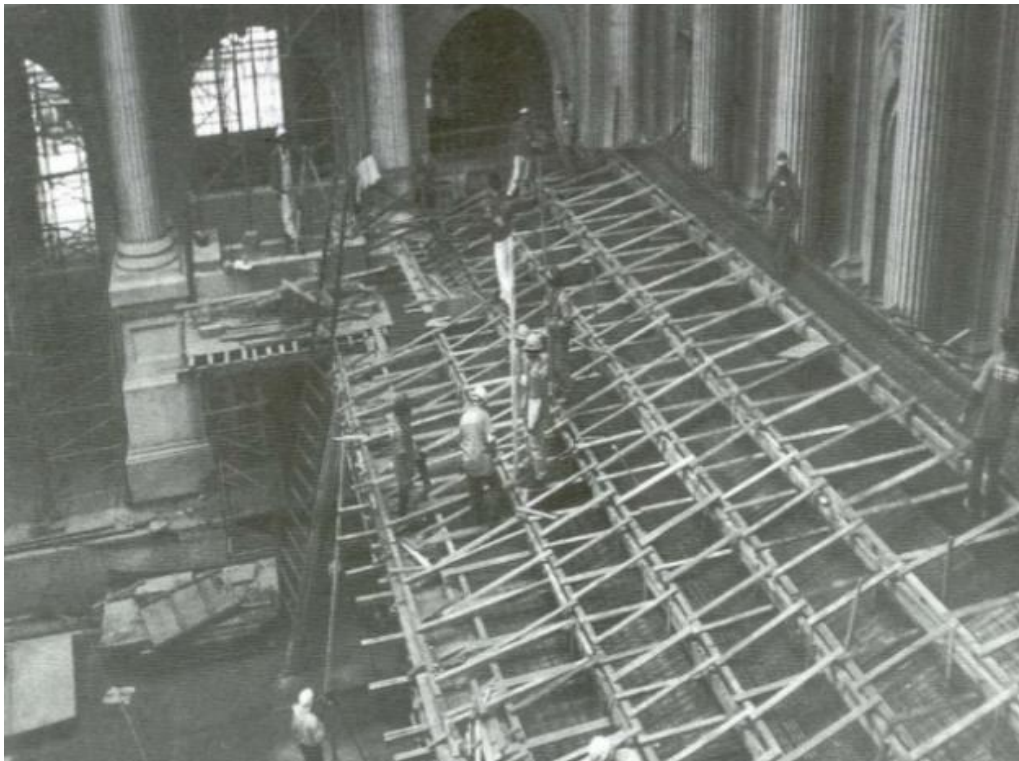
Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 97: Painéis de Fechamento – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 98: Balcão Superior – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

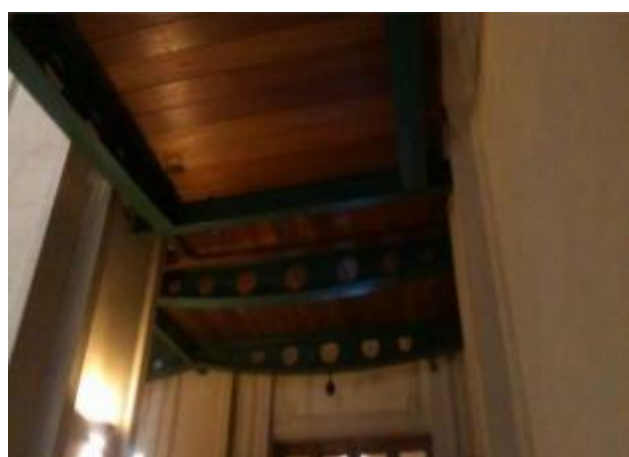
Para a construção da nova cobertura, primeiramente foi feita a execução do piso técnico, onde ficam os motores do forro acústico móvel, depois foi feita a cobertura isotérmica, com telhas isotérmicas de aço pré-pintadas e montadas com espumas de poliuretano expandido, e placas de policarbonato alveolar. Outra estrutura nova foi montada para dar acesso ao primeiro nível de balcões, foram executadas passarelas e escadas em aço com acabamento do piso em madeira. Também foram realizadas a construção de antecâmaras de acesso à sala de concerto no pavimento térreo, com isolamento acústico nas portas, paredes e forros. (Figuras 99 a 101).

Figura 99: Nova Cobertura – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 100: Estrutura Metálica para 1º Pav. de Balcões – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Figura 101: Antecâmaras – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

Para finalizar o relato das obras novas no edifício, foi feita a construção de uma garagem com elementos pré-moldados de concreto, em dois subsolos e com previsão de seiscentas vagas. No segundo subsolo se encontram a casa de máquinas de ar condicionado, geradores e central de energia. (Figura 102).

Figura 102: Garagem – Sala São Paulo.



Fonte: DI MARCO e ZEN (2001).

6.3.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto

O projeto da Sala São Paulo foi selecionado, devido a sua grandiosidade, sendo feita uma restauração e readequação do local. Foram mantidos os elementos históricos de grande importância e instalados elementos contemporâneos e tecnológicos que possibilitariam um uso atual do edifício.

Outra questão bem enfatizada e de conhecimento necessário à pesquisa foi o tratamento acústico e recursos necessários para que ele ocorresse.

Realmente um projeto admirável.

6.4. Cine Teatro Central, Juiz de Fora, Brasil

6.4.1. Ficha técnica do projeto

O Cine-Theatro Central, na cidade de Juiz de Fora, foi projeto do arquiteto Raphael Arcuri e as pinturas internas do pintor italiano radicado brasileiro, Ângelo Bigi. A construção foi executada pela Construtora Pantaleone Arcuri, empresa tradicional no ramo de construções na cidade. Sua inauguração foi de 30 de março de 1929, tendo o tempo de construção de um ano e quatro meses, portanto possivelmente o projeto é do final do ano de 1927. Seu edifício foi tombado no ano de 1983 e passou por restauração em janeiro de 1996, sendo feita pela Empresa Espaço Tempo de Belo Horizonte. Esta restauração durou mais de oito meses. Atualmente o Cine-Theatro pertence à Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição que o administra. (Figura 103).

Figura 103: Cine-Theatro Central – Juiz de Fora – MG.



Fonte: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/28-03-2017/primeiro-andar-do-cine-theatro-central-segue-liberado-ate-conclusao-de-obras.html>

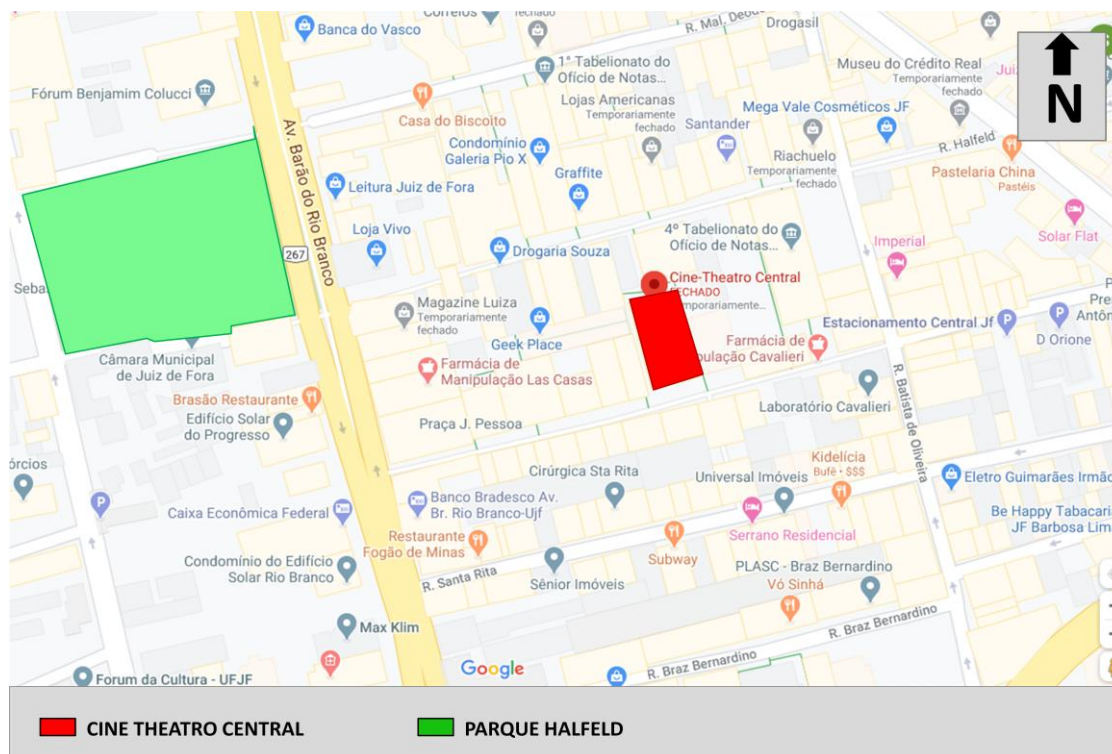
Foto: Marcelo Ribeiro.

6.4.2. Localização

O Cine-Theatro Central fica localizado no coração da cidade de Juiz de Fora no Estado de Minas Gerais, Brasil.

Está implantado no centro da cidade entre a Rua São João e Rua Halfeld. (Mapas 19, 20 e 21).

Mapa 21: Mapa de Localização – Cine-Theatro Central – Bairro Centro.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

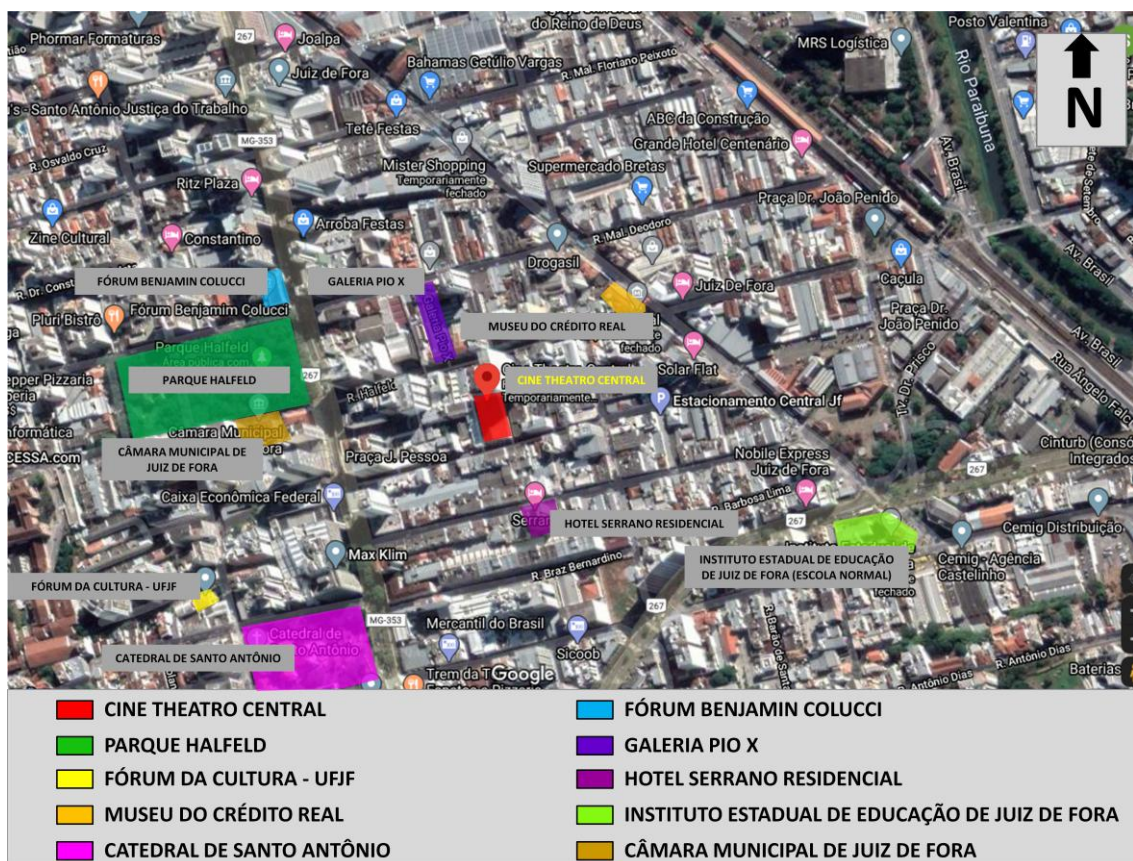
6.4.3. Análise do entorno

O Cine-Theatro Central está localizado no centro da cidade de Juiz de Fora, em seu envolta há diversos comércios, mas alguns pontos referenciais se destacam, pois envolvem espaço de área verde, instituições públicas, educacionais, religiosas e culturais.

As instituições culturais são o próprio Cine-Theatro, o Museu do Crédito Real e o Fórum da Cultura – UFJF. Tratando-se de instituição religiosa a representação é a Catedral Metropolitana de Juiz de Fora. Como representantes das instituições públicas, temos a Câmara Municipal de Juiz de Fora e o Fórum Benjamin Colucci.

Um pouco mais afastada, fica localizado o Instituto Estadual de Educação de Juiz de Fora, a famosa Escola Normal, tão tradicional na cidade. E finalmente em um localização mais próxima a histórica Galeria Pio X e o Hotel Serrano Residencial. (Mapa 22).

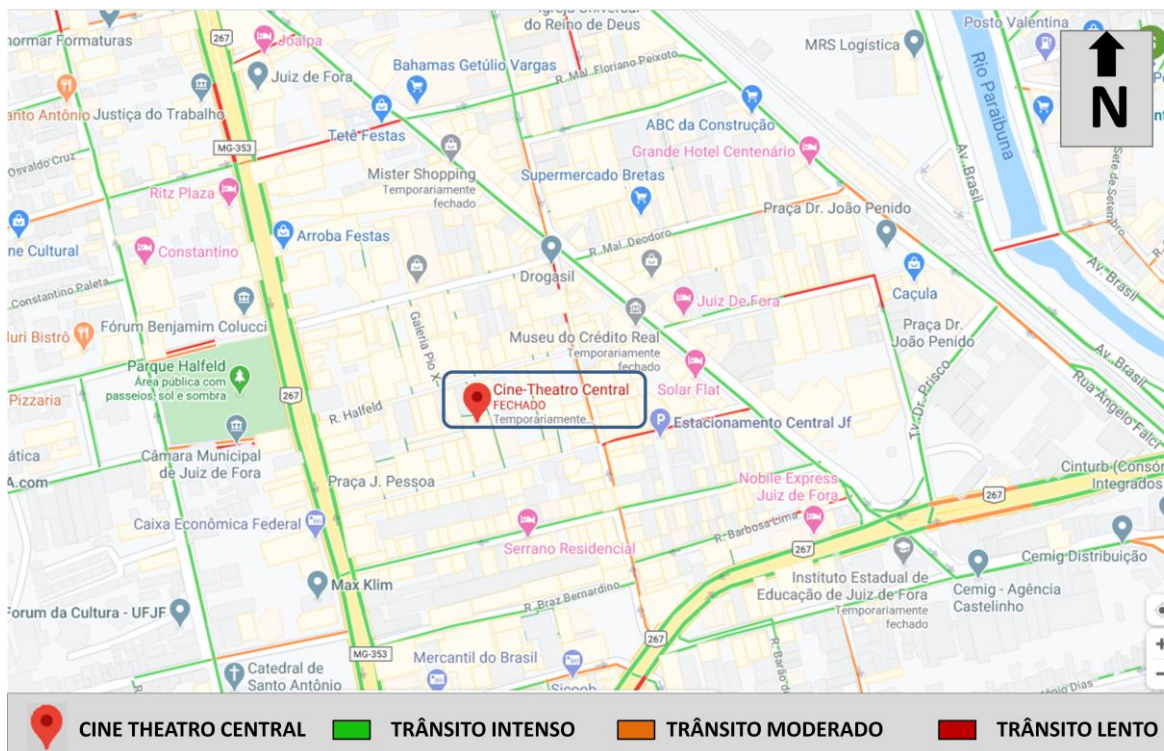
Mapa 22: Mapa de Pontos Referenciais – Cine-Theatro Central.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

As vias principais que circundam o centro da cidade, Avenida Rio Branco, Avenida Getúlio Vargas e Avenida Itamar Franco, são as vias com o fluxo de trânsito bem intenso, porém alguns pontos das vias centrais como Rua Santa Rita e Marechal Deodoro também possuem trânsito intenso. No entorno imediato do teatro não haverá trânsito de automóveis, pois fica entre a Rua São João e Rua Halfeld que neste trecho, são calçadas apenas com fluxo de pedestres. (Mapa 23).

Mapa 23: Mapa de Trânsito – Cine-Theatro Central.

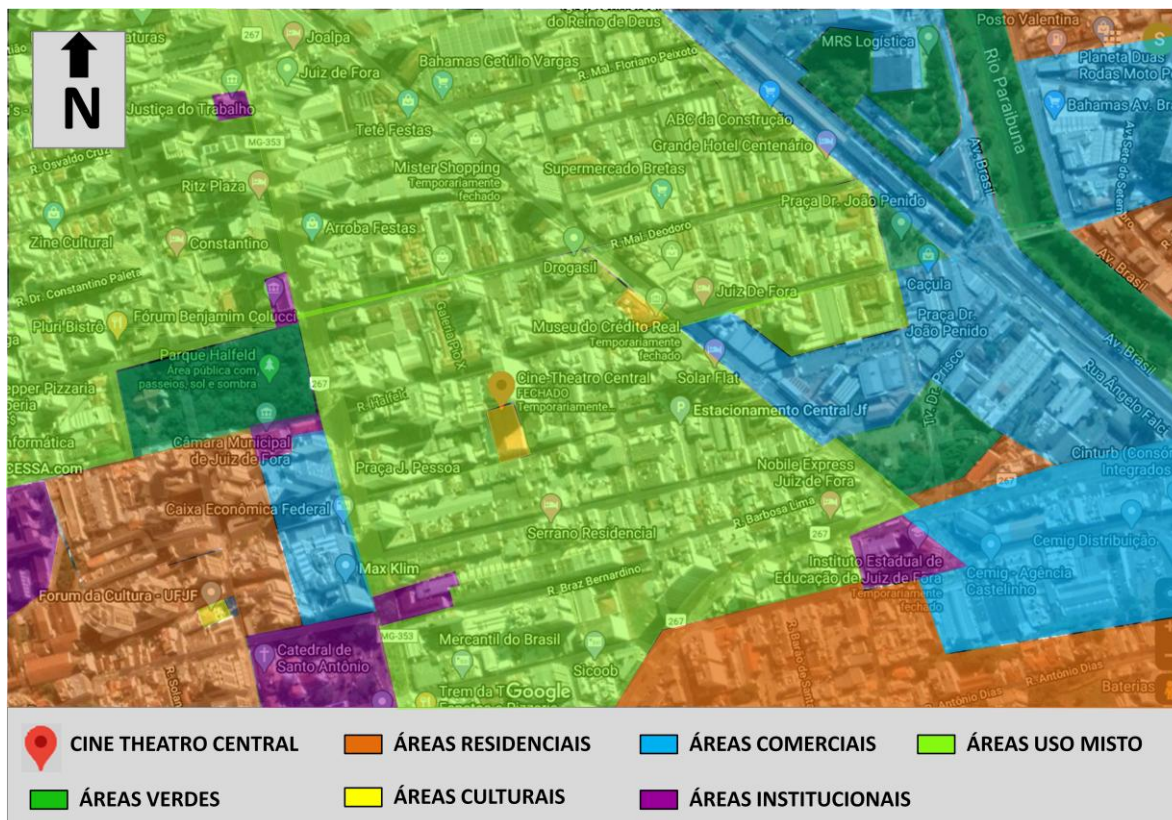


Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

O Cine-Theatro fica bem no centro de uma grande área de uso misto, está é a maior área identificada no mapa, pois na cidade a maioria das edificações na região central é composta de comércio no térreo e residência nos próximos andares.

As áreas verdes são demarcadas principalmente pelo Parque Halfed e as margens do Rio Paraibuna, além de uma porção no entorno da empresa MRS Logística, responsável pelo transporte ferroviário na cidade. As áreas somente residenciais ficam mais nas extremidades e as institucionais bem pontuadas no espaço urbano. (Mapa 24).

Mapa 24: Mapa de Usos – Cine-Theatro Central.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

6.4.4. Sobre os arquitetos.

O projeto do Cine-Theatro Central teve como arquiteto Raphael Arcuri, filho primogênito de Panteleone Arcuri, proprietário da construtora responsável pela obra do edifício. Segundo Marcos Olender, Raphael foi o primeiro no país a se formar arquiteto, não chegou a cursar oficialmente a Escola de Belas Artes, mas aprendeu o ofício no escritório de arquitetura de Giovanni De Fazio. (OLENDER. Entrevista ao site da Universidade Federal de Juiz de Fora). (Figura 104).

Figura 104: Arquiteto Raphael Arcuri.



Fonte: Google imagens (2020).

6.4.5. Sobre o projeto

A história da cidade de Juiz de Fora registra o funcionamento de vários teatros na cidade no século XIX. Segundo informações no site do Cine-Theatro, onde é contada sua história, a princípio eram toscos tabladros armados em terrenos livres, palcos de apresentações inferiores, sendo assim, logo viriam iniciativas de lideranças locais para proporcionar melhores instalações para o público.

O Barão de Bertioga, um dos fundadores da cidade de Juiz de Fora, cafeicultor e fundador da Casa de Misericórdia, que hoje é a Santa Casa de Misericórdia, com mão de obra escrava, construiu o Teatro da Misericórdia, em 1863, considerado um dos primeiros do estado, mas ainda era bem precário. Mais tarde, no início da década de 1870, foi a vez do comerciante Carlos Otto construir o Teatro Perseverança, e finalmente em 1889, os irmãos Ferreira Lage, filhos do pioneiro Mariano Procópio, inauguraram o Teatro Juiz de Fora, que por pouco tempo foi chamado Teatro Novelli, em homenagem a um ator italiano que tinha se apresentado no espaço.

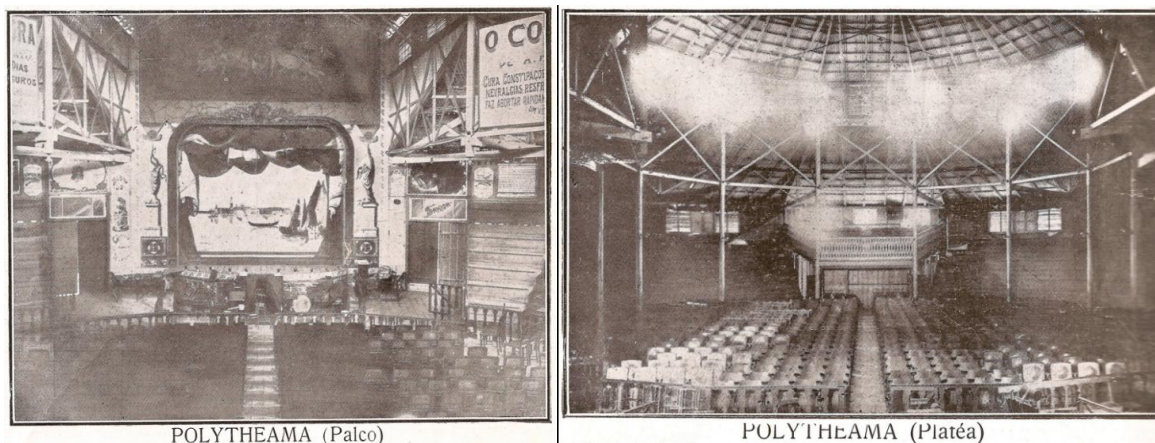
Dentro os teatros relacionados, o Teatro Novelli era o mais estruturado com cadeiras douradas e foyer com espelhos de cristal, porém ainda era pequeno e abaixo das ambições culturais que Juiz de Fora ostentava.

Ainda baseado na história do teatro, somente quarenta anos depois, com os teatros relatados estavam desaparecidos, então Juiz de Fora ganharia seu teatro definitivo, o Cine-Theatro Central.

Para iniciar sua construção, foi necessária a fundação da Companhia Central de Diversões, com os sócios Francisco Campos Valadares, Químico Corrêa, Diogo Rocha e Gomes Nogueira, em junho de 1927.

No ano de 1926, a companhia havia adquirido um barracão de ferro e telhas de zinco do Teatro Polytheama, outro teatro precário que havia na cidade, instalado no terreno entre a Rua São João e a antiga Rua da Califórnia, atualmente, Rua Halfeld, e fez a sua demolição. (Figuras 105 e 106).

Figura 105: Teatro Polytheama – Ano de 1915.



Fonte: <https://www.mariadoresguardo.com.br/2010/05/teatro-polytheama-em-1915-do-album-do.html>

Foto: Álbum do Município de Juiz de Fora de Albino de Oliveira Esteves de 1915 (Arquivo de Marcelo Lemos).

Figura 106: Demolição do Teatro Polytheama.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/historico/apresentacao/>

A Companhia Construtora de Pantaleone Arcuri estava mudando a arquitetura de Juiz de Fora, sendo assim, o arquiteto Raphael Arcuri fez o projeto do teatro, e não economizou na grandiosidade e o orçamento ultrapassou as possibilidades financeiras da companhia, obstáculo que foi superado com a entrada de Pantaleone Arcuri na sociedade para se concluir a construção.

A construção do Central teve uma empreitada de um ano e quatro meses de obras. Ele não seria o edifício mais alto de Juiz de Fora, nem a primeira construção em concreto armado, mas sem equívoco, seria um empreendimento ousado, onde se destacava o amplo vão sem pilastras da platéia, sustentado por uma estrutura metálica vinda da Inglaterra, que amedrontou as pessoas que não tinham conhecimento deste recurso arquitetônico arrojado, um avanço nas técnicas de construção para a época. (Figura 107).

Figura 107: Vão sem pilastras sobre a platéia – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/historico/apresentacao/>

A construção do Central teve uma empreitada de um ano e quatro meses de obras. Ele não seria o edifício mais alto de Juiz de Fora, nem a primeira construção em concreto armado, mas sem equívoco, seria um empreendimento ousado, onde se destacava o amplo vão sem pilastras da platéia, sustentado por uma estrutura metálica vinda da Inglaterra, que amedrontou as pessoas que não tinham conhecimento deste recurso arquitetônico arrojado, um avanço nas técnicas de construção para a época.

O edifício possuía em arquitetura Art Déco, possuía linhas sóbrias e retas com uma fachada que ganhou ornamentação artística interna assinada pelo pintor italiano radicado no Brasil, Ângelo Bigi, que marcou no Central uma decoração de sabor de antiguidade clássica, com cenas de ninfas e faunos em jardins românticos e paradisíacos, uma congregação mitológica. E ao centro, medalhões com imagens de grandes mestres da música como Wagner, Verdi, Beethoven e Carlos Gomes. Neste momento a cidade poderia se orgulhar por possuir um teatro ao nível de sua importância econômica, política e cultural. (Figura 108).

Figura 108: Pinturas de Ângelo Bigi – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Finalizar a construção e inaugurar o teatro foi um marco de vitória para a sociedade juizforana, um espaço cultural com refinamento, que colocaria a cidade na rota das produções culturais nacionais e estrangeiras. Pessoas da alta sociedade local e autoridades como o presidente da província, Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, prestigiaram o momento, que contou com a apresentação da Orquestra do Central e exibição do filme mudo, em oito atos, “Esposa Alheia”. O momento entrou para a história e foi registrado na Revista Central, com uma edição comemorativa que saudou a acústica, a segurança e o conforto existentes no teatro.

O jornalista e pesquisador Jorge Sanglard do jornal GGN – O Jornal de todos os Brasis fez uma reportagem sobre o Cine-Theatro Central, e teve a oportunidade de pesquisar o acervo do colecionador juizforano Dormevilly Nóbrega, onde encontrou um raro exemplar do primeiro número da Revista Central, edição comemorativa da inauguração do teatro, organizada por A. Esteves e J. Costabile, com oito páginas, em papel jornal, ilustrada e impressa em azul, a revista registra a programação cultural inaugural, com destaque para o filme “Esposa Alheia”, e ainda ressalta a importância da construção do teatro, com excelente acústica e iluminação. Registrando também o programa musical, com músicas de Wagner e outros, que seriam interpretadas pela Orquestra do Central, sob o comando do pianista e compositor Duque Bicalho. (Figura 109).

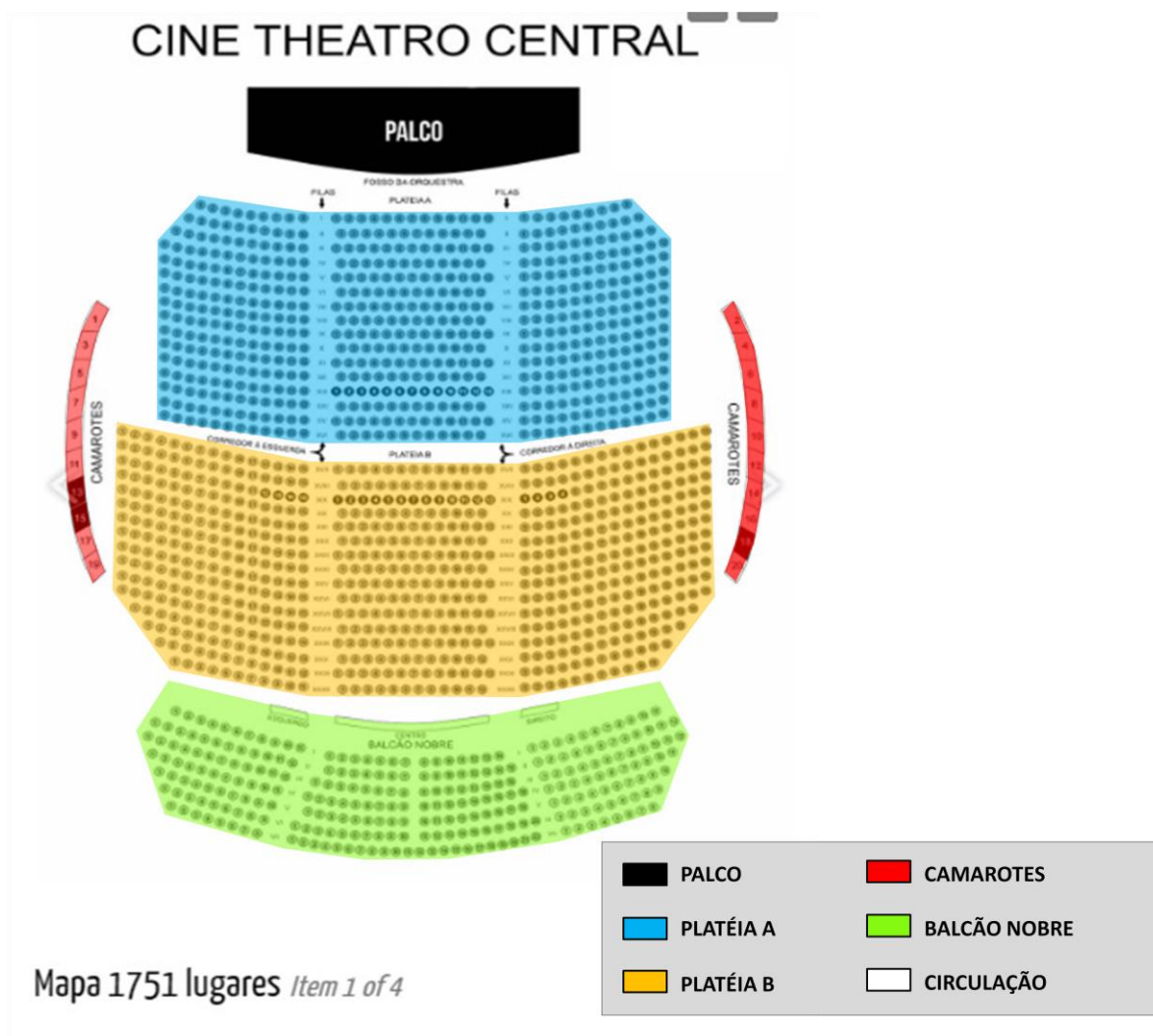
Figura 109: Capa da Revista Central distribuída no dia da inauguração do teatro.

The image shows the front page of a newspaper titled 'THEATRO CENTRAL' with the date 'Sabbado, 30 de Março de 1929'. The main headline is 'ESPOSA ALHEIA' (The Other Woman), described as a 'sumptuous film in 8 acts'. The page features a central portrait of a woman, likely an actress from the film. Below the portrait, the names of the cast members are listed: Norman Kerry, Pauline Starke, Marion Nixon, and Kenneth Harlan. The newspaper also advertises 'Ford' cars, highlighting their economic, resistant, and fast nature. At the bottom, the name 'Surerus & Cia.' is visible, along with their address 'Rua Halfeld, 212' and phone number 'Phons 500'. The Ford logo is also present.

Fonte: <https://jornalggn.com.br/artes/cine-theatro-central-nove-decadas-de-emocao-por-jorge-sanglard/>

O Cine-Theato com 1621 lugares sentados e 130 lugares em pé, totalizando 1751 lugares é uma das poucas casas do país com infraestrutura para montagens diversas quanto teatro, ópera, balé e concertos. (Figuras 110 e 111).

Figura 110: Planta Baixa – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/historico/fichatecnica/>, adaptado pela autora (2020).

Figura 111: Abrangência de Espectadores – Cine-Theatro Central.

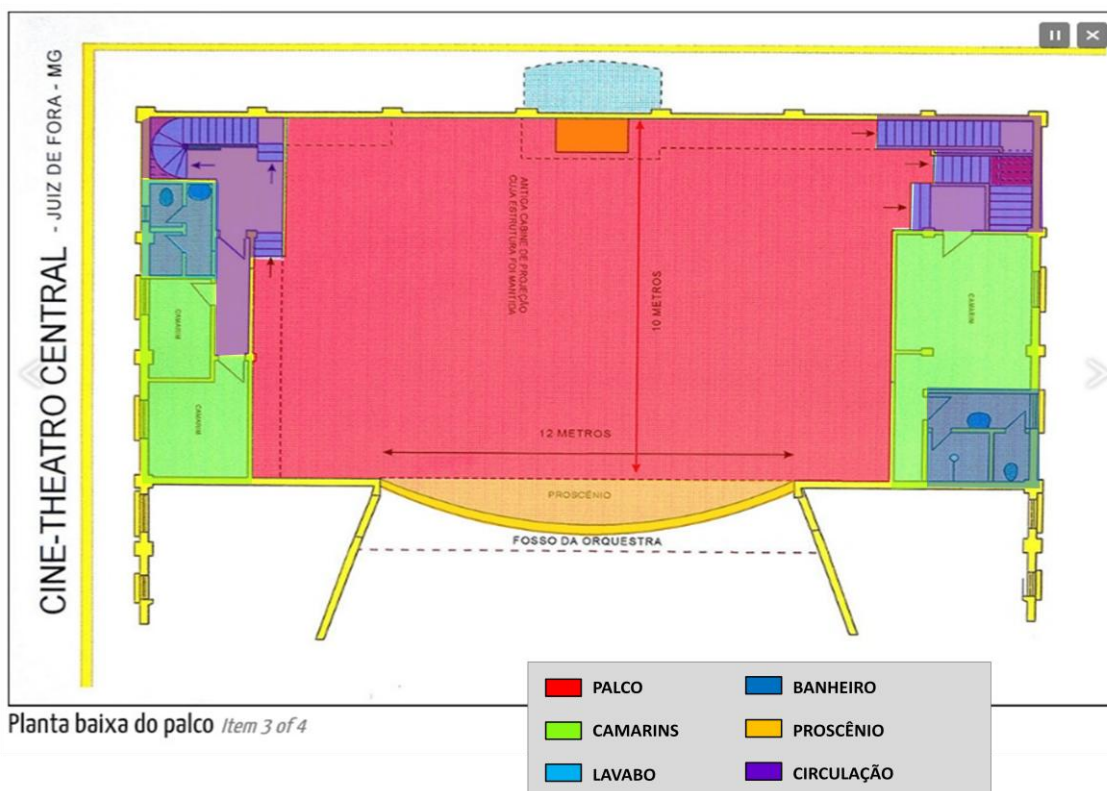
PLATÉIA A		BALCÃO NOBRE	
POSIÇÕES	CADEIRAS	POSIÇÕES	CADEIRAS
CENTRO	200	CENTRO	123
DIREITA	186	DIREITA	73
ESQUERDA	186	ESQUERDA	73
TOTAL	572	TOTAL	572

PLATÉIA B		CAMAROTES	
POSIÇÕES	CADEIRAS	POSIÇÕES	CADEIRAS
CENTRO	200	DIREITA	10 CAMAROTES ÍMPARES (6 CADEIRAS)
DIREITA	230	ESQUERDA	10 CAMAROTES PARES (6 CADEIRAS)
ESQUERDA	230	TOTAL	660
TOTAL	660		

130 LUGARES EM PÉ

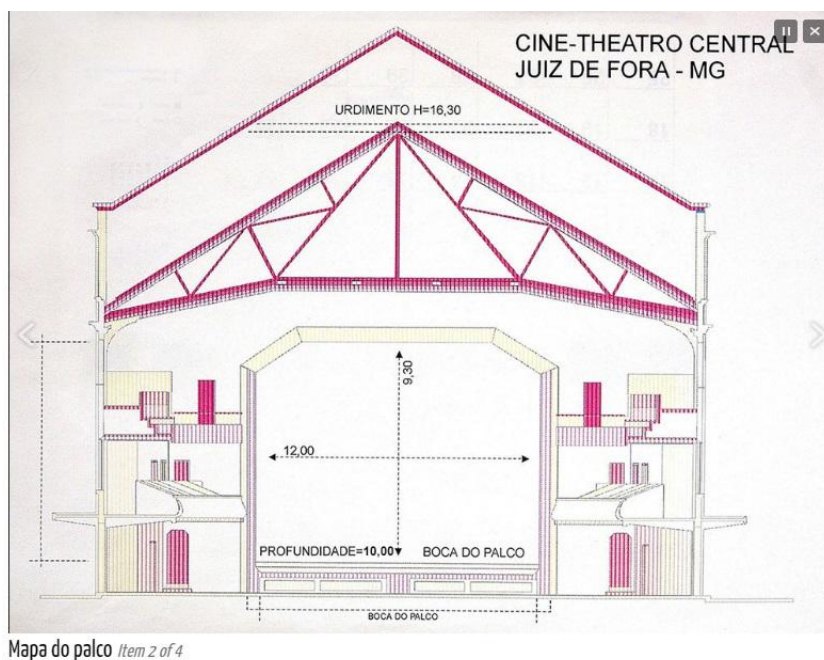
Fonte: Autora (2020).

O palco é composto pelo espaço onde era a antiga cabine de projeção, proscênio, camarins, um lavado e um banheiro. Em seu corte podem ser observadas as dimensões da boca do palco, sendo dez metros de profundidade, doze metros de largura e nove metros e trinta centímetros de altura. (Figuras 112 e 113).

Figura 112: Planta Baixa – Palco – Cine-Theatro Central.

Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/historico/fichatecnica/>, adaptado pela autora (2020).

Figura 113: Corte – Palco – Cine-Theatro Central.

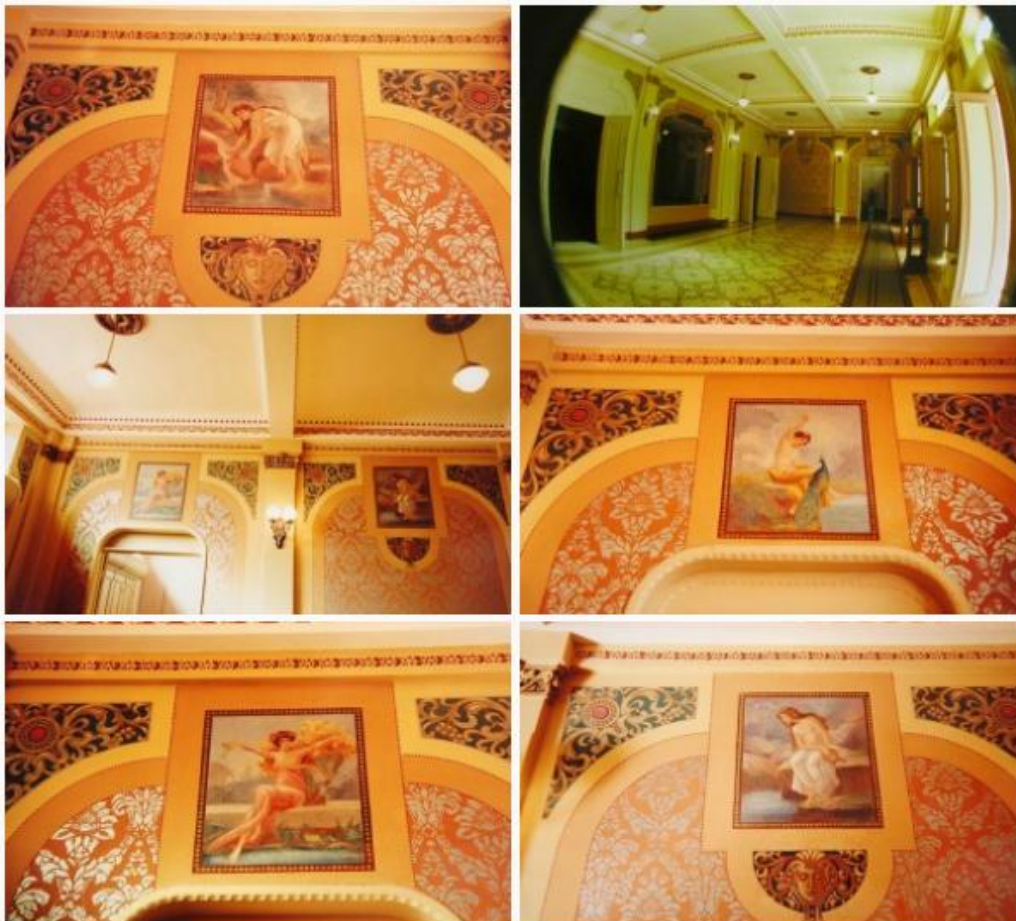


Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/historico/fichatecnica/>

De acordo com pesquisa no site do Cine-Theatro Central, houve um período em que ele ficou abandonado, principalmente no início da década de 1980, época em que a platéia fica bastante vazia, apesar das sessões duplas com um filme bom e outro mais inferior a preço de ingresso único.

Porém o juizforano não ficou indiferente ao fato que estava acontecendo, e voltou-se a preocupação para seu grande cine-teatro e um movimento de revalorização do espaço teve início com o tombamento do edifício como Bem do Patrimônio Cultural do Município no ano de 1983, devido a seu valor histórico-artístico. Porém nada se podia fazer para resgatá-lo do processo de deterioração que era submetido, sendo assim, grandes artistas nacionais se envolveram em uma campanha de mobilização pela recuperação do Central. A desapropriação era a saída para resolver o problema, porém o Poder Municipal não tinha recursos necessários para isso, e as soluções foram diversas negociações com a Companhia Franco-Brasileira, então proprietária na época, mobilização de lideranças locais no Governo Federal, para que ocorrer a aquisição do imóvel pela Universidade Federal de Juiz de Fora, através de recursos do Ministério da Educação no ano de 1994. Neste mesmo ano o prédio foi tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o próximo desafio seria sua restauração. (Figuras 114 a 118).

Figura 114: Foyer do 1º Andar – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Figura 115: Camarote Especial – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Figura 116: Balcão Nobre – Cine-Theatro Central.



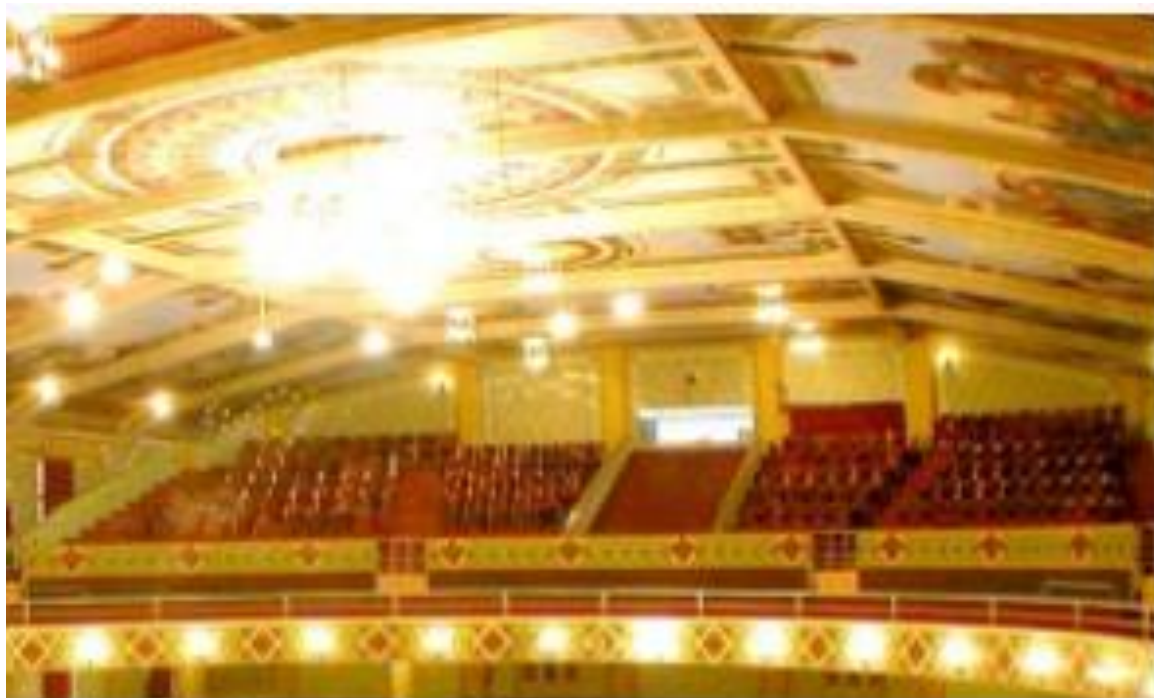
Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Figura 117: Camarote – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Figura 118: Galeria – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

O processo de restauração foi melindroso, pois seria preciso remover camadas de tinta, poeira e mofo para redescobrir suas características do passado. O resgate deste patrimônio demandava mão de obra especializada e recursos. Então segundo informações do site do Central, o espaço cultural foi incluído no Programa de Incentivo à Cultura, a Lei do Mecenato, que possibilitou o apoio financeiro de empresas ao projeto de restauração, sendo beneficiadas em contrapartida por incentivos fiscais. Foi captada uma verba de dois milhões de reais para o início da obra de restauração em janeiro de 1996.

A empresa especializada Espaço-Tempo de Belo Horizonte executou a restauração, durante mais de oito meses, quatro restauradores profissionais coordenaram as equipes de trabalho formadas por estudantes de artes, arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, que se equilibravam em uma plataforma de 500 metros quadrados para as tarefas de limpeza, fixação e restauração das pinturas de Ângelo Bigi.

Embaixo de sete camadas de tinta, os restauradores localizaram no foyer do teatro, quatro figuras femininas que integravam a ornamentação original de Bibi. A retirada de pinturas das paredes também exibiu desenhos decorativos do artista italo-brasileiro nas escadas, balcão e boca de cena. (Figura 119).

Figura 119: Restauradores e Arte de Ângelo Bigi – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Foto: Aelson Amaral.

O trabalho de restauração foi acompanhado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional), com obras de recuperação do edifício, fazendo um novo telhado, novas instalações elétricas, novas poltronas e camarotes, instalação de equipamentos e mecânica cênica. Após isso, o Cine-Theatro Central ficou novamente pronto para uma noite histórica, e no dia 14 de novembro de 1996, foi reinaugurado. (Figura 120).

Figura 120: Restauração – Cine-Theatro Central.



Fonte: <http://www.theatrocentral.com.br/visite/galeria-de-fotos/>

Foto: Aelson Amaral.

6.4.6. A escolha e considerações finais sobre o projeto

As premissas para a escolha do Cine-Theatro Central para a pesquisa realizada, se basearam em dois fatos principais, por ser um exemplar da arquitetura Art Déco, que marcou fortemente Juiz de Fora e também a cidade de Bicas, e pela valorização de um espaço cultural presente na região.

O acontecimento da valorização de um edifício fortemente histórico-artístico na cidade, quando o mesmo estava em decadência, demonstra o pertencimento que a população local teve sobre este equipamento urbano, portanto a educação patrimonial cumpre o seu papel neste episódio.

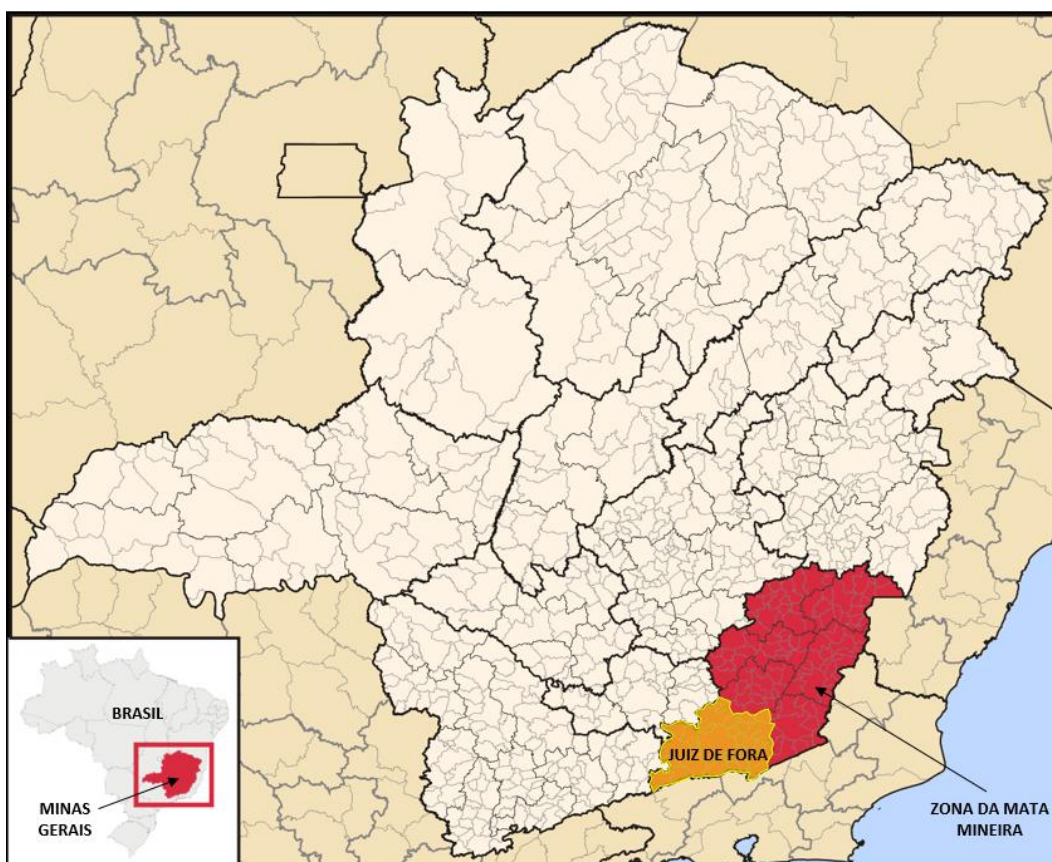
7. DIAGNÓSTICO E ANÁLISE DO ENTORNO

7.1. Estudo da área de interesse

Neste será apresentado o terreno proposto para a projeção do cineteatro em Bicas, cidade localizada no estado de Minas Gerais, Zona da Mata Mineira, próxima à cidade de Juiz de Fora.

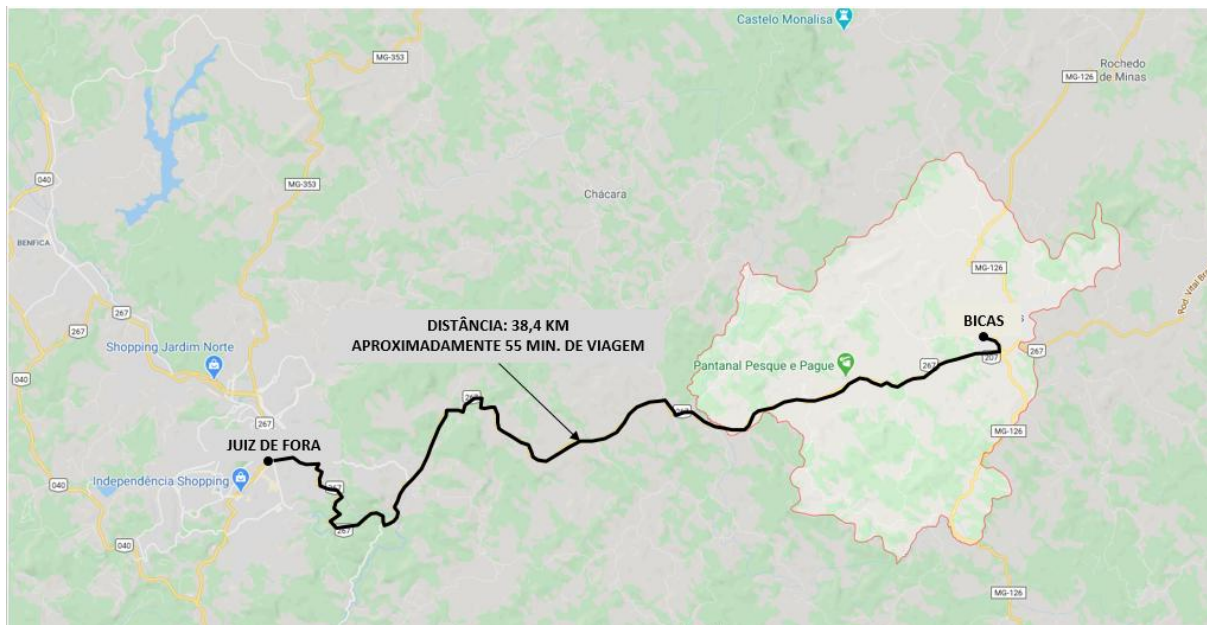
O lote está localizado na região central, no entorno da Praça São José, principal praça da cidade, onde está implantada a Paróquia São José, bem no coração de Bicas. (Mapas 25 a 28).

Mapa 25: Mapa de Localização – Zona da Mata Mineira – Minas Gerais - Brasil.



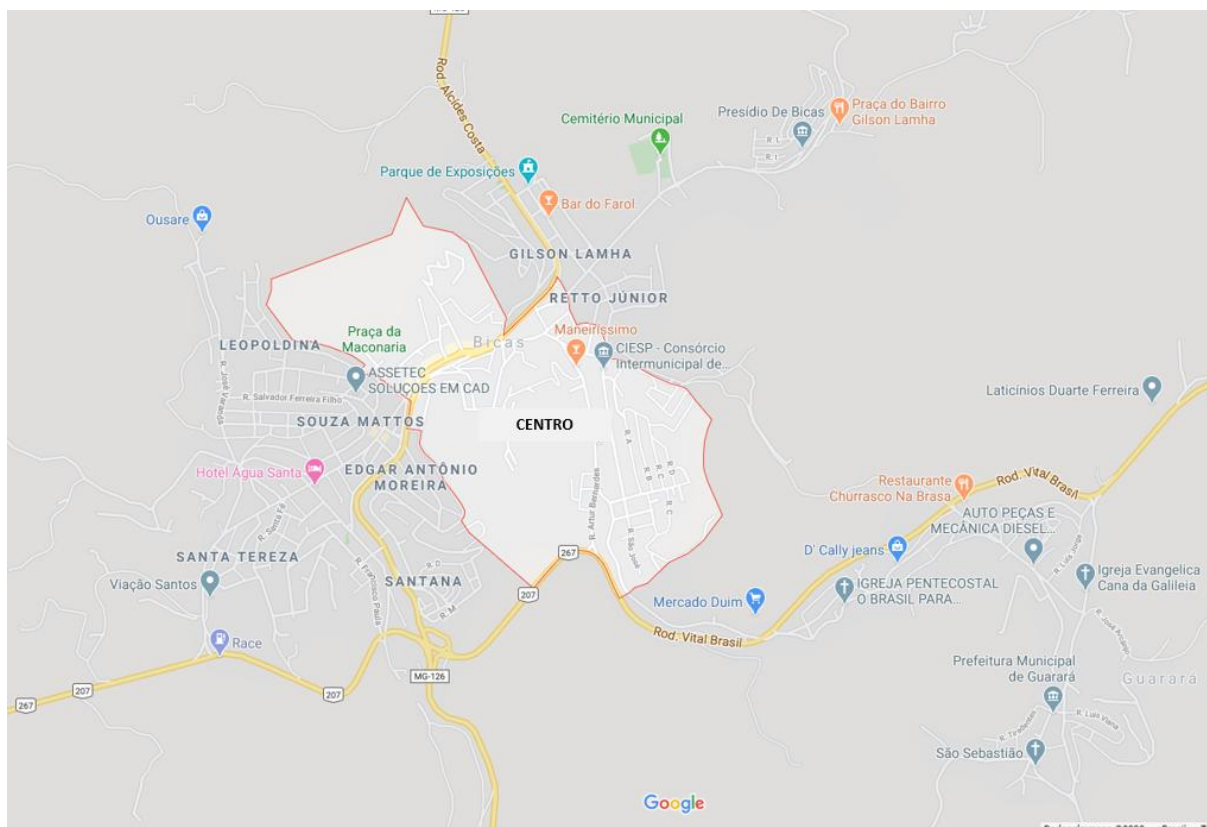
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_da_Mata_Mineira, adaptado pela autora (2020).

Mapa 26: Mapa de Localização – Município de Bicas.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 27: Mapa de Localização – Centro – Bicas.



Fonte: Google Maps (2020), adaptado pela autora (2020).

Mapa 28: Mapa de Localização – Terreno Proposto – Praça São José.



Fonte: Autora (2020).

7.2. Estudo do entorno imediato

O terreno fica bem localizado na cidade, com a presença da Paróquia São José, implantada na Praça São José, a Casa Paroquial, o Posto São José, um pouco mais afastado o Banco do Brasil e o Clube Biquense. (Mapa 29).

Mapa 29: Mapa de Pontos Referenciais – Terreno Proposto – Praça São José.



Fonte: Autora (2020).

No entorno da Praça São José onde se localiza o terreno escolhido para a proposta de projeção do cineteatro estão localizadas residências, comércios e algumas áreas verdes e áreas livres. (Mapa 30).

Mapa 30: Mapa de Usos – Terreno Proposto – Praça São José.

Fonte: Autora (2020).

As vias que circundam o entorno imediato da área de estudo são a Rua Coronel Souza que se estende pelo centro da cidade, sendo rota para ir sentido a Juiz de Fora-MG, a Avenida Arthur Bernardes que segue sentido a saída da cidade para o município de Guarará-MG, Rua Retto Júnior, onde está localizado o terreno proposto para a implantação do cineteatro, também saída para a cidade de Rochedo de Minas-MG e São João Nepomuceno-MG, e por fim a Rua Prefeito Amilcar Rebouças que fecha o contorno da Praça São José. (Mapa 31).

Mapa 31: Mapa de Trânsito – Terreno Proposto – Praça São José.



Fonte: Autora (2020).

7.3. Estudo do terreno escolhido

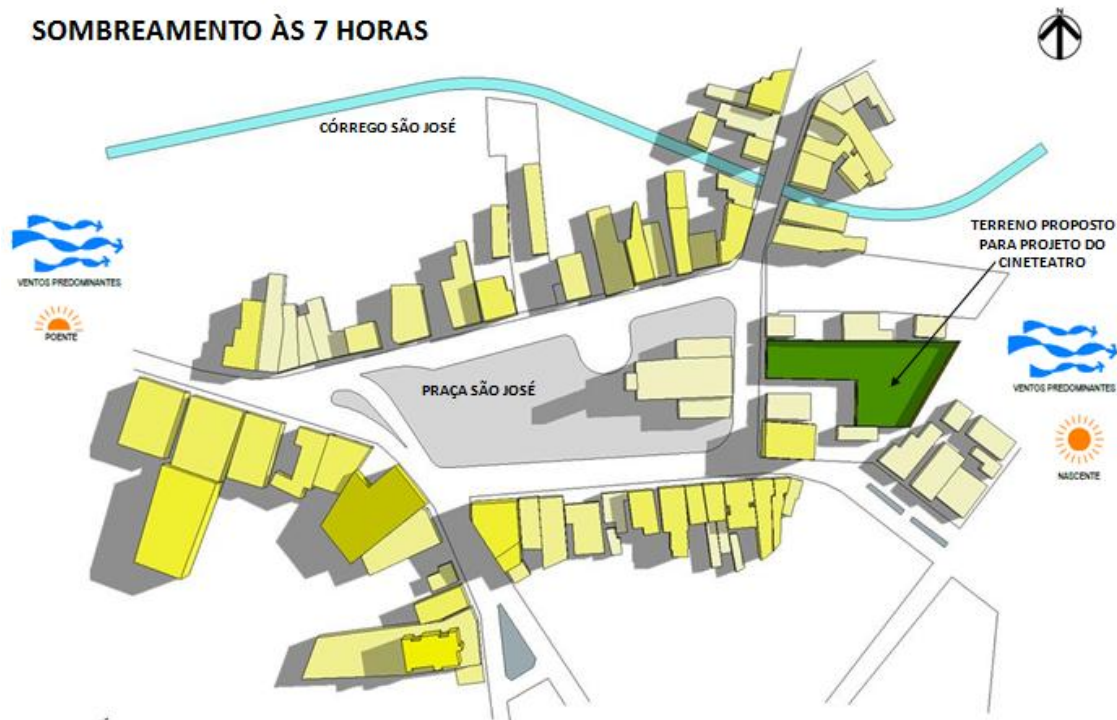
Na área onde se localiza o terreno, a altura das edificações no entorno da Praça São José é moderada, de três a nove metros, sendo assim, tanto a insolação quanto os ventos predominantes no local são bem dissipados, não prejudicando a implantação do cineteatro, que receberá ventilação e insolação necessárias. (Mapas 32 a 34).

Mapa 32: Mapa de Gabarito – Terreno Proposto – Praça São José.



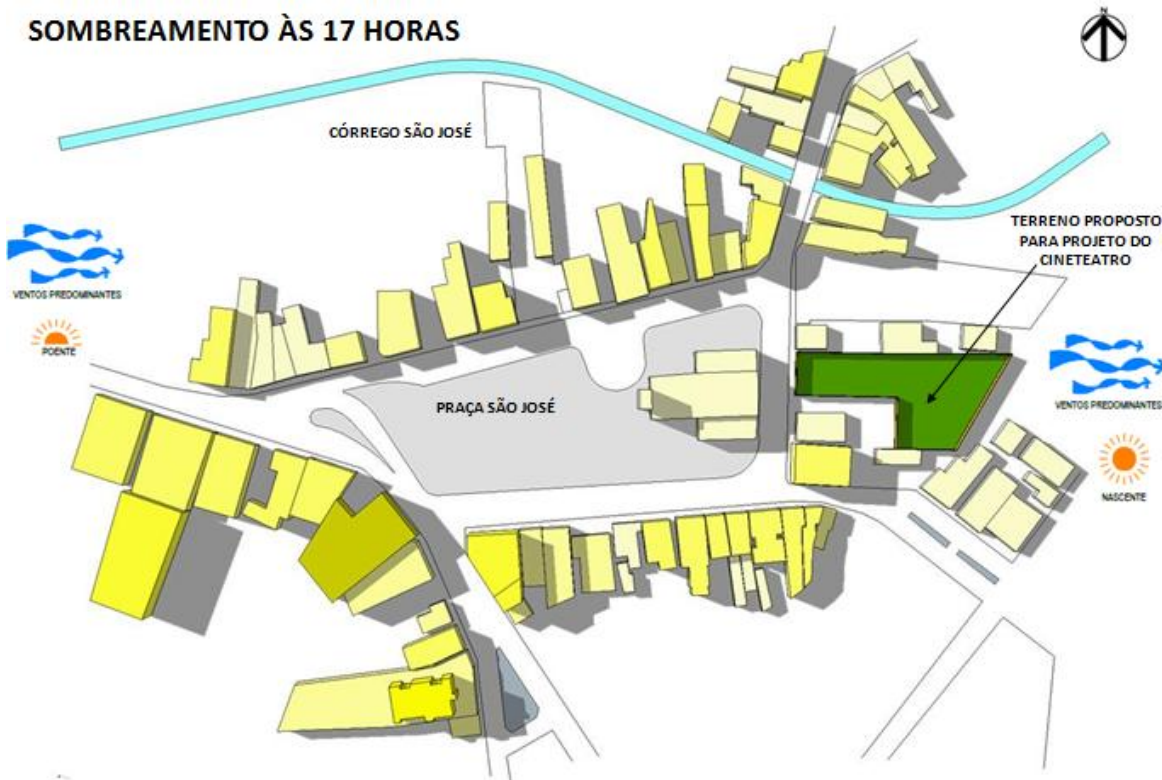
Fonte: Autora (2020).

Mapa 33: Estudo de Insolação e Ventos Predominantes – 07 hs – Terreno Proposto – Praça São José.



Fonte: Autora (2020).

Mapa 34: Estudo de Insolação e Ventos Predominantes – 17 hs – Terreno Proposto – Praça São José.



Fonte: Autora (2020).

7.4. A percepção da população de Bicas-MG sobre um projeto de Cine Teatro para a cidade

Com a utilização de um questionário virtual enviado via o aplicativo WhatsApp para uma parcela da população da cidade de Bicas, foi possível absorver a opinião das pessoas sobre a possível projeção de um Cineteatro no entorno da Praça São José. Local este escolhido, pelo fato de ser no centro da cidade e um ambiente bastante frequentado por moradores e visitantes.

O questionário alcançou cento e vinte pessoas, levando-se em consideração do momento vivido exigir isolamento social devido a uma pandemia ocorrida no país.

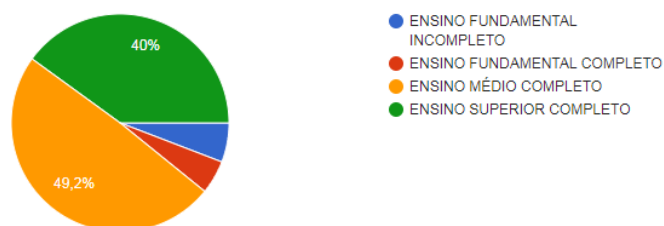
Foram realizadas dez perguntas, duas com relação à pessoa questionada e oito relacionando-se à proposta do projeto do Cineteatro na cidade.

Inicialmente foi perguntado sobre o grau de escolaridade dos entrevistados, 49,2% das pessoas possuem ensino médio completo, 40% possuem ensino superior completo, já com ensino fundamental completo são 5% dos entrevistados e 5,8% possuem ensino fundamental incompleto. (Gráfico 1).

Gráfico 1: Gráfico de Grau de Escolaridade.

QUAL É SEU GRAU DE ESCOLARIDADE?

120 respostas



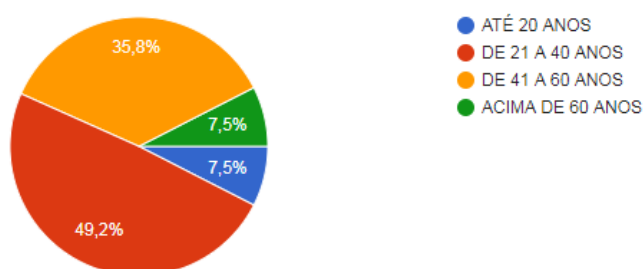
Fonte: Autora (2020).

Em seguida a pergunta foi com relação à faixa etária dos entrevistados. Jovens de 21 a 40 anos abarcam 49,2% do total, 35,8% se enquadram na faixa de 41 a 60 anos de idade, idosos e adolescentes compreendem cada um a 7,5% das pessoas entrevistadas. (Gráfico 2).

Gráfico 2: Gráfico de Faixa Etária.

QUAL É A SUA FAIXA DE IDADE?

120 respostas



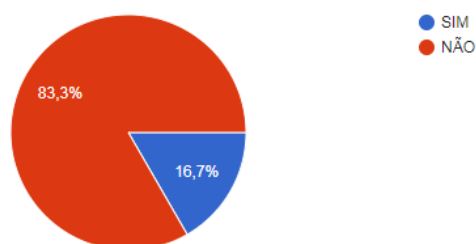
Fonte: Autora (2020).

Em seguida começam os questionamentos que compreendem a proposta de uma possível projeção de um cineteatro na cidade. A primeira pergunta quer saber se a cidade possui espaços público-privados suficientes para eventos de cultura e lazer, compreendendo à maioria dos entrevistados 83,3%, a confirmação de que não são suficientes esses espaços, e por outro lado, 16,7% acreditam ser satisfatórios estes locais. (Gráfico 3).

Gráfico 3: Gráfico de Espaços Públicos-privados de Cultura e Lazer.

VOCÊ ACHA QUE A CIDADE DE BICAS POSSUI ESPAÇOS PÚBLICO-PRIVADOS SUFICIENTES PARA CULTURA E LAZER?

120 respostas



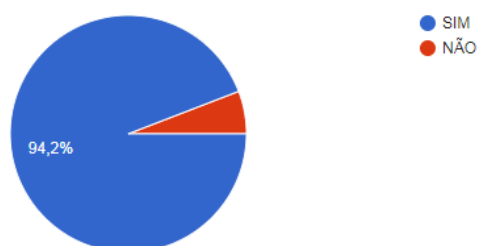
Fonte: Autora (2020).

Abarcando ainda a questão de espaço para cultura e lazer, é levantada a ideia de ser construir um espaço com essa finalidade no entorno da Praça São José no centro da cidade, e surpreendentemente 94,2% dos entrevistados apoiam a criação desse espaço. (Gráfico 4).

Gráfico 4: Gráfico de Criação de Espaço de Cultura e Lazer na Praça São José.

A PRAÇA SÃO JOSÉ NO CENTRO DA CIDADE É UM LOCAL DE ENCONTRO BASTANTE FREQUENTADO. SERIA INTERESSANTE A CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PARA CULTURA E LAZER NO SEU ENTORNO?

120 respostas



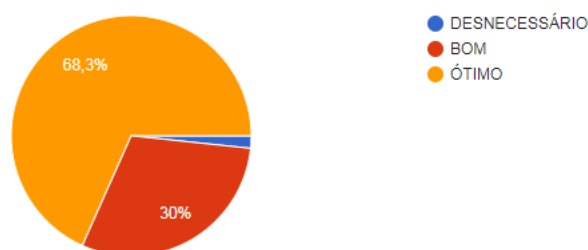
Fonte: Autora (2020).

É levantada a questão sobre as escolas da cidade não possuírem um espaço específico para certos tipos de apresentações como palestras, peças teatrais e aulas diferenciadas, indicando a possibilidade deste novo espaço ter também esta função, chegando ao seguinte resultado: 68,3% das pessoas acreditam ser ótimo utilizar o cineteatro desta forma, 30% acreditam ser bom, e apenas 1,7% não concordam com esta possibilidade. (Gráfico 5).

Gráfico 5: Gráfico de Utilização do Cineteatro pelas Escolas Locais.

AS ESCOLAS NA CIDADE NÃO POSSUEM LUGAR ESPECÍFICO PARA APRESENTAÇÕES COMO PALESTRAS, PEÇAS TEATRAIS E AULAS DIFERENCIADAS. O QUE VOCÊ ACHA DE UM ESPAÇO PARA ESTE USO?

120 respostas



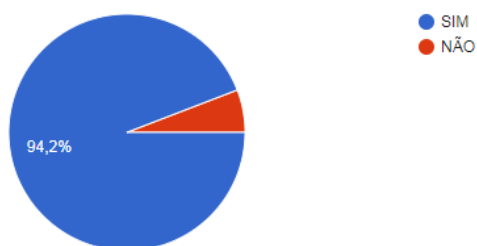
Fonte: Autora (2020).

Na sexta pergunta volta-se a atenção ao fato de atualmente não existir cinema em funcionamento na cidade, e busca a opinião se seria interessante ter este lazer novamente. Exatamente 94,2% afirmam que seria bom sim ter o cinema ativo, contra 5,8% que acreditam que o cinema não é mais tão atrativo, devido a outras ferramentas como internet e televisão por assinatura. (Gráfico 6).

Gráfico 6: Gráfico de Abertura de Cinema na cidade.

ATUALMENTE BICAS-MG NÃO POSSUI UM CINEMA ATIVO NA CIDADE. SERIA BOM TER MAIS ESSA OPÇÃO DE LAZER E CULTURA FUNCIONANDO?

120 respostas



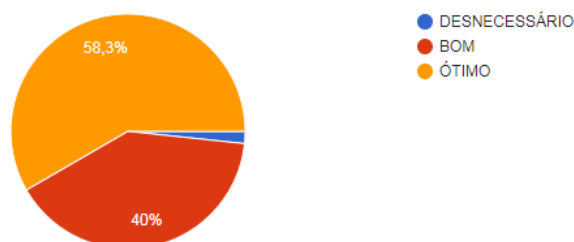
Fonte: Autora (2020).

Como a proposta está voltada para realização de duas artes no mesmo espaço, sendo elas o cinema e o teatro, é indagado aos entrevistados, o que eles achariam de ter um espaço para teatro na cidade. 58,3% da parcela entrevistada dizem que seria ótimo ter este espaço dedicado ao teatro, 40% confirmam ser bom, e apenas 1,7% acreditam ser desnecessário ter um local para esta ferramenta cultural. (Gráfico 7).

Gráfico 7: Gráfico de Espaço dedicado ao Teatro.

OUTRA ARTE QUE ANDA DE MÃOS DADAS COM O CINEMA É O TEATRO. O QUE VOCÊ ACHA DE TER UM ESPAÇO PARA O TEATRO NA CIDADE?

120 respostas



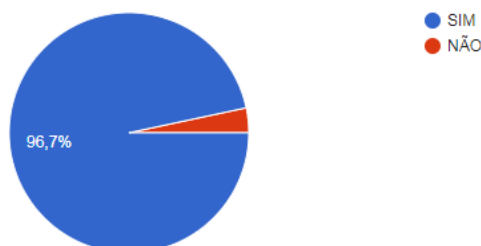
Fonte: Autora (2020).

Continuando na linha de criação de um espaço para proporcionar lazer aos moradores e visitantes da cidade, pensasse no uso deste novo local para apresentações musicais, e a maioria das pessoas 96,7% apoiam este pensamento, em contraposição a 3,3% dos entrevistados. (Gráfico 8).

Gráfico 8: Gráfico de Utilização do Cineteatro para apresentações musicais.

APRESENTAÇÕES MUSICAIS É OUTRA FORMA DE LAZER QUE AGRADA BEM ÀS PESSOAS. SERIA INTERESSANTE TER UM ESPAÇO COM ESSA FINALIDADE NA CIDADE?

120 respostas



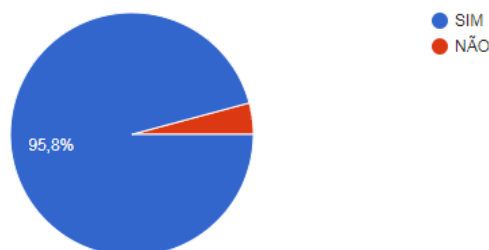
Fonte: Autora (2020).

Chegando à pergunta chave do questionário aplicado, procurando saber o apoio que a população daria a possível projeção do cineteatro no entorno da Praça São José, confere-se os seguintes resultados: 95,8% dão força à proposta, dizendo sim à ideia e 4,2% não dão credibilidade ao possível projeto. (Gráfico 9).

Gráfico 9: Gráfico de Aprovação da Proposta.

VOCÊ APOIARIA A PROPOSTA DE ESTUDO PARA UMA POSSÍVEL PROJEÇÃO DE UM CINE TEATRO EM BICAS-MG?

120 respostas



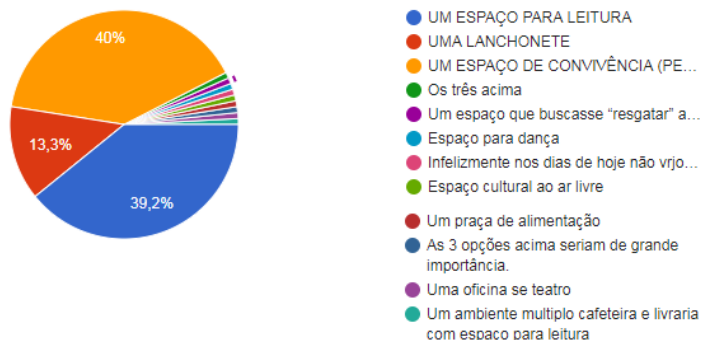
Fonte: Autora (2020).

Finalizando o questionário virtual é proposto que o entrevistado se torne o profissional que irá projetar o cineteatro, e é indagado a criar algo novo em algum espaço da edificação proposta, indicando possíveis funções como um espaço para leitura, uma lanchonete e um espaço de convivência, além de deixar aberto a outras possibilidades, e os resultados obtidos foram: 40% indicam a criação de um espaço de convivência, bem próximo deste valor, 39,2% escolhem um espaço para leitura, 13,3% uma lanchonete, 0,16% desejam os três espaços propostos, também com 0,8% um espaço que buscasse resgatar a história do município, seja com fotos antigas, jornais ou coleções privadas, 0,8% escolhem um local para dança, 0,8% acreditam ter completa falta de interesse das pessoas pelo cinema e não indicam nenhuma possibilidade, 0,8% pedem um espaço cultural ao ar livre, 0,8% indicam criação de uma praça de alimentação, 0,8% sugerem um oficina de teatro e para finalizar 0,8% criariam um ambiente múltiplo com cafeteria e livraria com espaço para leitura. (Gráfico 10).

Gráfico 10: Gráfico de Possíveis Ambientes no Cineteatro.

SE VOCÊ FIZESSE O PROJETO DO NOVO CINE TEATRO E TIVESSE UM ESPAÇO PARA CRIAR ALGO, O QUE VOCÊ COLOCARIA NESTE ESPAÇO?

120 respostas



Fonte: Autora (2020).

Após análise dos dados gerados pelo questionário virtual, pode-se constatar que uma parcela da população alcançada pela pesquisa através do aplicativo WhatsApp, consente e impulsiona a proposta para criação de um espaço dedicado à cultura e lazer na cidade, que incentivará às pessoas ao conhecimento e procurará ativar o sentimento de pertencimento e valorização local.

8. PROGRAMA DE NECESSIDADES

De acordo com as pesquisas dos estudos de caso, opinião dos entrevistados de uma parcela da população adquirida através do questionário virtual e as análises da área escolhida para implantação do Cineteatro foi possível traçar um programa de necessidades que atenderá a demanda exigida. (Tabela 1).

Este programa será composto da seguinte forma:

Pavimento térreo: área de convivência, cafeteria com espaço para leitura, bilheteria, lanchonete, foyer, escada/elevador, platéia, palco, sanitário público feminino, sanitário público feminino adaptado, sanitário público masculino, sanitário público masculino adaptado, hall de entrada camarins, camarim feminino, sanitário camarim feminino, camarim masculino, sanitário camarim masculino, almoxarifado, área descoberta permeável e carga/descarga.

Primeiro Pavimento: camarote, escada/elevador, lanchonete, espaço de convivência, sanitário público feminino, sanitário público feminino adaptado, sanitário

público masculino, sanitário público masculino adaptado, hall administrativo, sanitário administrativo feminino, sanitário administrativo masculino, diretoria, sala 1 e sala 2.

Segundo Pavimento: platéia cinema/teatro ao ar livre, palco cinema/teatro ao ar livre, lanchonete, espaço de convivência ao ar livre, escada/elevador, sanitário público feminino, sanitário público feminino adaptado, sanitário público masculino, sanitário público masculino adaptado, hall de entrada camarins, camarim feminino, sanitário camarim feminino, camarim masculino, sanitário camarim masculino.

Tabela 1: Pré-dimensionamento – Programa de Necessidades - Cineteatro.

PRÉ-DIMENSIONAMENTO - PROGRAMA DE NECESSIDADES - CINETEATRO		
PAVIMENTO	AMBIENTE	ÁREA (m²)
TÉRREO	ÁREA DE CONVIVÊNCIA	147,55
	CAFETERIA COM ESPAÇO PARA LEITURA	94,05
	BILHETERIA	12,00
	LANCHONETE	18,15
	FOYER	86,00
	ESCADA/ELEVADOR	24,00
	PLATÉIA	299,30
	PALCO	66,00
	SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO	12,85
	SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO ADAPTADO	2,15
	SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO	12,85
	SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO ADAPTADO	2,15
	HALL DE ENTRADA CAMARINS	40,50
	CAMARIM FEMININO	24,70
	SANITÁRIO CAMARIM FEMININO	6,70
	CAMARIM MASCULINO	24,70
	SANITÁRIO CAMARIM MASCULINO	6,70
	ALMOXARIFADO	25,00
	ÁREA DESCOBERTA PERMEÁVEL	464,95
1º PAVIMENTO	CAMAROTE	160,25
	ESCADA/ELEVADOR	24,00
	LANCHONETE	18,15
	ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA	98,00

	SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO	12,85
	SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO ADAPTADO	2,15
	SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO	12,85
	SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO ADAPTADO	2,15
	HALL ADMINISTRATIVO	32,90
	SANITÁRIO ADMINISTRATIVO FEMININO	6,80
	SANITÁRIO ADMINISTRATIVO MASCULINO	6,80
	DIRETORIA	25,00
	SALA 1	32,30
	SALA 2	24,85
2º PAVIMENTO	PLATÉIA CINEMA/TEATRO AO AR LIVRE	299,30
	PALCO CINEMA/TEATRO AO AR LIVRE	66,00
	LANCHONETE	18,15
	ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA AO AR LIVRE	98,00
	ESCADA/ELEVADOR	24,00
	SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO	12,85
	SANITÁRIO PÚBLICO FEMININO ADAPTADO	2,15
	SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO	12,85
	SANITÁRIO PÚBLICO MASCULINO ADAPTADO	2,15
	HALL DE ENTRADA CAMARINS	40,50
	CAMARIM FEMININO	24,70
	SANITÁRIO CAMARIM FEMININO	6,70
	CAMARIM MASCULINO	24,70
	SANITÁRIO CAMARIM MASCULINO	6,70

Fonte: Autora (2020).

9. PARTIDO PROJETUAL

9.1. Memorial Justificativo

Dentro do artigo acadêmico realizado, baseando-se em diversas fontes, estudos e análises, é proposto um projeto de um Cineteatro no centro da cidade de Bicas-MG.

Este projeto tem por conceito o resgate da identidade local com o surgimento de uma edificação contemporânea remetendo-se à arquitetura *Art Déco*, que teve destaque na cidade na década de 1930.

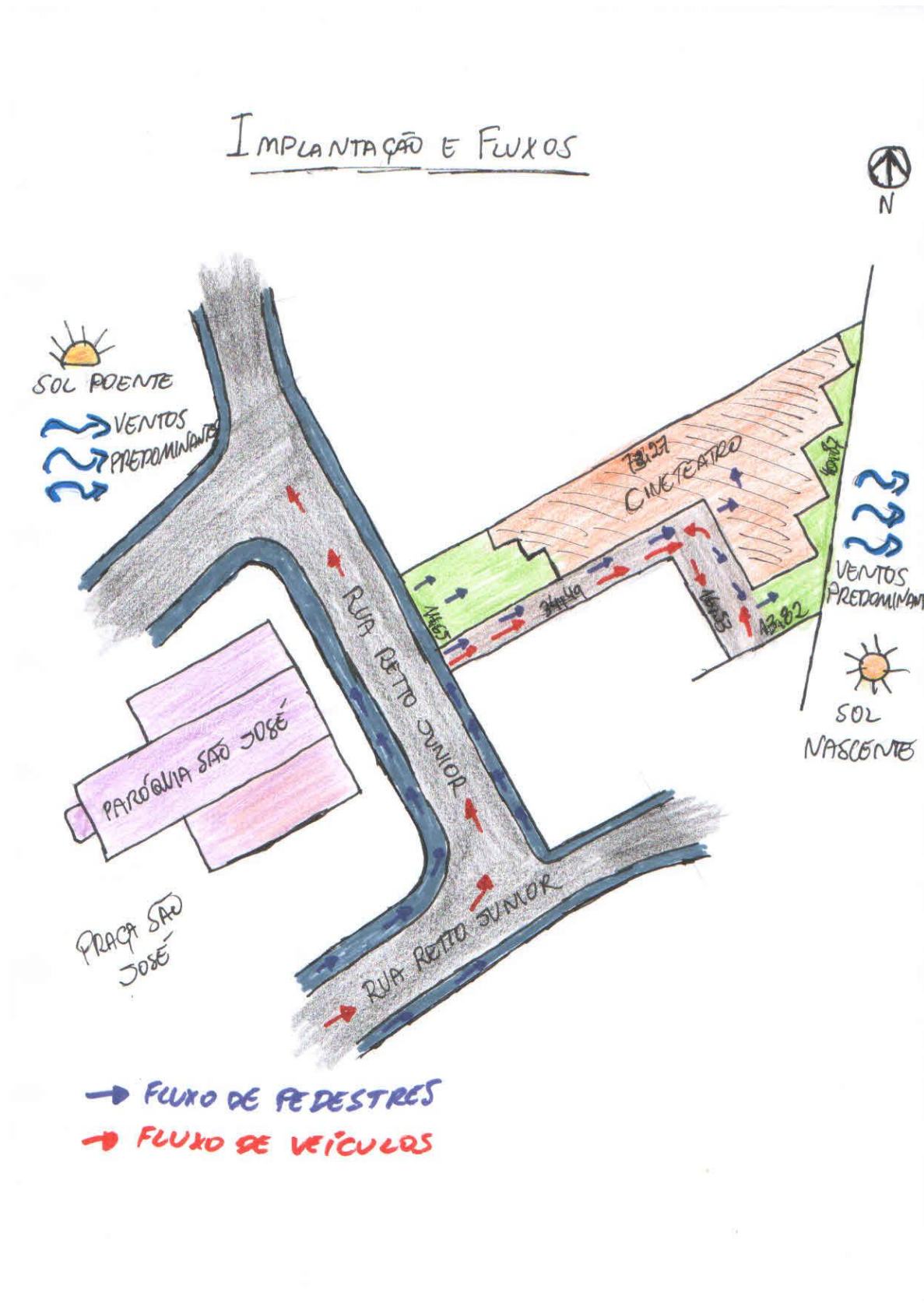
Os partidos utilizados no projeto foram: implantação, definição dos acessos, estudo de ventilação natural e insolação, volumetria marcante com o uso de materiais contemporâneos, preocupando-se com o gabarito predominante na região. A gentileza urbana estará presente através de uma área de convivência gerada em frente ao Cineteatro, juntamente com uma cafeteria com espaço de leitura para afirmar o compromisso com a provisão de cultura. E, por fim, o bem estar dos usuários através da acessibilidade no edifício e seu entorno, além da socialização que vai ocorrer em diversos espaços criados para isso, como o foyer, espaço de convivência no primeiro pavimento e espaço de convivência ao ar livre no segundo pavimento. Com relação ao processo construtivo serão utilizados concreto armado, vidro e alumínio anodizado.

9.2. Implantação, Fluxograma, Setorização e Plano de Massas

A implantação do edifício do Cineteatro foi definida através de estudos relacionados à rota solar e ventos predominantes, além das características do terreno proposto para ser construído.

Como falado anteriormente com análise nos estudos de insolação de acordo com o gabarito da área no entorno no terreno, é visto que, o edifício não seria prejudicando com grande sombreamento ou insolação, neste sentido houve preocupação em respeitar este gabarito existente para criar uma harmonia. A partir deste momento, começasse a pensar em como seria o fluxo de pedestres e veículos ao acessar o terreno onde estaria o edifício. (Mapa 35).

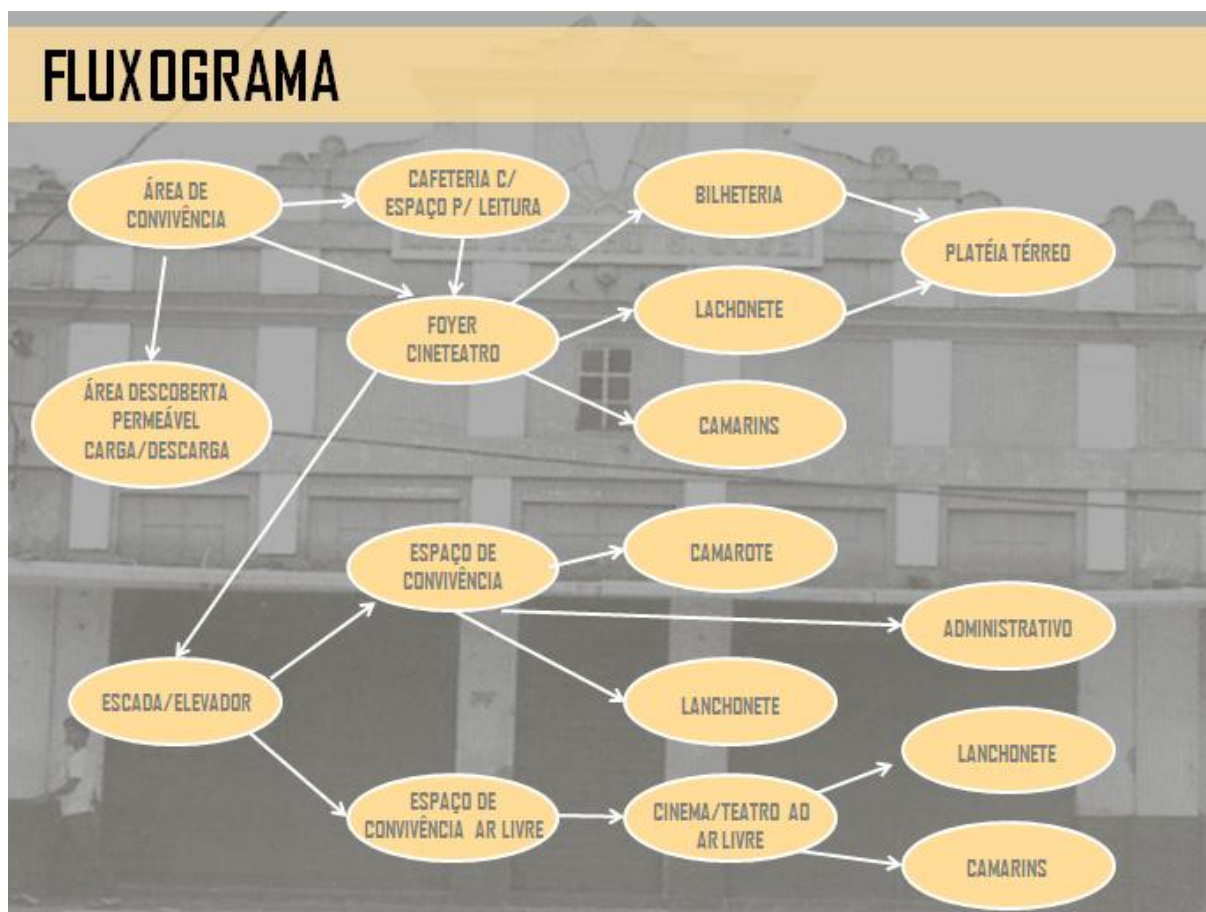
Mapa 35: Implantação e Fluxos – Cineteatro.



Fonte: Autora (2020).

Após estes estudos foi criado um fluxograma para auxiliar no entendimento de como seria o funcionamento do Cineteatro e da cafeteria com espaço para leitura, que seria construída para agregar ao espaço cultural proposto, sendo mais um espaço de lazer e local para ativação de cultura. (Figura 121).

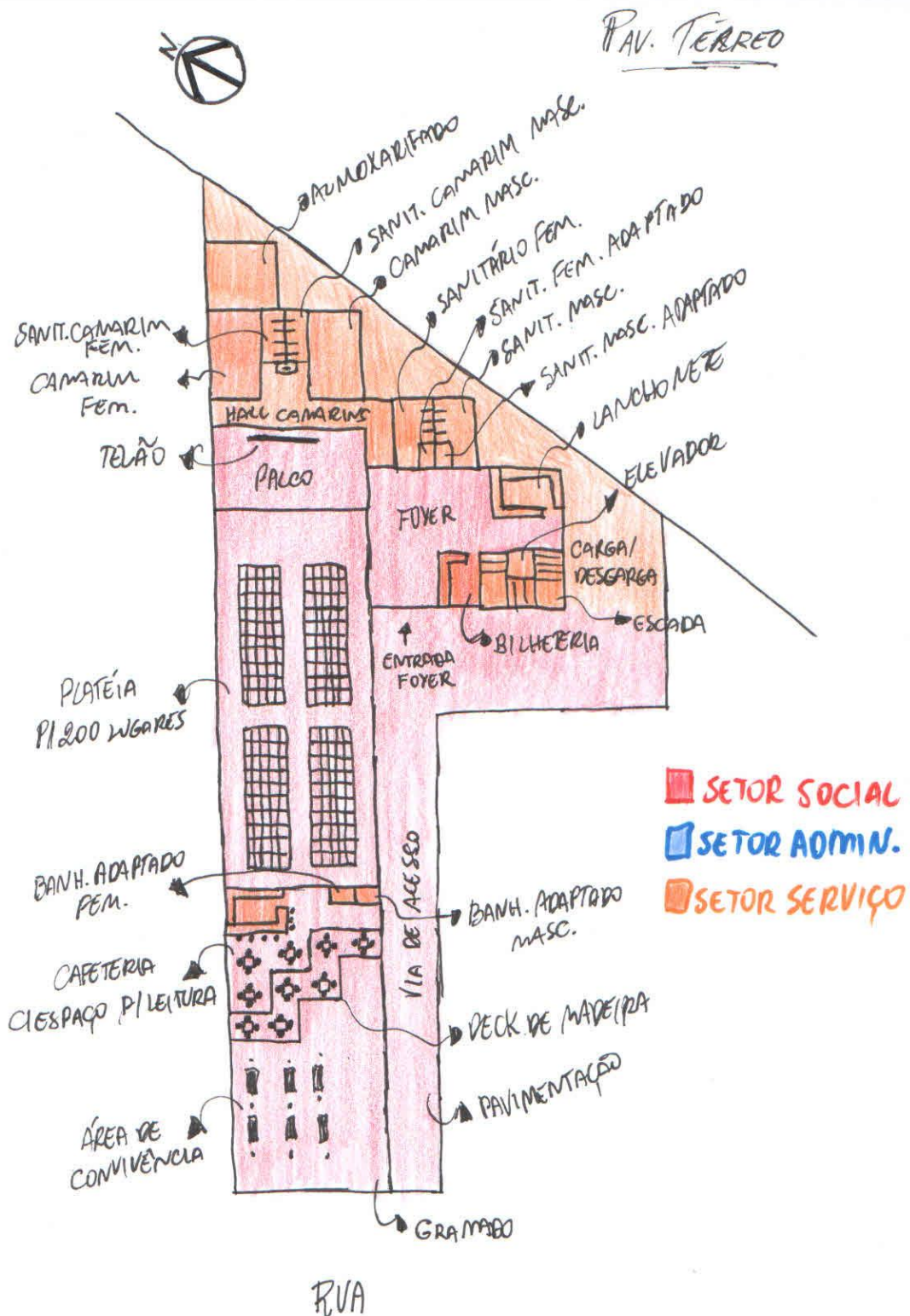
Figura 121: Fluxograma – Cineteatro.



Fonte: Autora (2020).

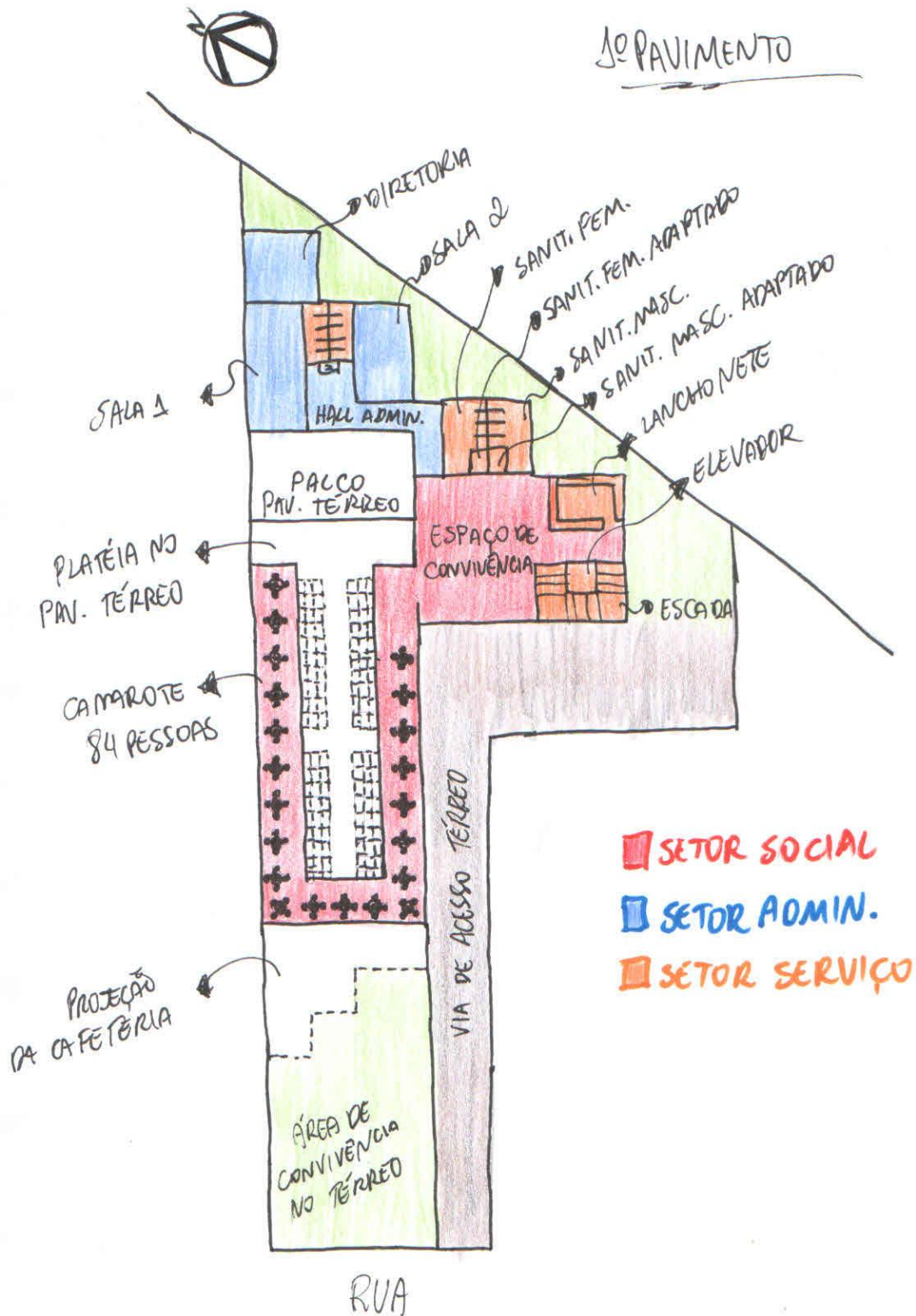
A partir deste momento foi possível setorizar de forma a atender o programa de necessidades pretendido, com isso foram criados os setores social, administrativo e serviço, além das áreas descobertas permeáveis que seriam geradas no entorno da edificação. (Mapas 36 a 38).

Mapa 36: Setorização – Pavimento Térreo – Cineteatro.



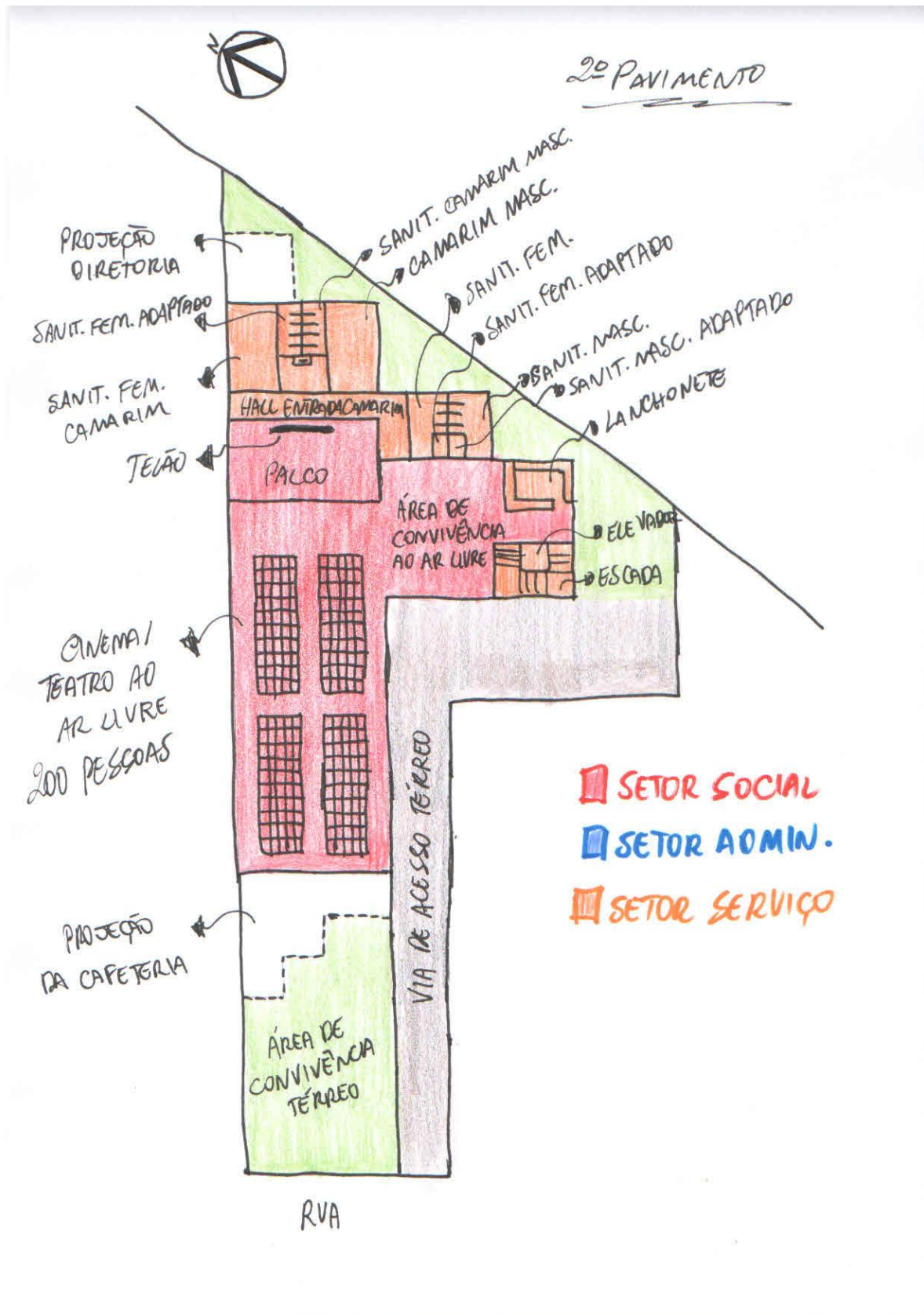
Fonte: Autora (2020).

Mapa 37: Setorização – Primeiro Pavimento – Cineteatro.



Fonte: Autora (2020).

Mapa 38: Setorização – Segundo Pavimento – Cineteatro.



Fonte: Autora (2020).

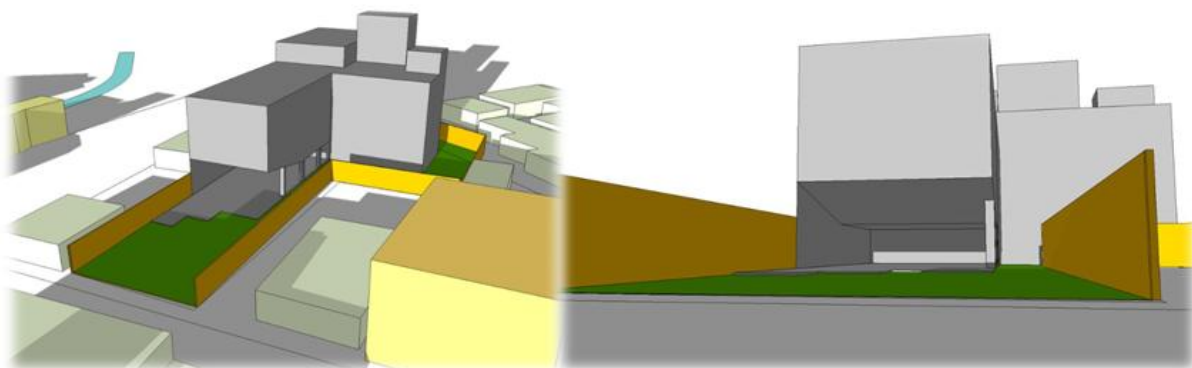
Para um melhor entendimento do plano de massas, foi feito um perfil esquemático demonstrando a relação de gabaritos na composição volumétrica do edifício, além de comparação ao gabarito do entorno, demonstração dos pavimentos que compõem a edificação e relação com a área externa. (Figura 122).

Figura 122: Perfil Esquemático - Cineteatro.



Fonte: Autora (2020).

Figura 123: Estudo de Massa - Cineteatro.



Fonte: Autora (2020).

10. CONCLUSÃO

A preservação do patrimônio nos permite manter viva a história, é necessário manter as edificações que representam um tempo histórico na cidade, porém, caso se sucumbam, ou sejam modificadas com o tempo, é interessante que hajam ferramentas que tragam à população conhecimento sobre a história local, e uma das ferramentas que podem ser utilizadas é a cultura e o lazer.

No caso da cidade de Bicas-MG, fica nítido que após aplicação de um questionário virtual, as pessoas expressaram suas opiniões sobre ter um espaço dedicado a esta questão. Fazer o resgate do cinema e do teatro que se perdeu com o tempo, traz novamente uma oportunidade de um local para integração social, trocas de experiência, estudos e conhecimento. Imaginar que boa parte das pessoas desejou ter um espaço de convivência no cineteatro e um espaço para leitura demonstra que independente de idade, nível escolar ou classe social, todos querem ter acesso a lazer e cultura, afirmando que a proposta de um local com os olhos voltados para o resgate da história local, poderá fazer seu papel de cidadania e trazer igualdade de acesso ao lazer e ao conhecimento histórico-cultural da cidade.

11. REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. Disponível em:

<<https://www.archdaily.com.br/br/765378/casa-da-musica-oma>>. Acesso em: 21 mar. 2020;

ARQUIVO ARQ. Disponível em: <<https://www.arquivo.arq.br/cristiano-stockler-das-neves>>. Acesso em: 07 abr. 2020;

CADERNO DE CINEMA. Disponível em:

<<http://cadernodecinema.com.br/blog/cinema-e-teatro/>>. Acesso em: 21 mar. 2020;

CARDOSO, Antônio Fernando Marques. **A comunicação do projeto à obra: Reabilitação do Cineteatro Capitólio.** Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes. Mestrado Integrado em Arquitectura, Lisboa, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/mia_antonio_cardoso_dissertacao>. Acesso em 21 mar. 2020;

CAPITOLIO. Disponível em:<<https://www.capitolio.pt/en/the-space>>. Acesso em: 05 abr. 2020;

CINE-THEATRO CENTRAL. Disponível em:< <http://www.theatrocentral.com.br>>. Acesso em: 21 mar. 2020;

COMERCIAL INTERIOR DESIGN. Disponível em:

<<https://www.commercialinteriordesign.com/thoughts/dubai-forced-oma-to-reinvent-ideas-on-urbanism-says-rem-koolhaas>>. Acesso em: 06 abr. 2020;

CORREIA, Telma de Barros. **Art Déco e indústria: Brasil, décadas de 1930 e 1940.** Escola de Engenharia de São Carlos-USP. Curso de Arquitectura e Urbanismo. Anais do Museu Paulista, São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5493>>. Acesso em 21 mar. 2020;

DI MARCO, Anita Regina; ZEIN, Ruth Verde. **Sala São Paulo de concertos: revitalização da estação Júlio Prestes: o projeto arquitetônico: arquitetura Nelson Dupré.** São Paulo: Alter Market, 2001;

DUARTE, Antônio Carlos. **Arquitetura Art Déco – Juiz de Fora.** Antônio Carlos Duarte. Juiz de Fora (MG): Funalfa, 2013;

DUPRÉ ARQUITETURA. Disponível em:

<<http://www.duprearquitetura.com.br/equipe.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2020;

ESCARABOTO, Cláudio José; SOUZA, Eliana Talia A.; MOREIRA, Franciane R. G.; STIEGERT, Isabela e RODRIGUES, Simone de Melo. **Edificações Históricas na Rua Marechal Deodoro: Preservação Patrimonial x Especulação Imobiliária.** Faculdade Doctum – Campus Itamar Franco. Faculdade de Arquitectura e Urbanismo. 3º Simpósio Científico 2019 do Icomos/Brasil. Autenticidade em Risco. Belo Horizonte, 2019;

FAMÍLIA DOUSSEAU. Disponível em: <<http://familiadousseau.blogspot.com/2016/02/bom-dia-todos-em-breve-nosso-jornal-o.html>>. Acesso em: 21 mar. 2020;

GALERIA DA ARQUITETURA. Disponível em: <<https://www.galeriadaarquitetura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?idproject=1357&index=1>>. Acesso em: 06 abr. 2020;

GGN. O JORNAL DE TODOS OS BRASIS. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/artes/cine-theatro-central-nove-decadas-de-emocao-por-jorge-sanglard/>>. Acesso em: 10 abr. 2020;

GOOGLE IMAGENS. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=>>>. Acesso em: 07 abr. 2020;

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 05 abr. 2020;

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Educação Patrimonial.** O que é Educação Patrimonial. Disponível em: <<https://www.academia.edu>>. Acesso em 21 mar. 2020;

MARIA DO RESGUARDO. Imagens Antigas de Juiz de Fora. Disponível em: <<https://www.mariadoresguardo.com.br/2010/05/teatro-polytheama-em-1915-do-album-do.html>>. Acesso em: 10 abr. 2020;

MEU ARTIGO. Disponível em: <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/artes/a-crianca-teatro-na-escola.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2020;

METALOCUS. Disponível em: <<https://www.metalocus.es/en/news/interview-elia-zenghelis-educating-architecture>>. Acesso em: 06 abr. 2020;

MUSSE, Christina Ferraz. **Os cinemas de Rua de Juiz de Fora:** memórias do Cine São Luiz. Christina Ferraz Musse, Gilberto Faúla Avelar Neto, Rosali Maria Nunes Henriques. Juiz de Fora (MG): Funalfa, 2017;

OMA. Disponível em: <<http://www.oma.com>>. Acesso em: 05 abr. 2020;

PORTO, Cláudia. **Art Nouveau e Art Déco.** Cláudia Porto, Museóloga. Disponível em: <<https://claudiaporto.files.wordpress.com/2013/10/art-nouveau-art-deco.pdf>>. Acesso em 21 mar. 2020;

RODRIGUES, Simone de Melo. **Relatório de Visita Técnica:** Edificações com valor histórico em Bicas-MG na visão de Simone de Melo Rodrigues. Faculdade Doctum – Campus Itamar Franco. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Juiz de Fora, 2019.

SALA SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.salasaopaulo.art.br>>. Acesso em: 05 abr. 2020;

TRIBUNA DE MINAS. Disponível em:
<<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/28-03-2017/primeiro-andar-do-cine-theatro-central-segue-liberado-ate-conclusao-de-obras.html>>. Acesso em: 08 abr. 2020;

VEIGA, Carlos Augusto Machado. **Um olhar para o passado.** Carlos Augusto Machado Veiga. Revisão Vivian Weiss. Diagramação Arte-Final Estúdio de Criação. Juiz de Fora (MG): Gráfica Editora Rio Branco, 2013;

ZOE ZENGHELIS. Disponível em: < <http://www.zoezenghelis.com/>>. Acesso em: 06 abr. 2020;

UZINA BOOKS. Disponível em:< <http://uzinabooks.com/autores/alberto-souza-oliveira/>>. Acesso em: 05 abr. 2020;

YOUTUBE. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=Yj0TPFPYrMc>>. Acesso em: 06 abr. 2020;

WORLD MONUMENTS FUND. Disponível em:<<https://www.wmf.org/project/teatro-capit%C3%B3lio>>. Acesso em: 05 abr. 2020.